

J. Norton.

Porto Maio 1842.

~~Antonio de Jesus~~
~~de Jesus~~

Encadernação. 100.

4-37

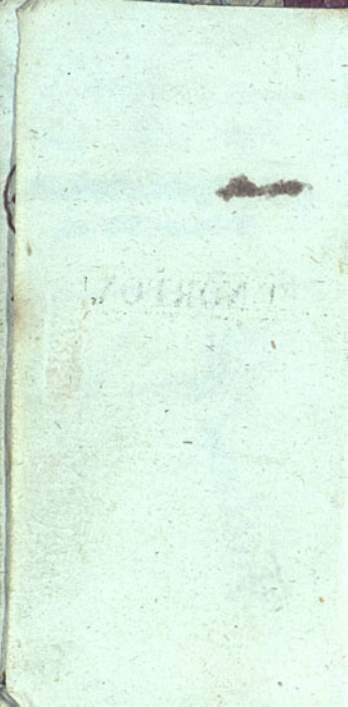
~~1~~

Fardam fcs.

03

17

17



OS
LUSIADAS
DE
LIVYS DE
Camees.

T. NORTON.



Có todas as licenças necessarias

EM LISBOA.

Por Pedro Cra-beeck Impres-
sor del Rey. An. 1626.

Agostino Livi.

Thomas Norton

C.

O. Bachand An-
tonio José Mor-
tiz Giestina



L I C E N C A S,

Visto como esta obra foy ja
vista; e impressa, e
licença pera que de nouo se im-
prima, e torne conferida com
seu original' pera se dar licenças
pera correr, e sem ella não cor-
rerá. Em Lisboa 15, de Dezem-
bro de 625.

O Bispo.

Imprimasse.

Moniz



Quo

O Ve se possa imprimir este
liuro vistas as licenças do
Sancto Officio, & Ordi-
Em Lisboa a 19. de De-
zembro de 625.

Araujo.

V. Caldeira.

E Stã conforme o Original.
Lisboa 20. de Abril de 1626.

Fr. Thomas de S. Domingos
Reuedor.

T Axão este liuro em sessenta
reis em papel a 21. de Abril
de 1626.

Araujo.

D. de Mello.

A D O M I O A M D A L
meida do Concelho delRey
nosso Senhor.



Eduzido a taõ peque-
no corpo, ofereço a v.
m.o mór gigãte do Par-
nazo, & assi como em
hũ pequeno Mappa se
cõprede toda a maqui-
na do mũdo, assi neste
breuiado volume se incluye toda a
perfeiçãõ da poezia , a qual verdade
naõ somente a conhecem os melhores
ingenhos deste tempo , mas tambem a
naõ ignorarãõ os que mais florecerãõ
no passado, pois dizêdosse diante de D.
Frãcisco de Portugal terceiro Conde do
Vimioso que este liuro era o primeiro
que em oitaua rima se imprimira em
Hespanha, respondeo & sera o derra-
deiro: tambem foy muy abonado teste-
munho o do Conde da Idanha a quem
preguntando o Autor se achara muitas
faltas no seu liuro, respõdeo hũa achei
muy notauel, que foy naõ no fazerdes
taõ pequeno que o pudessemos de-
corar logo , ou taõ grande que o naõ
pudessemos acabar de ler nunca: lo el-
Rey Dom Sebastiaõ mostrou estimalo
pouco porque trazia mais occupado o
pensamento em dar materias a escripto-
res, & poetas, que em dar lhes premios:
& daqui naceo fazerlhe taõ estreita
merce , & taõ trabalhosa na applica-
daçãõ, q̃ dezia muitas vezes o Autor

havia de pedir a elRey lhe mãdasse comutar aqueles dez mil reis de tēça, em dez mil açoutes nos Almojarifes, porē logrou a pouco tempo, q̄ perdeu logo a vida, não sō com geral sentimento da nossa nação, mas de todas as estrangeiras, onde lhe não faltarão afeiçoados q̄ dezejarão pedir os seus ossos para em sua terra lhe fazerem magnifico sepulcro; de q̄ elle tē bē pouca necessidade, porq̄ em toda a parte lhe serue de Mausoleo a sua fama, & de epitafio este seu liuro, o qual por meyo desta impressam refumi a tão pequeno espaço, porq̄ não hē justo q̄ os curiosos se cōtentē sō de o lerē, mas de o trazerē sempre cōsigo: Diamãte he, & por esta causa dino mais de engaste q̄ de encadernação; & se a ordinaria valia, & estimação dos diamantes he regulada pelas mãos q̄ os trazē, ninguem duuidarà vêdo este nas de v. m. de q̄ serà o seu preço inestimavel; satisfaça v. m. em fauorecelo não sō cō a opinião q̄ se tem da sua curiosidade, mas cō as obrigações do senhor Dom Francisco d'Almeida pay de v. m. de quē o Autor foi tão afeiçoado seruidor: q̄ embarcandosse em hũa nao para este Reyno, dizia q̄ se vinha da India porq̄ não estava nella Dō Francisco d'Almeyda, & despois continuou de modo nesta afeiçãõ q̄ adoecēdo no tēpo das alteraçõs nesta cidade de Lisboa & estãdo o sñor D. Francisco por Capitão general da Comarca de

Lamego

Lamego, se despedio delle por hũa carta (que he a vltima que sabemos sua) da qual acabarei' esta com trasladar algũas regras , para que veja este Reyno o muito que deue à sua memoria, queixasse pois de estar oprimido de doêça, de necessidades , & de tristeza de ver a Portugal diuidido em tantos bandos, & depois de particularizar cada cousa destas diz as palauras seguintes. Quem ouuio dizer nunca que em tão pequeno teatro como o de hum pobre leito , quizesse representar a fortuna tão grandes desauenturas , & eu como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte , porque procurar resistir a tantos males , pareceria especie de desauergonhamento: em fim acabarei a vida , & verãem todos que fui tão afeiçoado a minha patria , que não só me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella. Deos guarde a v. m. Lisboa 15. de Abril de 1626. annos.

Lourenço Crasbeeck.

D E T O R C A T O

Taffo.

S O N E T O.

Vasco le cui gloriosi, ardite antenne
Incôtro al Sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele efer colà ritorno

Ond'egli par che di cadere accenne

Non piu dite per asprò mar sostenne

Quel q̄ fece al Ciclope oltraggio, e scorno

Nè chi turbo l'Arpie nel suo soggiorno

Nè diè piu bel subietto a colte penne

Et hor quella del colto. e buon luigi

Tant'oltre stende il glorioso Volo

Che iruoi spalmati legni andar mē lūge

Ond'aquelli, a cui se alza il nostropolo

E achi ferma in contra i suoi Vestigi

Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

D E D O M I O A M

d'Almeida.

Nesta empreza felice que tomaste

Alta piramide a teu nome ergueste,

E a lira com que os Orbes suspendeste

Em circulo de estrellas a engastaste.

Dete louuor o mūdo a quem hōraste

E Hespanha a que cātādo engrādeceste,

Mais rica inda cos versos q̄ escreueste

Que coas Orientaes Indias q̄ cantaste.

Do Ilustre Gama os feitos celebrados

Tanto de espanto tem por ti escritos

Como tem de terror por elle obrados.

Descobridores ambos inauditos!

Elle de mares nunca nauegados,

Tu de conceitos nunca de outrè ditos.

O S

O S
LUSIADAS
DE LVIS DE
Camoões.

CANTO I.

I



As armas, & os barões
assinalados,
Que da Occidetal praya
Lusitãna,
Por mares nunca de an-
tes navegados,
Passaram, ainda além da Taprobana,
Em perigos, & guerras esloçados,
Mais do q̃ prometia a força humana.
E entre gente remota edificaraõ
Novo Reyno, que tanto sublimaraõ.

2

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reys, que forço dilatando
A Fé, o Imperio, & as terras viciozas
D'Africa, & d'Asia, andaraõ deuaçando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tão me ajudar o engenho & arte.

3

A

Ceife

C A N T O

Cefsẽ do sabio Grego, & do Troyano
 As nauegaçoẽs grandes que fizeraõ :
 Callese de Alexandro, & de Trajano,
 A fama das victorias que tiueraõ,
 E eu canto o peyto illustre Lusitano,
 Aquẽ Neptuno, & Marte obedeceraõ:
 Cesse tudo o q̃ a Musa antiga canta,
 Q̃ outro valor mais alto se aleuãta.

4.

E vos Tagides minhas, pois criado
 Tẽdes em mi hũ nouo engenho ardẽte
 Se sẽpre em verso humilde, celebrado
 Foy de mi vossõ rio alegremente,
 Daime agora hũ sõ alto, & sublimado,
 Hum estylo grandiloco, & corrente,
 Porq̃ de vossãs agoas Phebo ordene,
 Q̃ nãõ tenham enueja às de Hypocrene

5.

Daime hũa furia grande & sonora,
 E nãõ de agreste auena, ou frauta ruda
 Mas de tuba canora & belicosa,
 Q̃ o peito acẽde, & a cor ao gesto muda
 Daime igual cãto aos feitos da famosa
 Gente vossã, que a Marte tanto ajuda
 Que se espalhe & se cãte no vniuerso,
 Se tam sublime preço cabe em verso.

6.

E vos õ bem nascida segurança
 Da Lusitana antiga liberdade,
 E nãõ menos certissima esperança,
 De augmento da pequena Christadade
 Vos õ nouo temor da Maura lança,
 Maravilha fatal da nossa idade: (de
 Dada ao mũdo por Deos q̃ todo o mũdo
 Pera do mũdo a Dsos das parte grãde

P R I M E I R O. 2

Vos tenro, & nouo ramo florecēte,
De hũa aruore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianíssima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera sy na Cruz tomou.

8

Vos poderoso Rey, cujo alto Imperio
O Sol logo em nascendo vè primeiros
Veo també no meio do Hemispherio,
E quando deçe o deixa derradeiro,
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

9

Inclinay por hũ pouco a magestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra, qual na inteira idade,
Quãdo sobindo yreis ao eterno tēplo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hũ nouo exēplo
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

10

Vereis amor da patria, não mouido
De premio vil: mas alto, & quasi eterno
Que não he premio vil, ser conhecido
Por hũ pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quẽ sois senhor superno,
E julgareis qual he mais excelente,
Se ser do mundo Rey, se de tal gente:

C A N T O

Ouni, que não vereis cō vãs façanhas
 Fantásticas, fingidas, mentirofas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecerse desejas,
 As verdadeiras vossas sam tamanhas,
 Que excedem as lônhadadas fabulosas:
 Q̃ excedê Rodamôte, & o vão Rugeiro,
 E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12

Por estes vos dârey hũ Nuno fero,
 Q̃ fez ao Rey, & ao Reyno tal seruiço;
 Hũ Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero
 A Citara parelles fo cobiço:
 Pois polos doze Pares daruos quero,
 Os doze d'Inglazerra, & o seu Magriço.
 Douuos també aquelle illustre Gama,
 Que para sy de Eneas toma a fama.

13

Pois se a troco d' Carlos Rey d' Frãça,
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:
 Vede v' primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle que a seu Reyno a segurança
 Deixou, cō a grande & prospera victo-
 Outro Ioane, inuicto caualleiro, (ria.
 O quarto, & quito Afôfos, & o terceiro,

14

Nê deixarãm meus versos esquecidos
 Aquelles que nos Reynos la d'Aurora,
 Se fizerão por armas tam subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora.
 Hũ Pacheco fortissimo, & os temidos
 Almeidas, por quẽ sêpre o Tejo chora
 Albuquerque terribel, Castro forte,
 E outros é quẽ poder não teue a morte

15

E em

P R I M E I R O.

3:

E é quãto eu estes câto, e a vos nã posso
 Sublime Rey, q̃ não me atreuo a tanto,
 Tomay as redeas vos do Reyno vosso,
 Dareis materia a nunca ouuido canto
 Comecem a sentir o peso grosso,
 (Que polo mundo todo faça espanto,)
 De exercitos, & feitos singulares,
 De Africa as terras, & d' Oriẽte os ma-

de oriente m (res.
 Em vos os olhos tem o Mouro frio,
 Em quem vè seu exicio afigurado,
 Sò com vos ver o barbaro Gentio,
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:
 Thetis todo o ceruleo senhorio,
 Tem pera vos por dote aparelhado:
 Que afeiçoada ao gesto bello, & tẽro,
 Deleja de compraruos pera genro.

da sim
 Em vos se vè da Olimpica morada,
 Dos dous Aitõs, as almas ca famosas,
 Hũa na paz Angelica dourada,
 Outra polas batalhas sanguinosas:
 Em vos esperaõ, verse renouada
 Sua memoria, & obras volerosas.
 E la vos tem lugar no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade,

18

de oriente m
 Mas em quãto este tẽpo passa lento,
 De regerdes os pouos, que o desejaõ:
 Day vos fauor ao nouo atreuimento,
 Pera q̃ estes meus versos vossos sejaõ:
 E vereis ir cortando o falso argento:
 Os vossos Argonautas, porque vejaõ,
 Que sam vistos de vos no mar yrado,
 E costumaiuos ja a ser inuocado.

C A N T O

Ia no largo Oceano nauegauão,
 As inquietas ondas apartando,
 Os ventos brandamente respirauão,
 Das naos as vellas concauas Inchando:
 Da brãca escuma, os mares se mostraũ
 Cubertos, onde as proas vão cortãdo.
 As maritimas agoas consagradas,
 Que do gaão de Proteo sam cortadas.

20

Quãdo os Deoses no Olimpo luminoso
 Onde o gouerno estã, da humana gẽte
 Se ajuntão em consílio glorioso,
 Sobre as couças futuras do Oriente:
 Pisan-do o cristalino Ceo fermoso,
 Vem pela via Lãctea, juntamente
 Conuocados da parte de Tonante,
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

21

Deixão dos sete Ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado,
 Alto poder, que sò co pensamento
 Gouerna o ceo, a terra, & o mar yrado:
 Ali se acharão juntos num momento,
 Os que habitão o Arcturo congelado.
 E os q̃ o Austro tem, & as partes onde
 A Aurora nace, & o claro Sol se escõde

22

Estãua o Padre ali sublime & dino,
 Que vibra os feros rayos de Vulcano,
 Num assento de estrellas cristalino,
 Com gesto alto, seuer, & soberano,
 Do rosto respirãua hum ar diuino,
 Que diuino tornãra hũ corpo humano:
 Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
 D'outra pedra mais clara q̃ diamante.

23

Em

P R I M E I R O.

Em luzentes assentos, marchetados
 D'ouro, e de perlas, mais abaixo estauã
 Os outros Deoses todos assentados,
 Como a razão, & a ordẽ concertaõ :
 Precedem os antigos mais hórados,
 Mais abaixo os menores se assentauão:
 Quando Iupiter alto assy dizendo,
 Cum tó de voz começa, graue & horrẽ-
 (do.

24

Eternos moradores do luzente
 Estelifero polo & claro assento,
 Se do grande valor da forte gente,
 De Iuso, não perdeis o pensamento,^t
 Deueis de ter sabido claramente (to:
 Como he dos fados grãdes certo intẽ-
 Que vor ella se esqueçãõ os humanos,
 D'Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

25

Ia lhe foy (bem ó vistes) concedido
 Cum poder tão singelo & tão pequeno
 Tomar ao Meuro forte & guarnecido,
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:
 Pois contra o Castelhana tam temido
 Sempre alcançou fauor do ceo sereno.
 Afsi q̃ sempre em fim có fama & gloria
 Teue os tropheos pẽdẽtes da victoria.

26

Deixo Deoses atras a fama antiga,
 Que co a gẽte de Romulo alcançaraõ,
 Quando com Viriato, na inimiga
 Guerra Romana tanto se affamarãõ.
 Tãbẽ deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando alevantarãõ
 Hum, por seu capitão, que peregrino
 Fingio na Cerna espirito diuino.

C A N T O

Agora vedes bem, que cometendo,
 O duvidoso mar, num lenho leve
 Por vias nunca usadas, não temendo
 D'Africo & Noto a força a mais s'atre-
 q' auêdo tão ja q' as partes vêdo, (ue
 Onde o dia he cõprido, & onde breue.
 Inclinação seu proposito, & perfia
 A ver os berços, onde nasce o dia.

28

Prometido lhe está do fado eterno,
 Cujá aita ley não pode ser quebrada,
 Que tenham longos tempos o gouerno
 Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
 Nas agoas tê passado o duro Inuerno,
 A gente vem perdida & trabalhada.
 Já parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a noua terra que deseja.

29

E porque, como vistes, tem passados
 Na viagem, tam asperos perigos,
 Tantos climas & ceos experimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos
 Que sejam, de termino, agasalhados
 Nesta costa Africana como amigos.
 E tendo guarnecida a lasta frota,
 Tornarãem a seguir sua longa rotas

30

Estas palavras Iupiter dezia,
 Quando os Deoses por ordẽ respõdêdo,
 Ná sentença hum do outro disria,
 Razoês diuersas dando & recebendo.
 O padre Baco, ali nam consentia
 No que Iupiter disse, conhecendo
 Que elquegerãem seus feitos n'Oriente,
 Se la passar a Lusitana gente.

31

Ouvindo

D R I M E I R O .

Ouvido tinha aos Fados que viria
 Hũa gente fortíssima de Hespanha,
 Pelo mar alto, a qual sojeitaria
 Da India, tudo quanto Doris banha:
 E com nouas victorias venceria,
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha,
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nisa celebra inda a memoria.

32

Vê que ja teue o Indo sojugado,
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado,
 Dé quantos bebem a agoa de Parnaso.
 Temê agora que seja sepultado,
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,
 D'agoa do esquecimento, se la chegão
 Os fortes Portugueses, que nauegão,

33

Sustentaua contra elle Venus bella
 Afeição da gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nellas
 Da antiga tam amada sua Romana,
 Nos fortes corações, na grãde estrella,
 Que mostrãrao na terra Tingitana:
 E na lingua, na qual, quando imagina,
 Có pouca corrupção cre q' he a Latina.

34

Estas causas mouião Cyterea,
 E mais, porq' das Parcas claro entêde
 Que ha de ser celebrada a clara Dea,
 Onde a gente beligera se estêde.
 Assim que hũ pela infamia que arrecea,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, & na perfia permanecem,
 A qualquer seus amigos fauorecem:

35

A 5

Qual

C A N T O

Qual Austro fero, ou Boreas na espessu
De siluestre aruoredo abastecida, (ra,
Rópêdo os ramos vão da mata escura,
Com impito & braueza desmedida.
Bramia toda montanha, o só murmura,
Rópêse as folhas, ferue a serra erguida.
Ta: andaua o tumulto leuantado,
Entre os Deoses no Olimpo cófagrado.

36

Mas Marte que da Deosa sustêtaua,
Entre todos as partes em porfia,
Ou porq̃ o amor antigo o obrigaua,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deoses em pè se leuâtaua,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera tràs medonho & irado.

37

A viseira do elmo de Diamante,
Aleuantando hũ pouco, muy seguro,
Por daf seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no folio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hũ pouco a luz perdeo, como infiado.

38

E disse assi, ò padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaſte,
Se esta gête q̃ busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaſte:
Não queres que padeçaó vituperio,
Como ha ja tanto tempo q̃ ordenaſte
Não ouças mais, pois es juyz direito,
Razoões de quem parece q̃ he sospeito.

39

Que

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
 Pois que de Luso vê, seu tam priuado:
 Mas esta tenção sua, agora passe,
 Porq̃ em fim vem de estamago danado.
 Que nunca tirará alhea enueja,
 O bẽ q̃ outrem merece, & o ceo deseja.

40

E tu padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tês tomada,
 Nam tornes por detras pois he fraq̃za
 Desistir se da cousa começada.
 Mercurio pois excede em ligeireza
 Ao vento leue, & aa seta bẽ talhada,
 Lhe va mostrar a terra, óde se informe
 Da India, & onde a gente se reforme.

41

Como isto disse o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mauorte valeroso,
 E Nectar sobre todos esparzio:
 Pelo caminho Lacteo glorioso,
 Logo cada hum dos Deoses se partio,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Pera os determinados apouentos.

42

Em quanto isto se passa, na fermosaz
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente
 Cortaua o mar a gente belicosa:
 Ia la da bãda do Austro, & do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa
 Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardẽte
 Queimaua entã os Deoses, q̃ Tifeo
 Co temor grande em pexes conuerted.

C A N T O

Um brandamēte os vĕtos os leuauāo,
 como quem o ceo tinha por amigo:
 reno o ar, & os tēpos se mostrauāo
 em nuuēs, sem receio de perigo.
 O promontorio prasso ja passauāo
 a costa de Ethiopia, nome antigo.
 Vendo o mardescobriendo lhe mostraua
 duas ilhas q̃ em torno cerca, & laua.

44

Vasco da Gama, o forte Capitāo,
 e a tamanhas empresas se offerece,
 soberbo, & de altiuo coraçāo,
 quem fortuna sempre fauorece
 ra se aqui deter, nāo ve razāo,
 e inhabitada a terra lhe parece:
 e diante passar determinaua:
 e nam lhe socedeo como cuydaua.

45

Eis aparecem logo em companhia,
 e pequenos bateis, que vĕ daquella
 e mās chegada à terra parecia,
 e tanto o longo mar có larga vella:
 e se aluorosa, & de alegria
 e sabe mais que olhar a causa della.
 e gente sera estā, em sy deziaō,
 e costumes, que ley, que Rey teriāo?

46

As embarcaçōes erāo, na maneira
 e veloces, eitreitas, & compridas,
 e vellas com que vem erāo de esteira,
 e as folhas de Palma bem tecidas:
 e a cor era verdadeira,
 e Paatton, nas terras acendidas
 e mudo de, de onfado, & nā prudēte
 e o fide, & Lampetusa o sente.

47

De

De panos de algodão vinhão vestidos
 De varias cores, brancos, & listrados,
 Hús trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados,
 Das cintas pera cima vem despidos:
 Por armas tem adagas, & tarçados,
 Com toucas na cabeça, & nauegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

48

Cos panos, & cos braços aœnauaõ,
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinavaõ,
 Pera que junto às ilhas amainassem.
 A gente, & marinheiros trabalhavaõ,
 Como se aqui os trabalhos s'acabassẽ;
 Tomão vellas, amainase a verga alta,
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

49

Naõ eraõ ancorados, quãdo a gente
 Estranha, polas cordas ja subia,
 No gesto ledos vem, & humanamente,
 O Capitaõ sublime os recebia.
 As mesas manda por em continente,
 Do licor que Lieo prantado auia:
 Enchem vasos de vidro, & do q̃ deitaõ,
 Os de Phactó queimados nada engeltaõ.

50

Comendo alegremente pergütavaõ,
 Pela Arabica lingua, donde vinhaõ?
 Quem eraõ? de q̃ terra? que buscauaõ,
 Ou que partes do mar corrido tinhaõ?
 Os fortes Lusitanos lhe tornavaõ,
 As discretas repostas que conuinhaõ.
 Os Portugueses somos do Ouidete,
 Bimõs buscando as terras do Oriente.

C A N T O

Do mar temos corrido, & nauegado
 Toda a parte do Antartico, & Calisto,
 Toda a costa Africana rodeado,
 Diuerfos Ceos, & terras temos visto:
 Dum Rey potente fomos, tam amado,
 Tam querido de todos, & bem quisto:
 Que não no largo Mar, có leda fronte:
 Mas no lago entraremos de Acheróte.

52

E por mádado seu, buscádo andamos
 A terra Oriental, que o Indo rega,
 Por elle o Mar remoto nauegamos,
 Que só dos feos Focas se nauega:
 Mas ja razaó parece que saibamos,
 Se entre vos a verdade não se nega.
 Quem sois, q̄ terra he esta que habitais?
 Ou se tendes da India algús finais?

53

Somos, hũ dos das ilhas lhe tornou,
 Estrangeiros na terra, ley, & naçaó
 Que os proprios, saó aquelles q̄ criou
 A natura sem ley, & sem razaó:
 Nos temos a ley certa que ensinou,
 O clarø descendente de Abrahaó:
 Que agora tem do mundo o senhorio,
 A máy Hebreá teue, & o pay Gentio.

54

Esta ilha pequena que habitamos,
 He em toda esta terra certa escala,
 De todos os que as ondas nauegamos,
 De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
 E por ser necessaria, procuramos,
 Como proprios da terra, de habitala.
 E porque tudo emfim vos notifique,
 Chamase a pequena ilha Mogambique

E ja que de tam longe nauegais,
 Buscádo o Indo Idaspe, & terra ardête,
 Piloto aqui tereis, por quem sejais
 Guiados pelas ondas sabiamente.
 Tambem serà bem feito que tenhais,
 Da terra algum refresco, & q̃ o Regête
 Que esta terra gouerna, que vos veja,
 E do mais necessario vos prouēja.

56

Isto dizendo, o Mouro se tornou
 A seus bateis com toda a companhia,
 Do Capitaõ, & gente se apartou,
 Com mostras de deuida cortesia:
 Nisto Phebo nas agoas encerrou,
 Co carro de Christal, o claro dia:
 Dando cargo à irmã que alumiasse,
 O largo mundo, em quanto repoufasse.

57

A noite se passou na lassa frota,
 Com estranha alegria, & não cuidada,
 Por acharem da terra tam remota,
 Noua de tanto tempo desejada:
 Qualquer entaõ consigo, cuida, & nota
 Na gente, & na maneira defusada:
 E como os que na errada Ceita crêraõ
 Tanto por todo o mundo se estêderao.

58

Da Lúa os claros rayos rutilauaõ,
 Polas argenteas ondas Neptuninas,
 As Estrellas os Ceos acompanhauaõ.
 Qual campo reuestido de boninas,
 Os furiosos ventos repoufauaõ,
 Polas couas escuras peregrinas.
 Porem da armada a gente Ogiaua,
 Como por longo tempo costumaua.

C A N T O

Mas aſſi como a Aurora marchetada
 Os fermofos cabellos eſpalhou,
 No Ceo ſereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hiperionio que acordou, (da
 Começa a embãdeirarſe toda a arma-
 E de toldos alegres ſe adorno:
 Por receber com feſtas, & alegria,
 O Regedor das ilhas que partia.

60

Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Luſitanas,
 Com refreſco da terra, em ſi cuidando,
 Que ſaõ aquellas gentes inhumanas:
 Que os apoſentos Caſpiõs habitando,
 A conquistar as terras Aſianas
 Vierão: & por ordem do deſtino,
 O Imperio tomarão a Coſtantino.

61

Recebe o Capitaõ alegremente,
 O Mouro, & toda ſua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que ſó pera eſte effeito ja trazia:
 Dalhe conſerua doce, & dalhe o ardẽte
 Não vſado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

62

Eſtã a gente maritima de Luſo,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o eſtrangeiro modo, & vſo,
 A lingoagem tam barbara, & enleada.
 Tambem o Mouro aſtuto eſta confuſo,
 Olhãdo a cor, o trajo, & a forte armada
 pergunta: ſo tudo lhe dezi,
 e por ventura vinhaõ de Turquia.

63

E mais

E mais lhe diz tambem, q̄ ver deseja
 Os liuros de sua ley, preceito, ou fé,
 Pera ver se conforme à sua seja,
 Ou se faó dos de Christo, como crê:
 E porque tudo note, & tudo veja,
 Ao Capitaó pedia, que lhe dè
 Mostra das sortes armas de q̄ vsauaó,
 Quando cos inimigos pelejauaó.

64

Responde o valeroso Capitaó,
 Por hum que a lingua escura bẽ sabia.
 Darteey senhor illustre relaçaó
 De my, da ley, das armas que trazia:
 Nem sou da terra, nem da geraçaó,
 Das gentes enojosas de Turquia:
 Mas sou da forte Europa belicosa,
 Busco as terras da India tam famosa?

65

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visuel, & inuisuel,
 Aquelle que criou todo o Emisphério,
 Tudo o que sente, & todo o insensuel
 Que padeceo deshonna, & vituperio,
 Sofrendo morte injusta, & insufriuel:
 E que do Ceo à terra emfim deceo,
 Por subir os mortais da terra ao Ceo.

66

Deste Deos homem, alto, & infinito,
 Os liuros que tu pedes, naó trazia,
 Que bem posso escusar trazer escrito
 Em papel, o que na alma andar deuia.
 Se as armas queres ver, como tês dito,
 Comprido esse desejo te seria: (go
 Como amigo as veràs, porq̄ tu me obri
 Que nũca as queiras yer como inimigo

67

A 9

Hto

C A N T O

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros, amostrear as armaduras,
 Vem arneses, & peitos reluzentes,
 Malhas finas, & laminas seguras,
 Escudos de pinturas diferentes,
 Pilouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, & sagittíferas aljauas,
 Partasanas agudas, chuças brauas.

68

As bombas vem de fogo, & jūtamente
 As panellas sulfureas, tam danosas,
 Porem aos de Vulcano não consente
 Que dem fogo às bóbardas temerosas:
 Porque o generoso animo, & valente,
 Entre gentes tão poucas, & medrosas,
 Não mostra quanto pôde, & cõ razão,
 Que he fraqueza entre ouelhas ser liaõ

69

Poré disto que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o q̃ vio, com olho atento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Hũa vontade mà de pensamento.
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou
 Mas com risonho, & ledo fingimento,
 Tratalos brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina,

70

Pilotos lhe pedia o Capitaõ,
 Por quem podesse à India ser leuado,
 Dizlhe, que o largo premio leuarã,
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Prometelhes o Mouro, com tenção
 De peito venenoso, & tão danado:
 Que a mente se podesse neste dia,
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mà vótade,
 que aos estrangeiros fupito tomou,
 sabendo fer fequaces da verdade,
 que o filho de Daud nos ensinou,
 O segredos daquella eternidade
 A quem juizo algum não alcançou.
 Que nunca falte hum perfido inimigo,
 A aquelles de quem fofte tanto amigo?

72

Partiofe nifto emfim co a cõpanhia
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa, & grande cortelia,
 Com geifto ledo a todos, & fingido:
 Cortãraõ os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obfequente ajuntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito aposento.

73

Do claro aféto Etereo, o graó Tebano
 Que da paternal coxa foy nascido
 Olhando o ajuntamento Lusitano,
 Ao Mouro fer molesto, & auorrecido:
 No pensamento cuyda hũ falso engano
 Com que feja de todo destruydo.
 E em quáto ifto só na alma imaginava,
 Configo estas palauras praticava.

74

Estã do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famosas,
 Ajaõ os Portuguefes alcançado,
 Das Indianas gentes belicofas.
 E eu só filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generofas:
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça
 Outré, por quê meu nome se escureça?

C A N T O

Ia quiferaõ os Deoses que tiueffe,
 O filho de Filipo ne sta parte,
 Tanto poder, que tudo fometeße
 Debaixo do feu jugo, o fero Marte:
 Mas hafse de sofrer que o Fado deffe,
 A tam poucos tamanho esforço, & arte
 q̃ eu co graõ Macedonio, & co Romano
 Demos lugar ao nome Lusitano?

76

Não ferà afsi, porq̃ antes q̃ chegado
 Seja este Capitaõ, astutamente
 Lhe ferà tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente:
 Eu decerey à terra, & o indignado
 Peito, réuoluerey na Maura gente,
 Porque sempre por via irà direita
 Quem do oportuno tẽpo se aproucita.

77

Isto dizendo irado, & quasi infano,
 Sobre a terra Africana descendeo, (no
 Onde vestindo a forma, & gesto huma-
 Pera o Prasso sabido se moueo.
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se conuerteo,
 Dim Mouro, em Moçambiã conhecido
 Velho, sabio, & co Xequê muy valido.

78

E entrãdo afsi a falarlhe, a tẽpo, & ho
 A fua falsidade acomodadas, (ras
 Lhe diz como eraõ gentes roubadoras
 Estas que ora de ncuo faõ chegadas:
 Que das naçoẽs na costa moradoras,
 Correndo a fama veyo, que roubadas,
 Forão pòr veyes homẽs que passauaõ,
 Que cõ pactos de paz sẽpre ancorauaõ
 E sabe

E sabe mais, lhe diz, como entêdido
 Tenho destes Christãos sanguinolêtos,
 Que quasi todo o mar tem destruido,
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem ja de longe engano vrdido,
 Contra nos, & que todos seus intentos
 Saó pera nos matarem, & roubarem,
 E molheres, & filhos captiuarem.

80

E também sey que tem detêrminado,
 De vir por agoa a terra muito cedo,
 O Capitaó dos seus acompanhado,
 Que da tenção danada nasce o medo:
 Tu deues de ir també cos teus armado.
 Esperallo em cilada, occulto, & quedo:
 Porque saindo a gente descuidada,
 Cairám facilmente na cilada.

81

E se inda não ficarem deste feito,
 Destruídos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginado no conceito,
 Outra manha, & ardil que te contentê:
 Mandalhe dar Piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, & tam prudête,
 Que os leue aonde sejaó destruydos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

82

Tanto que estas palauras acabou,
 O Mouro nos tais casos, sabio, & velho
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo nesse instante concertou,
 Pera a guerra o beligero aparelho:
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

83

E busca

C A N T O

E busca mais pera o cuidado engano,
 Mouro q̄ por Piloto à nao lhe mande,
 Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano
 De quem fiar se possa hum feito grãde,
 Dizlhe que acompanhando o Lusitano
 Por tais costas, & mares co elle ande:
 Que se daqui elcapar, que la diante
 Va cair onde nunca se aleuante.

84

Ia o rayo Apolineo visitaua,
 Os montes Nabatheos acendido,
 Quando Gama cos seus determinaua,
 De vir por agoa a terra apercebido:
 A gente nos bateis se concertaua,
 Como se fosse o engano ja sabido:
 Mas pode sospeitar-se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

85

E mais tãbem mandado tinha a terra
 De antes pelo Piloto necessario:
 E foilhe respondido em som de guerra
 Caso do que cuidaua muy contrario:
 Por isto, & porque sabe quanto erra,
 Quem se cre de seu perfido aduersario,
 Apercebido vay como podia,
 Em tres bateis samente que trazia.

86

Mas os Mouros q̄ andauaó pela praya
 Por lhe defender a agoa desejada,
 Hũ de escudo abraçado, & de azagaya
 Outro de arco encuruado, & seta erua-
 Esperaó q̄ a guerreira gente sayá, (da:
 Outros muitos ja postos em cillada.
 E porque caso leue se lhe faça,
 Poem hũs poucos diante por negaça.

87

Andaó

Andaó pela ribeira alua arenosa,
 Os belicofos Mouros acenando,
 Com a adarga, & co a hastea perigofa,
 Os fortes Portuguefes incitando:
 Naó sofre muito a gente generofa,
 Andarlhe os caés os dentes amostrádo
 Qualquer em terra saltá tam ligeiro,
 Que nenhum dizer pode q he primeiro

88

Qual no corro ságuino, o ledo amáte
 Vendo a fermofa dama defejada,
 O Touro busca, & pondofe diante,
 Salta, corre, sibila, acena, & brada:
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramádo duro corre, & os olhos cerra
 Derriba, fere, & mata, & poé por terra.

89

Eis nos bateis o fogo se leuanta,
 Na furiofa, & dura artilheria,
 A plumbea pela mata, o brado espanta:
 Ferido o ar retumba, & affouia:
 O coraçam dos mouros se quebranta,
 O temor grande o fangue lhe refria,
 Ia foge o escondido de medrofo,
 E morre o descuberto auenturofo,

90.

Náo se contéta a gente Portuguefa:
 Mas seguindo a victoria efrue, & mata
 A pouoação sem muro, & sem defefa,
 Esbombardea, acende, & desbarata.
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pefa,
 Que bem cuidou cóprala mais barata:
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,
 O velho inerte, & a mãy q o filho cria:
 Fugindo,

C A N T O

Fugindo, a seta o Mouro vay tirado
 Sem força, de couarde, & de apressado
 A pedra, o pao, & o cãto arremessando
 Dalhe armas o furor desatinado:
 Ia a Ilha, & todo o mais, desemparrado,
 Aã terra firme foge amedrontado.
 Passa, & corta do mar o estreito braço
 q̃ a ilha em torno cerca, em pouco espaço

92

(50.

Hũs vaõ nas almadias carregadas,
 Hum corta o mar a nado diligente,
 Quem se afoga nas ondas encurvadas,
 Quem bebe o mar, & o deita juntamẽte
 Arrombão as meudas bombardadas
 Os Pangayos sotis da bruta gente.
 Desta arte o Portugues emfim castiga,
 A vil malicia, perfida, inimiga.

93

Tornão victoriosos pera a armada,
 Co despojo da guerra, & rica presa,
 E vão a seu prazer fazer agoada,
 Sem achar resistencia, nem defesa
 Ficava a Maura gente magoada,
 No ódio antigo, mais que nunca acesa.
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

94

Pazes cometer manda arrependido,
 O Regedor daquella inica terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe mãda guerra:
 Porque o Piloto falso prometido,
 Que toda a mã tẽção no peito encerra,
 Pera os guer à morte lhe mandava,
 Como em lual das pazes q̃ tratava.

95

O Capít.

O Capitão, q̄ ja lhe entaõ cõuinha,
Tornar à seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & vêtos tinha,
Pera ir buscar o Indo desejado.

Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro, a tento
As vellas manda dar ao largo vento.

96
Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite diuidia,
Das filhas de Nerêo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.

O Capitão, que naõ cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro vrdia
Delle muy largamente se informava,
Da India toda, & costas que passava.

97
Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malèuolo Baco lhe ensinara
De morte, ou captiueiro novos danos,
Antes que à India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara.
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98
E dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,
Que perto està hũa ilha, cujo assento,
Pouo antigo Christaõ sempre habitou:
O Capitão que a tudo estava atento,
Tanto co estas novas se alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogava,
Q̄ o leue à terra onde esta gente estava.

O mesmo o falso Mouro determina,
 E o seguro Christão lhe máda, & pede,
 Que a ilha he possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Mahamede.
 Aqui o engano, & morte lhe imagina,
 Porã em poder, & forças muito excede
 A Moçambique, esta ilha que se chama
 Quiloa muy conhecida pola fama.

100

Pera là se inclinava a leda frota:
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,
 Vendo como deixava a certa ròta,
 Por ir buscar a morte não cuidada,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a gente della tanto amada.
 E com ventos contrarios a desuia,
 Donde o Piloto falso a leua, & guia.

101

Mas o malvado Mouro não podêdo,
 Tal determinação levar auante,
 Outra maldade inica cometendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo
 Os leuãrão por força por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente,
 Erão Christãos cõ Mouros juntamête.

102

Tambem nestas palauras lhe mêtia,
 Como por regimento emfim leuava,
 Que aqui gente de Christo não auia.
 Mas a que a Mahamede celebraua,
 O Capitão que em tudo o Mouro cria,
 Virando as vellas, a ilha demandava:
 Mas não querêdo a Deosa guardadora
 Não entrã ella barra, & surge fora.

103

Estava

Estava a ilha à terra tam chegada,
 Que hum estreito pequeno a diuidia,
 Ha cidade nella situada,
 Que na frente do mar apparecia,
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fora, ao longe descobria,
 Regida por hum Rey de antiga idade,
 Mobaça he o nome da ilha, & da Cidade.

104

E sendo a ella o Capitão chegado,
 Estranhamente iedo, porque espera
 De poder ver o pouo baptizado,
 Como o falso Piloto lhe dissera:
 Eis vem bateis da terra com recado
 Do Rey, que ja sabia a gente que era,
 Que Baco muito de antes o auisara,
 Na forma doutro Moero que tomara.

105

O recado que trazem he de amigos
 Mas debaxo o veneno vem cuberto,
 Que os pensamentos eraõ de inimigos,
 Segundo foy o engano descoberto.
 Ô grandes, & grauíssimos perigos,
 Ô caminho de vida nunca certo:
 Que aonde a gente poem sua esperãça,
 Tenha a vida tão pouca segurança.

106

No mar tãta tormenta, & tãto dano
 Tantas vezes a morte apercebida,
 Na terra, tanta guerra, tanto engano,
 Tanta necessidade auorrecida:
 Onde pode acolherse hũ fraco humano
 Onde terã segura a curta vida? (no
 q̃ não se arme, & se indigere o Ceo fere-
 Cõtra hũ bicho da terra tão pequeno.

Fim.;

B:

CAN-

CANTO II.

1



A neste tẽpo o lucido
Planeta,
Que as horas vay do
dia distinguindo,
Chegaua à desejada, &
lenta Meta,
A luz celeste às gentes encobrando:
E da casa maritima secreta, (brindos
Lhe estaua o Deos nocturno a porta a-
Quando as infidas gentes se chegãraõ
Aas naos, que pouco auia q̃ ancorãraõ.

2

D'antre elles hũ q̃ traz encomẽdado,
O mortifero engano, assi dezia.
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, & falsa via,
O Rey que mãda esta ilha, aluoroçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalharte,
Verte, & do necessario reformarte.

3

E porque està em extremo deseioso
De te ver, como coufa nomeada,
Teroga que de nada receoso
Entres a barra tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Traràs a gente debil, & cançada,
Diz que na tẽta podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

4

E se

E se buscando vas mercadoria,
 Que produz o aurifero Leuante,
 Canella, Crauo, ardente especiaria,
 Ou Droga salutifera, & prestante:
 Ou se queres luzente pedraria,
 O Rubi fino, o rigido Diamante:
 Daqui levaràs tudo tam sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo.

5

Ao mensageiro o Capitão responde
 As palauras do Rey agradecendo,
 E diz, que porq̃ o Sol no mar se escóde
 Não entra pera dentro obedecendo,
 Porem q̃ como a luz mostrar por onde
 Va sem perigo, a frota não temendo,
 Comprira sem receyo seu mandado,
 q̃ a mais por tal senhor està obrigado.

6

Pergũtalhe despois, se estão na terra
 Christãos, como o Piloto lhe dizia,
 O mensageiro astuto que não erra,
 Lhe diz, q̃ a mais da gēte em Cristo cria
 Desta sorte do peito lhe desterra
 Toda a sospeita, & cauta fantasia:
 Por onde o Capitão seguramente,
 Se fia da infiel, & falsa gente.

7

E de algũs que trazia condenados,
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,
 Porque podessem ser auenturados,
 Em casos desta sorte duuidosos:
 Manda dous mais sagazes, ensayados,
 Porque notem dos Mouros enganosos,
 A Cidade, & poder, & po^{de} que vejaõ,
 Os Christãos, que só tanto ver desejaõ.

8

B 3

E poe

C A N T O

E por estes ao Rey presentes manda
 Porque a boa vontade que mostrava,
 Tinha firme, segura, limpa, & branda,
 A qual bé ao contrario em tudo estava.
 Ia a companhia perida, & nefanda
 Das naos se despedia, & o mar cortava
 Foraõ com gestos ledos, & fingidos
 Os dons da frota em terra recebidos:

9

E depois que ao Rey apresentaraõ,
 Co recado os presentes que traziaõ,
 A Cidade correraõ, & notaraõ
 Muito menos daquillo que queriaõ,
 q os Mouros cautelosos se guardaraõ
 De lhe mostrarem tudo o que pediaõ.
 q onde reyna a malícia, esta o receyo
 Que a faz imaginar no peito alheyo.

10

Mas aquelle q sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, & foy nascido
 De duas máys: que vrdia a falsidade,
 Por ver o nauegante destruydo.
 Estava em húa casa da Cidade,
 Com rosto humano, & habito fingido
 Mostrandose Christaõ, & fabricava
 Hum altar sumptuofo que adorava.

11

Ali tinha em retrato afigurada
 Do alto, & Sancto spirito a pintura,
 A candida pombinha debuxada,
 Sobre a vnica Phenix virgem pura,
 A companhia sancta esta pintada,
 Dos doze tam toruados na figura,
 Como os qu'fo das lingoas q cairaõ,
 De fogo, varias lingoas reteriraõ.

Aqui os dous cópanheiros códuzidos
 Onde com este engano Baco estava,
 Poem em terra, os gíolhos, & os sétidos
 Naquelle Deos, q̃ o mundo governua
 Os cheiros excellentes produzidos,
 Na Panchaya odorifera queimaua
 O Thioneú, & así por derradeiro
 O falso Deos adora o verdadeiro. 7

13

Aqui foraõ denoite agasalhados,
 Com todo o bó, & honesto tratamengo
 Os dous Christãos, não vêdo q̃ engana-
 Os tinha o falso, & são fingimêto: (dos
 Mas así como os raios espalhados
 Do Sol foraõ no múdo, & num momêto
 Apareceo no rubido Orizote,
 Na moça de Titão a roxa fronte.

14

Tornão da terra os Mouros co recado
 Do Rey, pera q̃ entrassem, & consigo
 Os dous que o Capltão tinha mãdado,
 A quẽ se o Rey mostrou sincêro amigo:
 E sendo o Portugues certificado
 De não auer receyo de r erigo,
 E que gente de Christo em terr: auia,
 Dentro no falso rio entrar queria.

15

Dizêlhe os q̃ mãdou, q̃ em terra viraõ
 Sacras aras, & sacerdote sancto,
 Que ali se agasalhãrão, & dormiraõ,
 Em quanto a luz cubrio o escuro máto
 E que no Rey, & gentes não sentiraõ
 Senão contentamento, & gosto tanto,
 Que não podia certo aq̃r sospeita
 N'húa mostra tão clara, & tão perfeita.

C A N T O

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros que subiaõ,
 Que leuemente hum animo se fia
 De mostras que tam certas pareciaõ:
 A nao da gente perfida se enchia,
 Deixádo a bordo os barcos q̄ traziaõ:
 Alegres vinhão todos, porque crem
 Que a presa desejada certa tem.

17

Na terra cautamente aparelhauaõ,
 Armas, & moniçoës, & que se vissem
 Que no rio os nauios ancorauaõ,
 Nelles ousadamente se subissem:
 E com esta treição determinauão,
 Que os de Luso do porto não saissem:
 E que incautos pagassem deste geito
 O mal q̄ em Moçambique tinhão feito

18

As ancoras tenaces vão leuando
 Com a nautica grita costumada,
 Da proa as vellas sós ao vento dando,
 Inclinação pera a barra abalisada:
 Mas a linda Ericina, que guardando
 Andava sempre a gente assinalada:
 Vendo a cilada grande, & tam secreta,
 Voa do Ceo ao mar como hũa seta.

19

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
 Com toda a mais cerulea companhia,
 Que porque no salgado mar nasceo,
 Das agoas o poder lhe obedecia.
 E propondo-lhe a causa a que deceo,
 Com todas juntamente se partia:
 Pera estoruar a armada não chegasse
 Aonde pera sempre se acabasse.

Ia na agoa erguêdo vaô cõ grãde preſſa
 Cõ as argenteas caudas brãca eſcuma,
 Cloto co peito corta, & atraueſſa
 Com mais furor o mar do q̃ coſtuma.
 Salta Niſe, Nerine ſe arremeffa, (mas
 Por cima da agoa creſpa, em força ſu-
 Abrem caminho as ondas encuruadas,
 De temor das Nereidas apreſſadas.

21

Nós hõbros d'hũ Tritão cõ geſto aceſo
 Vay a linda Dione furioſa,
 Não ſente quem a leua o doce peſo,
 De ſoberbo, com carga tão fermoſa:
 Ia chegãõ perto donde vento teſo,
 Enche as vellas da frota belicoſa,
 Repartente, & rodeãõ neſſe instante
 As naos ligeiras que hiãõ por diante.

22

Poenſe a Deoſa cõ outras em derecho
 Da proa capitaina, & ali ſechando
 O caminho da barra eſtãõ de geito,
 q̃ emvão aſſopra ovêto, avella inchãdo
 Poem no madeiro duro o brãdo peito,
 Pera detras a forte nao forçãdo.
 Outras em derredor leuãdoa eſtauaõ,
 E da barra inimiga a deſuiauaõ.

23

(gas,

Quaes pera a coua as prouidas formi-
 Leuando o peſo grande a comodoado,
 As forças exercitãõ, de inimigas,
 Do inimigo Inuerno congelado:
 Ali ſãõ ſeus trabalhos, & fadigas,
 Ali moſtrãõ vigor nunca eſperado.
 Tais andauãõ as Nimphas eſforuando
 A gente Portugueſa o ſuã nefãdo.

24

B S

Torne

Torna pera detras a Nao forçada,
 A pesar dos que leua, que gritando,
 Mareão vellas, ferue a gente irada, (do
 O leme a hũ bordo, & a outrõ attrauefã
 O Mestre astuto em vão da popa brada
 Vendo como diante ameaçando
 Os estaua hum maritimo penedo,
 E de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se aleuanta,
 No rudo marinheiro que trabalha,
 O grande estródo, a Maura gête espãta,
 Como se vissem horrida batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa qué lhe valha,
 Cuidão que seus enganos são sabidos,
 E que ande ser por isso aqui punidos.

26

Eilos subitamente se lançauão
 A seus bateis veloces que trazião,
 Outros encima o mar aleuantauão,
 Saltando n'agoa a nado se acolhião:
 De hũ bordo, & doutro subito saltauão
 Que o medo os compelia do que vião,
 Que antes querem ao mar aueturarfe,
 Que nas mãos inimigas entregarse.

27

Assi como em seluatica alagoa,
 As rãs no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por yeutura vir pessoa
 Estando fora da agoa incautamente,
 Daqui, & dali saltando, o charco soa,
 Por fogir do perigo que se sente,
 E acolhendose ao couto q̄ connecem
 Sos as cabeças, na agoa lhe aparecem.

28

Assi

Afsi fogem os Mouros, & o Piloto,
 Que ao perigo grande as naos guiãra,
 Crendo que seu enganõ estaua noto,
 Tambem foge saltando na agoa amara:
 Mas por não daré no penedo immoto,
 Onde percão a vida doce, & cara:
 A ancora solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras juto della amaina.

29

Têdo o Gama, atentado a estranheza
 Dos Mouros não cuidada, & jutaméte,
 O Piloto fugirlhe com presteza,
 Entende o que ordenaua a bruta gête,
 E vendo sem contraste, & sem braueza
 Dos ventos, ou das agoas sem corrente
 Que a nao passar auante não podia,
 Auendo por milagre afsi dezia.

30

ô caso grãde, estranho, & não cuidadõ,
 ô milagre clarissimo, & euidente,
 ô descuberto engano inopinado,
 ô perfida inimiga, & falsa gente,
 Quem poderà do mal aparelhado
 Liurar-se sem perigo sabiamentè;
 Se la de cima a guarda soberana
 Não acudir à fraca força humana?

31

Bem nos mostra a diuina prouidêcia
 Destes portos a pouca segurança,
 Bem claro temos visto na apparencia,
 Que era enganada a nossa confiança:
 Mas pois saber humano, nê prudencia,
 Enganos tam fingidos não alcança:
 U tu guarda diuina tem quidado
 E quem sem ti não pô ser guardado

E se te moue tanto a piedade,
 Desta misera gente peregrina,
 Que sò por tua altissima bondade,
 Da gente a saluas, perfida & maligna,
 Nalgum porto seguro de verdade:
 Conduzirnos ja agora determina,
 Ou nos amostra a terra que buscamos,
 Pois sò por teu seruiço nauegamos.

33

Ouuiolhe estas palauras piadofas,
 A fermosa Dione, & commouida,
 Dantre as Nimphas se vay, q̄ saudofas
 Ficaraõ desta subita partida:
 Ia penetra as estrellas luminofas,
 Ia na terceira esphera recebida
 Auante passa, & la no sexto ceo
 Pera onde estaua o Padre se moueo.

34

E como hia afrontada do caminho
 Tam fermosa no gesto se mostraua,
 q̄ as estrellas, & o ceo, & o ar vizinho,
 E tudo quanto a via namoraua
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
 Hús espiritos viuos inspiraua,
 Com que os Polos gelados acendia,
 E tornaua do Fogo a esphera fria.

35

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quẽ foy sepre amada, & ca
 Se lha presenta assi como ao Troyan,
 Na selua Idea ja se apresentara:
 Se a vira o caçador, q̄ o vulto humao
 Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
 Nunca os furtivos galgos o mataro.
 Que primeiros desejos o acabaraõ.

Os crespos fios dourado se esparzião
 Pelo colo, que a neve escurecia,
 Andando as lacteas tetas lhe tremião,
 Com que Amor brincava, & não se via,
 Da alua perrina flamas lhe sahiao,
 Onde o minino as almas acendia.
 Polas lisas colunas lhe trepauão,
 Desejos, que como Hera se enrolauão.

37

Cum delgado cédal as partes cobre,
 De que vergonha he natural reparo,
 Porem né tudo esconde, nem descobre
 O veio dos roxos lirios pouco auaro:
 Mas pera que o desejo acéda, & dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.
 Ia se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte:

38

E mostrando no angelico sembrãte,
 Co riso húa tristeza misturada,
 Como dama que foi do incanto amãte,
 Em brincos amorosos maltratada, (te,
 q se aqueixa, & se ri, num mesmo instãte
 E se torna entre alegre magoada.
 Desparte a Deosa, a que nenhũa iguala
 Mais mimosa que triste ao. Padre fala.

39

Sêpre eu cuidey, ô Padre poderoso,
 q pera as cousas, q eu do peito amasse
 Te achasse brando, & suave, & amoroso,
 Poito que a algũ côtrario lhe pesasse:
 Mas pois que contra mi te vejo yroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse.
 Fazasse como Baco detempera,
 Alcentarey em fim que say mofoa.

Este pouo q̄ he meu, por quē derramo
 As lagrimas que em vão caydas vejo,
 Nã affaz de mal lhe quero, pois q̄ o amo,
 Sendo tu tanto contra meu deſejo:
 Por elle a ti rogando choro, & bramo,
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora pois porque o amo he maltratado,
 Quero lhe querer mal, ſerà guardado.

41

Mas moura é fim nasmãos das brutas gē
 q̄ pois eu fuy: & niſto de mimosa (tes,
 O roſto banha, em lagrimas ardentes,
 Como co orualho fica a freſca roſa:
 calada hũ pouco, como s'entre os dētes
 Se lhe impedira a fala piadoſa.
 Torna a ſeguila, & indo por diante,
 Lhe atalha o poderoſo, & graó Tonãte.

42

E destas brandas moſtras comouido,
 que moueraõ de hũ Tigre o peito duro,
 Co vnltro alegre, qual do Ceo ſubido,
 Torna ſereno & claro o ar eſcuro.
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido
 Na face a beija, & abraça o colo puro.
 De modo que dali, ſe sò ſe achàra,
 Outro nouo Cupido ſe geràra.

43

E co ſeu apertando o roſto amado,
 Que os ſaluços, & lagrimas augmenta,
 Como minino da ama caſtigado,
 q̄ quē no affaga o choro lhe acrecenta,
 Por lhe pòr em ſoſſego o peito yrado,
 Muitos caſos futuros lhe apresenta.
 Dos fados as entranhas reuoluendo,
 Desta manci^l em fim lhe eſtã dizēdo.

Fermosa filha minha não tomais
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos.
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que effes chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometo filha que vejais
 Esquecerente Gregos & Romanos.
 Pelos illustres feitos que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

45

Que se o facundo Ulisses escapou,
 De ser na Ogigia Ilha, eterno escravo:
 E se Antenor os Ieyos penetrou,
 Iliricos, & a fonte de Timauo:
 E se o piadoso Eneas nauegou
 De Scila, & de Caribdis o mar brauo:
 Os vossos mōres cousas intentando,
 Nouos mūdos ao mūdo yzão mostrādo

46

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
 Por elles vereis filha edificados:
 Os Turcos belacissimos & duros
 Delles sempre vereis desbaratados.
 Os Reys da India liures, & seguros,
 Vereis ao Rey potente sojugados.
 E por elles de tudo em fim senhores,
 Serao dadas na terra leys melhores.

47

Vereis este, que agora presuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscādo,
 Tremar d'elle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas agoas encrespando.
 O caso nunca visto, & milagroso
 q̄ trema, & ferua o mar é calma estado!
 O gente forte, & de altos pensamētos,
 Que tãbē della haõ me os Elemētos.

48

B 8

Vereis

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
 q̃ inda ha de ser hũ porto muy decẽte,
 Em que vão descansar da longa via
 As naos que nauegarem do Occidente,
 Toda esta costa em fim, q̃ agora vrdia,
 O mortifero engano, obediente,
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

49

E vereis o mar roxo tam famoso
 Tornarſelhe amarello de ianiado:
 Vereis de Ormuz o Reyno poderoso,
 Duas vezes tomado, & ſojugado.
 Ali vereis o Mouro furioſo
 De ſuas meſmas ſetas traſpaſſado.
 Que quẽ vai cõtra os voſſos, claro veja,
 Que ſe refiſte, contra ſy peleja.

50

Vereis a inexpugnauel Diu forte,
 Que dous cercos terà, dos voſſos ſẽdo.
 Ali ſe mostrarà ſeu preço, & forte,
 Feitos de armas grandiffimos fazẽdo.
 Enuejoſo vereis o graó Mauorte,
 Do peito Luſitano, fero & horrendo.
 Do Mouro ali veraó q̃ a voz extrema,
 De falso Maſamede ao Ceo blaſfema.

51

Goa vereis aos Mouros ſer tomada,
 A qual virà deſpois a ſer ſenhora
 De todo o Oriente, & ſublimada
 Cos triumphos da gente vencedora.
 Ali ſoberba altiua, & exalçada,
 Ao Gentio que os Idolos adora.
 Duro ſreo poſſe, & a toda a terra,
 Que cuidar de fazer aos voſſos guerra.

52

Vereis

Vereis a fortaleza sustentarse
 De Cananor, com pouca força & gêtes:
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, & tam potente,
 E vereis em Cochim afsinalar-se,
 Tanto hũ peito soberbo, & insolente,
 Que Cítara ja mais cantou victoria,
 q̃ assi mercça eterno nome, & gloria.

53

Nunca có Marte, instructo & furioso,
 Se vio feruer Leucate, quando Augusto
 Nas ciuís Actias guerras animoso,
 O Capitaó venceo Romano injusto,
 que dos pouos da Aurora, & do famoso
 Nilo, & do Baçtro Scitico, & robusto,
 A victoria trazia, & presa rica,
 Preso da Egipcia linda & não-pudica.

54

Como vereis o mar feruendo aceso,
 Cos incendios dos vossos pelejando,
 Leuãdo o Idololatra, & o Mouro preso
 De naçoões diferentes triumphando.
 E fogeita a rica Aurea Chersonezo,
 Ate o longico China nauegando.
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlheha todo o Oceano obediente.

55

De modo filha minha, que de geito
 Amostraram esforço mais q̃ humano,
 Que nunca se verá tam forte peito,
 Do Gangetico mar ao Gaditano,
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
 Que mostrou o agrauado Lusitano:
 Posto q̃ em todo o mundo se afrótados
 Resucitassem todos os panados.

56

B 9

Coms

Como isto disse, manda o cõsagrado
 Filho de Maia à terra, porque tenha,
 Hum pacifico porto, & sossegado,
 Pera onde sem receyo a frota venha:
 E pera que em Mombaca, aventurado
 O forte Capitão se não detenha, (se
 Lhe mãda mais, q̃ é sonhos lhe mostras
 A terra, onde quieto repousasse.

57

Ia pelo ar o Cylenêo voava,
 Com as azas nos pês à terra deca,
 Sua vara fatal na mão leuava,
 Com que os olhos cansados adormece:
 Com esta, as tristes almas reuocaua
 Do inferno, & o vento lhe obedece.
 Na cabeça o galêro costumado,
 E desta arte a Melinde foy chegado.

58

Configo a Fama leua, porque diga,
 Do Lusitano, o preço grande, & raro,
 q̃ o nome illustre a hũ certo amor obri
 E faz a qué o tem, amado & caro. (ga,
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,
 Co rumor famosissimo, & preclaro.
 Ia Melinde em desejos arde todo,
 De ver da gente forte o gesto, & modo.

59

Dali pera Mombaca logo parte,
 Aonde as naos estauão temerosas,
 Pera que à gente mande que se aparte
 Da barra imiga, & terras sospeitosas:
 Porque muy pouco val esforço, & arte
 Contra infernais vontades enganosas:
 Pouco val Graçãõ, astucia, & fiso,
 Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo caminho a noite tinha andado,
 E as Estrellas no Ceo co a luz alheya,
 Tinhao o largo mundo alumiado,
 E sò co sono a gente se recreya.
 O Capitão illustre, ja cansado
 De vigiar a noite, que arreceya,
 Breue repouso entam aos oinos daua,
 A outra gente a quartos vigiana.

61

Quando Mercurio é sonhos lhe aparece
 Dizendo, fuge, fuge Lulitano,
 Da cilada que o Rey maluado tece,
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,
 Fuge, que o vento, & o ceo te favorece,
 Sereno o tempo tes, & o Oceano,
 E outro Rey mais amigo, noutra parte,
 Onde podes seguro agasalharte.

62

Não tens aqui se não aparelhado,
 O hospicio que o cru Diomedes daua,
 Fazendo ser manjar acostumado,
 De cauallos a gente que hospedaua:
 As aras de Buliris intamado,
 Onde os hospedes tristes imolaua.
 Terás certas aqui, se muito esperas,
 Fuge das gentes perfidas & feras.

63

Vaite ao longo da costa discorrêdo,
 E outra terra acharás de mais verdade
 La quasi junto donde o Sol ardendo,
 Iguala o dia, & noite em quantidade:
 Ali tua frota alegre recebendo
 Hú Rey, cõ muitas obras de amizade,
 Gafalhado seguro te da,
 E pera a India certa & sabia guia.

64

Isto

C A N T O

Isto Mercurio disse, & o sono leuz
 Ao Capitaõ, que có muy grãde espanto
 Acorda, & vê ferida a escura treua,
 De hũa subita luz, & rayo sancto:
 E vendo claro quanto lhe releua,
 Naõ se deter na terra iniqua tanto.
 Có nouo espirito ao mestre seu mãdaua
 que as vellas desse ao vëto q̃ assopraua.

65

Day vellas, disse, day ao largo vëto,
 q̃ o ceo nos fauorece, & Deos o mãda,
 Que hũ mensageiro vi do claro alsëto
 Que sò em fauor de nossos passos anda:
 Aleuantase nisto o mouimento, (da,
 Dos marinheiros, de hũa & d'outra bã-
 Leuão gritando as ancoras acima,
 Mostrando a ruda forçã, que se estima.

66

Neste tẽpo, que as ancoras leuauão,
 Na sóbra escura os Mouros escódidos
 Mansamente as amarras lhe cortauão,
 Por serem, dando à costa, destruydos:
 Mas com vista de Lincez vigiauaõ,
 Os Portugueses sempre apercebidos.
 Elles como acordados os sentiraõ,
 Voando, & não remando lhe fogiraõ.

67

Mas ja as agudas proas apartando,
 Hiaõ as vias humidas de argento,
 Assopralhe galerno o vento brando,
 Com suaue & seguro mouimento,
 Nos perigos passados vaõ falando,
 Que mal se perderãm do pensamento,
 Os casos grãdes, donde em tão aperto
 A vida em saluo escapa por acerto.

68

Tinha

Tinha húa volta dado o Sol ardente,
 E noutra começaua, quando viraõ
 Ao longe dous nauios, brandamente
 Cos ventos nauegando, que respiraõ,
 Porque auiaõ de ser da Maura gente,
 Pera elles arribando, as vellas viraõ.
 Hum de temor do mal que atreceaua,
 Por se saluar a gente à costa daua.

69

Não he o outro que fica taõ manhoso:
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano,
 Que como fosse debil & medroso
 Da pouca gête o fraco peito humano.
 Não teue resistencia, & se a tiuêra,
 Mais dano resistindo recebêra.

70

E como o Gama muito desejasse,
 Piloto pera a India que buscaua,
 Cuidou q̄ entre estes Mouros o tomasse
 Mas não lhe socedeo como cuidaua,
 Que nenhum delles ha q̄ lhe insinasse
 A que parte dos ceos a India estaua.
 Porem dizemhe todos, que tem perto
 Melinde onde achârãm Piloto certo.

71

Louuaõ do Rey os Mouros a bõdade,
 Condiçam liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande, & humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O Capitaõ o assella por verdade,
 Porque ja lho dissera deste geito,
 O Cylenéo em sonhos, & **Urtia**
 Pera õde o sonho, & o Mouro lhe dizia

V C A N T O

Era no tempo alegre quãdo entraua
 No roubador de Europa a luz Febea
 Quãdo hũ, & o outro corno lhe aqueta
 E Flora derramaua o d' Amalthea: (ua:
 A memoria do dia renouaua
 O prefuroso Sol, que o ceo rodea
 Em q' aquelle a quẽ tudo està fogeito,
 O sello pos a quanto tinha feito.

73

Quando chegaua a frota àquella parte
 Onde o Reyno Melinde ja se via,
 De toldos adornada, & leda de arte,
 Que bem mostra estimar o sancto dia:
 Treme a bandeira, voa o estandarte,
 A cor purpurea ao longe apparecia.
 Soão os atambores, & pandeiros,
 E assi entrauaõ ledos, & guerreiros.

74

Enchese toda a praya Melindana
 Da gente q' vem ver a leda armada,
 Gête mais verdadeira, & mais humana
 q' toda a d'outra terra atras deixada.
 Surge diante a frota Luitana,
 Pega no fudo a ancora pesada,
 Madão fora hũ dos Mouros q' tomaraõ
 Porquẽ sua vinda ao Rey manifestaraõ.

75

O Rey que ja sabia da nobreza
 Que tãto os Portugueses engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece:
 E com verdadeiro animo, & pureza
 Que os peites genorosos ennobrece,
 Lhe manda pagar muito que saissem,
 Pera que de seus Reynos se seraissem.

76

São

São offerecimentos verdadeiros,
 E palauras sinceras, não dobradas
 As q' o Rey mada aos nobres caualeiros
 Que tanto mar, & terras tem passadas:
 Mandalhe mais lanigeros carneiros,
 E galinhas domesticas ceuadas,
 Cõ as frutas que entaõ na terra auia,
 E a vontade à dadiua excedia.

77

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, & seu recado.
 E logo manda ao Rey outro presente
 Que de longe trazia aparelhado:
 Escarlata purpurea, cor ardente,
 O ramoso coral, fino, & prezado,
 Que debaixo das agoas mole crece,
 E como he fora dellas endurece.

78

Manda mais hũ na pratica elegante
 Que co Rey nobre as pazes eõcertasse.
 E que de não sair n'aquelle instante
 De suas naos em terra o desculpasse:
 Partido assi o Embaixador prestante,
 Como na terra ao Rey se apresentasse
 Com estilo que Palas lhe ensinava,
 Estas palauras tais fallando oraua.

79

Sublime Rey, a quẽ do Olimpo puro
 Foy da suma justiça concedido
 Refrear o soberbo pouo duro,
 Não menos d'elle amado, que temido,
 Como porto muy forte, & muy seguro,
 De todo o Oriente conhecido,
 Te vimos a buscar, pera que achemos
 Em ti o remedio certo que queremos.

C A N T O

Naõ somos roubadores que passando
 Pelas fracas Cidades descuidadas,
 A ferro, & a fogo às gêtes vão matado,
 Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
 Mas da soberba Europa nauegando
 Himos buscando as terras apartadas
 Da India grande, & rica, por mandado
 De hũ Rey q̃ temos alto, & sublimado.

81

Que geraçãõ tam dura habi de gête,
 Que barbaro costume, & vsança fea,
 Que naõ vedem os portos taõ sòmête:
 Mas ainda o hospicio da deserta area?
 Que mã tençãõ? q̃ peito em nõs se sête?
 Que de tam pouca gente se arreceya,
 Que com laços armados tam fingidos
 Nos ordenassem vernos destruydos?

82

Mas tu, em quẽ muy certo cõfiamos
 Acharse mais verdade, ò Rey benigno,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos
 Que teue o perdido Itaco em Alcino:
 A teu porto seguros nauegamos,
 Conduzidos do interprete diuino,
 Pois a ti nos manda, està muy claro,
 Es de peito sincero, humano, & raro.

83

E naõ cuides ò Rey, que naõ faisse
 O nosso Capitaõ esclarecido
 A verte, ou a servirte, porque visse,
 Ou sospeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberàs que o fez porque cóprisse
 O regimento em tudo obedecido
 E seu Rey, q̃^{pe} me mãda q̃ naõ faya, (ya
 deixãdo a frota, e nenhũ porto, ou pra-

84

E por-

E porq̃ he de vassallos o exercicio,
 Que os mēbros tem regidos da cabeça,
 Não quereràs, pois tēs de Rey o officio,
 Que ninguem a seu Rey desobedeça:
 Mas as merces, & o grande beneficio
 Que ora ácha em ti. promete q̃ conheça
 em tudo aquillo q̃ elle, & os seus poderē
 em quāto os rios pera o mar correrem

85

Afsi dizia, & todos juntamente
 Hūs com outros em pratica fallando
 Louuauão muito o estamago da gente,
 Que tātos Ceos, & mares vai passando,
 E o Rey illustre, o peito obediente
 Dos Portugueses, na alma imaginando,
 Tinha pôr valor grande, & muy subido
 O do Rey que he tam longe obedecido.

86

E com risonha vista, & ledo aspecto,
 Respõde ao Embaixador, q̃ tãto estima
 Toda a sospeita mã tiray do peito,
 Neuhū frio temor em vos se imprima:
 Que vosso preçõ, & obras saõ de geito,
 Pera vos ter o mūdo em muita estima.
 E quem vos fez molesto tratamento,
 Não pòde ter sobido pensamento.

87

De não sair em terra toda a gente
 Por obseruar a vsada preminencia,
 Ainda que me pese estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia:
 Mas se lho o regimento não consente,
 Nem eu consentirey que a excellencia
 De peitos tão leais em si Desfaça,
 So porque a meu desejo satisfaga.

88

C

Porém

Porèm como a luz craftina chega
 Ao mundo for, em minhas almadias
 Eu irey visitar a forte armada
 Que ver tanto desejo ha tantos dias:
 E se vier do mardesbaratada,
 Do furioso vento, & longas vias:
 Aqui terà de limpos pensamentos,
 Piloto, muniçoës, & mantimentos.

89

Isto disse, & nas agoas se escondia
 O filho de Latona, & o mensageiro
 Coa embaixada alegre se partia
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:
 Enchense òs peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro
 Pera acharem a terra que buscauaõ,
 E assi ledos a noite festejauaõ.

90

Não faltão ali os rayos de arteficio
 Os tremulos Cometas imitando,
 Fazem os Bombardeiros seu officio,
 O Ceo, a terra, & as ondas atroando.
 Mostra-se dos Cyclopás o exercicio,
 Nas bombas q̃ de fogo estão queimãdo
 Outros com vozes com q̃ o Ceo feriaõ
 Instrumentos altiffonos tangiam.

91

Respondenlhe da terra juntamête
 Co rayo volteando, com zonido
 Anda em giros no ar a roda ardente,
 Estoura o pô sulfureo escondido:
 A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,
 O Mar se viaã fogos acendido,
 E não menos a terra, & assi festeja
 Hum ao outro a maneira de peceja.

92

MAS

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
 As gentes incitaua a seu trabalho,
 Eja a mãy de Menon a luz trazendo,
 Ao sono longo punha certo atalho:
 Hiãose as sombras lentas desfazendo
 Sobre as flores da terra, em fri' orualho
 Quãdo o Rey Milindano se embarcauz
 A ver a frota que no mar estaua.

93

Viãose em derredor feruer as prayas
 Da gente que a ver só concorre leda,
 Luzem da fina purpura as cabayas,
 Lustrão os panos da tecida seda
 Em lugar de guerreiras azagayas,
 E do arco, que os cornos arremedã
 Dã Lua, trazem ramos de Palmeira,
 Dos que vencem coroa verdadeira.

94

Hum batel grãde & largo, q̃ toldado
 Vinha de sedas de diuerfas cores,
 Traz o Rey de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu Reyno, & de senhores
 Vem de ricos vestid^{os} ornado,
 Segundo seus costum^{os}, os primores
 Na cabeça hũa fota guarnecida
 D'ouro, & de seda, & d'algodam tecida.

95

Cabaya de Damasco rico, & dino
 Da Tiria cor, entre elles estimada,
 Hum colar ao pescoço de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada,
 Com resplandor reluze Adamantino,
 Na cinta rica adaga berrã aurada,
 Nas alparcas dos pés, emfim de tudo,
 Cobrem ouro, & aljofar ao veludo.

C A N T O

Có hũ redondo emparo alto de sede
 N'ua alta & dourada astea enxerido,
 Hum ministro à solar quentura veda,
 Q̃ não offenda, & queime o Rey subido
 Musica traz na proa, estranha, & leda
 De aspero som, horrissimo ao ouido
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrôdo

97

Não menos guarnecido o 'Lusitano
 Nos seus bateis da frota se partia
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustroza, & honrada companhia:
 Vestido o Gama vê ao modo Hispano
 Mas Franceza era a roupa que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cor que a gente tanto preza.

98

De botoes dourado as mãgas vê tomada
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas,
 Do metal que Fortuna a tantos nega,
 E com pontas do mesmo delicadas
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pruma na gorra, hum pouco declinada

99

Nos de sua companhia se mostrava
 Da tinta que dà o Múrice excelente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo diferente.
 Tal o fermoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados juntamente:
 Qual aparece o arco rutilante,
 Da bella Nymphia filha de Thaumante

Sonorofas trombetas incitauão
 Os animos alegres refoando
 Dos Mouros os bateis o mar coalhauão
 Os toldos pelas agoas arroçando:
 As bombardas horrifonas bramauão,
 Com as nuuês de fumo o Sol tomãdo,
 Ameudaõse os brados acendidos, (dos
 Tapão cõ as mãos os Mouros os ouui-

101

Ia no batel entrou do Capitãem
 O Rey, que nos seus braços o leuaua,
 Elle coa cortesia, que a razãem
 (Por ser Rey) requeria, lhe fallaua:
 C'ũas mostras de espãto, & admiracãem
 O Mouro o gesto, & modo lhe notaua,
 Como quẽ em muy grãde estima tinha,
 Gente que de tam longe à India vinha.

102

E com grandes palauras lhe offerece
 Tudo o q de seus Reynos lhe cõprisse,
 E que se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Dizlhe mais, q por fama bem conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse.
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

103

E como por toda Africa se soa,
 Lhe diz os grandes feitos que fizeraõ,
 Quando nella ganharaõ a coroa
 Do Reyno, onde as Hesperidas viueraõ
 E com muitas palauras apregoa
 O menos que os de Luso mereceraõ,
 E o mais que pela fama o Rey sabia:
 Mas deita sorte o Gama respondia.

104

C 3

O ta

O tu que só tiueste piedade
 Rey benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, & aduersidade
 Dos mares exprimenta a furia insana
 Aquella alta, & diuina eternidade,
 q̃ o Ceo reuolue, & rege a gete humana
 Pois que de ti tais obras recebemos
 Te pague o q̃ nos outros não podemos

105

Tu só de todos quãtos queima Apolo
 Nos recebes em paz do mar profundo
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
 Refugio achamos bom, fido, & jocundo
 Em quanto apacentar o largo Polo,
 As Estrellas, & o Sol der lume ao mudo
 Onde quer q̃ eu viuer, cõ fama & gloria
 Viuirã teus lououres em memoria.

106

Isto dizendo, os barcos vão remãdo
 Pera a frota que o Mouro ver deseja,
 Vão as naos hũa, & hũa rodeando,
 Porque de todas tudo note, & veja:
 Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
 A frota co as bombardas o festeja,
 E as trombetas canoras lhe tangiaõ,
 Cos anafis os Mouros respondiaõ.

107

Mas depois de ser tudo ja notado
 Do generoso Mouro, que pasmaua,
 Ouindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostraua,
 Mandaua estar quieto, & ancorado
 N'agoa o batel ligeiro que as leuaua,
 Por fallar deus, ar co forte Gama,
 Nas cousas de q̃ tem noticia, & fama.

108

Em

Em praticas o Mouro diferentes,
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas, & excelentes,
 Co pouo auidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hispheria vltima, onde mora
 Agora pelos pouos seus visinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

109

Mas antes valeroso Captaõ,
 Nos conta, lhe dezia, diligente,
 Da terra tua o clima. & regiã
 Do mûdo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga gerã
 E o principio do Reyno tam potente:
 Cos successos das guerras do começo
 Que sem fabelas, sey que saõ de preço.

110

E assi tambem nos conta dos rodeyos
 Longos, em que te traz o mar irado,
 Vendo õs costumes barbaros alheyos,
 Que a nossa Africa ruda tem criado
 Conta:õ agora vem cos aureos frevos
 Os caualos que o carro marchetado
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O vëto dorme, o mar, & as ondas jazem

111

E não menos co tempo se parece
 O desejo de ouirte o que contares,
 Que quem ha, q̃ por fama não conhece
 As obras Purtuguesas singulares:
 Não tanto desuiado respẽdece,
 De nos o claro Sol, pera algares:
 Que os Melindanos té tam rudo peito,
 Que não estimem muito hũ grãde feito

C A N T O

Cometerão soberbos os Gigantes,
Cõ guerra vã, o Olimpo claro, & puro
Tentou Peritho, & Theseu de ignorãtes
O Reyno de Plutaõ horrêdo, & escuro.
Se ouue feitos no mûdo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & dur
Quanto foy cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

113

Queimou o sagrado templo de Diana
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana
O desejo de hum nome auentajado:
Mais razãõ ha que oueira eternagloria
Que faz obras tam dignas de memoria

F I M.

C A N

CANTO III.

1



Gora tu Caliope me en-
 fina
 O que contou ao Rey o
 illustre Gama:
 Inspira immortal canto
 & voz diuina,
 Neste peito mortal que tanto te ama.
 Assi o claro inuentor da Medicina,
 De qué Orpheo pariste, ò linda Dama:
 Nũca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe
 Te negue o amor diuido, como soè.

2

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,
 Como merece a gente Lusitana,
 Que veja & saiba o mundo que do Tejo
 O licor de Aganipe corre & mana,
 Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
 Banhar-me Apolo na agoa soberana.
 Senão direy que tès algum receyo,
 Que se escureça o teu querido Orpheyo

3

Promptos estauão todos escuitãdo
 O q̃ o sublime Gama contaria, (do
 Quando, despois d'hũ pouco estar cuidã-
 Aleuantando o rosto, assi dizia:
 Mandas-me ò Rey que cete declarãdo
 De minha gente a grão genealogia.
 Não me mãdas cõtar estranha historia
 Mãdas-me louuar dos meus a gloria

4

CS

Que

C A N T O

Que outrè possa louuar esforço alheyo
 Couza he que se costuma, & se deseja:
 Mas louuar os meus proprios arteceyo
 Que louuor taó soípeito mal me esteja
 E pera dizer tudo, temo, & creyo
 Que qualquer longo tempo curto seja:
 Mas pois o mandas, tudo se te deue,
 Irey contra o que deuo, & serei breue.

O 7.º DA HISTORIA 5.º O
 Alem disso, o q̃ a tudo em fim me obriga
 He não poder mentir no que disser,
 Porque defeitos tais, por mais q̃ diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer:
 Mas porque nisto a ordem leue & siga,
 Segundo o que desejas de saber,
 Primeiro tratarey da larga terra,
 Deipois direy da sanguinosa guerra.

6

Entre a Zona q̃ o Cancro senhorea,
 Meta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente,
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea
 Pela parte do Arcturo, & do Occidete:
 Com suas faldas ondas o Oceano
 E pela Austral o mar Mediterraneo.

7

Da parte dóde o dia vem nascendo,
 Com Asia se auizinha: mas o Rio
 Que dos montes Rifeyos vay correndo
 Na alagoa Meotis, curuo & frio
 As diuide: & o mar, q̃ fero, & horrendo
 Vio dos Gregos o irado senhorio,
 Onde agora de Troya triunfante
 Não vê mais q̃ a memoria o nauicante

La onde mais debaxo està do Polo
 Os montes Hyperboreos aparecem,
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co nome dos Sopros se ennobrecem:
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,
 Os rayos que no mundo resplandecem
 Que a neve està contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fôtes.

9

Aqui dos Cytas, grande quantidade
 Viuem, que antigamente grande guerra
 Tiuerão sobre a humana antiguidade
 Cos que tinhaõ antão a Eypcia terras
 Mas quem tam fóra estava da verdade,
 (Ia que o juyzo humano tanto erra)
 Pera que do mais certo se informãra,
 Ao campo Damasceno o perguntãra.

10

Agora nestas partes se nomêa
 A Lapia fria, a inculta Noruega,
 Escandinauia ilha, que se arrea
 Das victorias que Italia não lhe nega
 Aqui, em quanto as agoas não refrea
 O congelado Inuerno, se nauega.
 Hum braço do Sarmatico Oceano
 Pelo Bruño, Suecio, & frio Dano.

11

Entr' este Mar, & o Tanais viue estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunionos
 Sarmatas outro tempo, & na mótanh.
 Hircinia, os Marcomanos são Polonio
 Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
 Sam Saxonos, Boemios, & Panonios,
 E outras varias nações q' o Reno frio
 Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis R.

Entre o remoto Istro, & o claro estreito
 Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
 Estaó os Traces de robusto peito,
 Do fero Marte, patria tam querida,
 Onde co Hemo, o Rodope fugeito
 Ao Otomano està, que sometida,
 Bizancio tem a seu seruiço indino,
 Soa injuria do grande Constantino.

13

Logo de Macedonia estaó as gentes,
 quem lava do Axio a agoa fria:
 vos tambem, o terras excelentes,
 os costumes, engenhos, & ousadia,
 que criastes os peitos eloquentes,
 os juizos de alta fantasia:
 ó que tu clara Grecia o ceo penetras,
 não menos por armas, q̃ por letras.

14

Logo os Dalmatas viuẽ, & no seyo,
 onde Antenor ja muros leuanteou,
 soberba Veneza està no meyo
 das agoas, que tam baixa começou
 a terra, hũ braço vê ao mar, q̃ cheyo
 de esforço, naçoês varias fogueitou,
 braço forte, de gente sublimada,
 não menos nos engenhos q̃ na espada.

15

Entorno o cerca o Reyno Neptunino,
 os muros naturais, por outra parte,
 pelo meyo o diuide o Apinino,
 que tam illustre fez o patrio Marte:
 mas despois que o porteiro té diuino,
 ardendo o esforço veio, & bellica arte:
 bre està ja de antiga potestade,
 tanto Deos se cõtenta de humildade.

16

Gallia

Gallia ali se yerà, que nomeada,
 Cos Cefareos triumphos foy no mundo,
 Que do Sequâna, & Rôdano he regada,
 E do Garuna frio, & Reno fundo:
 Logo os montes da Nimpha sepultada
 Pyrene se aleuantaó, que segundo
 Antiguidades contaó, quando arderaó,
 Rios d'ouro, & d'prata entaó correraó.

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
 Como cabeça ali de Europa toda,
 Em cujo senhorio & gloria estranha,
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderà, cõ força, ou manha
 A fortuna inquieta põrlhe noda:
 Que lha naó tire o esforço & ousadia
 Dos bellicosos peitos, que em sy cria.

18

Com Tingitania entesta, & ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido estreito se ennobrece,
 Co extremo trabalho do Thebano:
 Com naçoés diferentes se engrádece,
 Cercadas com as ondas do Oceano:
 Todas de tal nobreza, & tal valor,
 que qualquer dellas cuida q̃ he milhor.

19

Tem o Tarragones, que se fez claro,
 Sujeitando Partênope inquieta,
 O Nauarro, as Asturias, que reparo
 Ia foraó, contra a gente Mahometa,
 Té o Galego cauto, & grande & raro
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta,
 Restituidor d'Espanha, & senhor della,
 Bethis, Liaó, Granada, com Castella.

C A N T O

Eis aqui quasi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reyno Lusitano,
Onde a terra se acaba, & o mar começa
E onde Febo repouza no Oceano:
Este quis o Ceo justo, que floresa
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitando de sy fora, & la na ardente
Africa estar quieto o nam consente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me dà, q̄ eu sê perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Lufo, ou Lyfa: que de Baco antigo
Filhosforaó parece, ou companheiros,
E nella entam os Incolas primeiros.

22

Desta o Pastor nasceo, q̄ no seu nome
Se vê, que de homẽ forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virã que dome,
Pois a grande de Roma não se atreue:
Esta, o velho q̄ os filhos proprios come
Por decreto do Ceo ligeiro, & leue,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criãdo a Reyno illustre, & foi dest' arte.

23

(nha,

Hũ Rey, por nome Affõso, foy na Espa-
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
q̄ por armas sanguinas, força & manha
A muitos fez perder a vida, & a terra:
Voando deste Rey a fama estranha,
Do Herculanõ Calpe à Caspia ferra,
Muitos (pera na guerra esclarecerse)
Viphaõ a elle, & à morte offecerse.

24

E COM

E com hũ amor intrinſeco acendidos
 Da Fè, mais que das honras populares,
 Eraõ de varias terras conduzidos,
 deixãdo a patria amada, & pprios lares
 Deſpois que em feitos altos & ſubidos
 Se moltraraõ nas armas ſingulares.
 Quis o famoso Affonſo, que obras tais,
 Leuaſſem premio digno, & doës iguais.

25

Deſtes Anrique dizem que ſegundo,
 Filho d' hũ Rey de Vngria exprimẽtado,
 Portugal ouue em ſorte, que no mũdo
 Entam naõ era illuſtre, nem prezado;
 E pera mais ſinal d'amor profundo,
 Quis o Rey Caſtelhano, que caſado
 Com Terẽſa ſua filha o Conde foſſe,
 E com ella das terras tomou poſſe,

26

Este deſpois que cõtra os deſcẽdentes,
 Da eſcraua Agar, victorias grãdes teue,
 Ganhando muitas terras adjacentes,
 Fazendo o que a ſeu forte peito deue.
 Em premio deſtes feitos excellentes,
 deulhe o ſupremo Deos, em tẽpo breue
 Hũ filho, que illuſtraſſe o nome vſano
 Do bellicoſo Reyno Luſitano.

27

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
 Da Cidade Hyeroſolima ſagrada,
 E do Iordão a area tinha viſta,
 Que vio de Deos a carne em ſy lauada,
 Que não tendo Gotfre a quẽ reſiſta,
 Deſpois de ter Iudea ſojugada,
 Muitos que neſtas guerras o ajudaraõ,
 Pera ſeus ſeahorjos ſe tornaraõ.

28

C 8

Quando

C A N T O

Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte & famoso Vngaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O sprito deu, a quem lho tinha dado:
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pay deixava seu traslado:
 Que do múdo os mais fortes igualava,
 Que de tal pay tal filho se esperava.

29

Mas o velho rumor, não sey se errado,
 q̄ em tâta antiguidade não ha certeza,
 Cõta que a mãy tomãdo todo o estado
 Do segúdo Hymeneo, não se despreza:
 O filho orfaõ deixava desherdado,
 Dizendo que das terras, a grandeza
 E o senhorio todo, sò seu era,
 Porque pera casar seu pay lho dera.

30

Mas o Principe Affonso, q̄ desta arte
 Se chamava, do Auõ tomando o nome,
 Vendose em suas terras não ter parte,
 q̄ a mãy cõ seu marido as mãda & come
 Peruendolhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome.
 Reuolidas as causas no conceito
 Ao proposito firme segue o effeito.

31

De Guimaraës o campo se tingia,
 Co sangue proprio da intestina guerra
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor, & a terra,
 Co elle posta cõ o campo ja se via,
 Não vê a soberba, o muito que erra.
 Contra Deos, cõtra o maternal amor:
 Nas nella o sensual era maior.

32

O Progne

O Progne cruè, o magica Medea,
 Se em vossos proprios filhos vos vingais
 Da maldade dos pays, da culpa alheya,
 Olhay que inda Teresa peca mais:
 Incontinencia mà, cubiça fea,
 Saõ as causas deste erro principais.
 Scilla por húa mata o velho pay,
 Esta por ambas, contra o filho vay.

33

Mas ja o Principe claro, o vencimento
 Do padrao & da inica mãy leuaua,
 Ia lhe obede: e a terra num momento,
 Que primeiro contra elle pelejaua.
 Porem vencido de ira o entendimêto,
 A mãy em ferros asperos ataua:
 Mas de Deos foy vingada é tẽpo breue,
 Tanta veneraçãõ aos pays se deue.

34

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
 Pera vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tam raro em gente Lusitano,
 A quẽ nenhũ trabalho agraua, ou pesa:
 Em batalha cruel, o peito humano,
 Ajudado da Angelica defesa.
 Naõ sò contra tal furia se sustenta:
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

35

Naõ passa muito tẽpo, quãdo o forte
 Principe, em Guimaraës està cercado,
 De infinito poder, que desta sorte,
 Foy refazerse o imigo magoado:
 Mas com se offerecer à dura morte,
 O fiel Egas amo, foy liuido.
 Que de outra arte podera ser perdido,
 Segundo estaua mal apercebido.

C A N T O

Mas o leal vassallo conhecendo
 Que seu senhor não tinha resistencia,
 Se vay ao Castelhana, prometendo,
 Que elle faria darlhe obediencia.
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo
 Fiado na promessa, & consciencia
 D'Egas moniz: mas não cõsente o peito
 Do moço illustre, a outrem serfogeito.

37

Chegado tinha o prazo prometido,
 Em q̃ o Rey Castelhana ja aguardaua,
 Que o Principe a seu mando sometido
 Lhe desse a obediencia que esperaua.
 Vendo Egas, que ficaua fementido,
 O que delle Castella não cuydaua,
 Determina de dar a doce vida,
 A troco da palavra mal comprida.

38

E com seus filhos & molher se parte,
 A aleuantar co elles a fiança,
 Descalços, & despídos, de tal arte,
 Q̃ mais moue a piedade q̃ a vingança.
 Se pretendes Rey alto de vingarte,
 De-minha temeraria confiança,
 Dizia, eis aqui venho offerecido,
 Até pagar co a vida o prometido.

39

Vês aqui trago as vidas inocentes
 Dos filhos sem peccado, & da cõsorte,
 Se a peitos generosos, & excellentes
 Dos fracos satisfaz a fera morte. (tes,
 Vês aqui as mãs, & a lingua delinquẽ-
 Nellas sòs exprimenta, toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estillo
 De Scinis, & do touro de Perillo.

40

Qual

Qual diante do algoz o condenado,
 Que ja na vida a morte tem bebido,
 Poe no cepo a gargãta:& ja entregado,
 Espera pelo golpe tam temido:
 Tal diante do Principe indignado
 Egas eitaua a tudo offerecido:
 Mas o Rey vendo a estranha lealdade,
 Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

41

ô gram fidelidade Portuguesa,
 De vassallo, que a tanto se obrigaua,
 q̃ mais o Peria fez naquella empresa,
 Onde rosto & narizes se cortaua,
 Do que ao grande Dario tanto pesa,
 Que mil vezes dizendo suspiraua.
 Que mais o seu Zopiro saõ prezàra,
 Que vinte Babilonias que tomàra.

42

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro q̃ as terras habitaua,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentaua
 O arrayal soberbo, & bellicoso:
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posto q̃ em força, & gēte tam pequeno,

43

Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senaó no summo Deos, q̃ o Ceo regia,
 Que tam pouco era o pouo bautizado,
 Que pera hum sò cem Mouros aueria.
 Julga qualquer juyzo sossegado,
 Por mais temeridade qu' ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hũ caualleiro ouuesse cento.

44

Cinco

C A N T O

Cinco Reys Mouros sam os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama,
 Todos exprimentados nos perigos
 da guerra, õde se alcãça a illustrefama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos
 Imitando a fermosa & forte Dama,
 De que tanto os Troyanos se ajudãrãõ,
 E as que o Termodonte ja gostãrãõ.

45

A matutina luz serena, & fria,
 As Eúrellas do Pollo ja apartaua,
 Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrandose a Affonso o animaua:
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Nã Fè todo inflamado assi gritaua:
 Aos infieis Senhor, aos infieis,
 E naõ a mi que creyo o que podeis.

46

Com tal milagre, os animos da gente
 Portuguesa, inflamados leuantãuãõ,
 Por seu Rey natural, este excelente
 Principe, que do peito tanto amãuãõ:
 E diante do exercito potente,
 Dos imigos, gritando o ceo tocãuãõ:
 Dizendo em alta voz, real, real,
 Por Affonso alto Rey de Portugal.

47

Qual cos gritos & vozes incitado,
 Pola montanha o rabido Moloso,
 Contra o Touro remete, que fiado
 Na força eita do corno temeroso:
 Ora pèga na orelha, ora no lado,
 Latindo mais geiro que forçoso,
 Atè q em fim rópndolhe a garganta,
 Do brauo a força horrèda se quebrãta.

48

Tal

Tal do Rey nouo, o estamago acédido,
 Por Deos & polo pouo juntamente,
 O barbaro comete apercebido,
 Co animoso exercito rompente:
 Leuantaõ nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocam a arma, ferue a gēte,
 As lanças & arcos tomão, tubas soaõ,
 Instrumentos de guerra tudo atroaõ.

49

Bem como quando a flama q̄ ateada,
 Foy nos aridos campos (allopando
 O sibilante Boreas) animada
 Co v̄eto, o seco mato vay queimando:
 A pastoral companhia, que deitada,
 Co doce sono eitava, deipertando,
 Ao estridor do fogo que iẽ atex,
 Récolhe o fato, & foge pera a aldea.

50

Defta arte o Mouro atonito & toruado
 Toma sem t̄eto as armas muy depressa,
 Naõ foge: mas es̄pera conñado,
 E o ginete belligero arremessa:
 O Portugues o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.
 Hũs caem meynos mortos, & outros vaõ
 A ajuda conuocando do Alcoraõ.

51

Ali se vem encontros temerosos,
 Pera se desfazer hũa alta serra,
 E os animais correndo furiosos,
 q̄ Neptuno amostrou ferindo a tetra:
 Golpes se daõ medonhos, & forçosos,
 Por toda a parte adaua a guerra;
 Mas o d̄ Luõ, arnes, couraça & malha,
 Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

C A N T O

Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas, sem dono & sê sentido,
 E doutros as entranhas palpitando,
 Palida a cor, o gesto amortecido:
 Ia perde o campo o exercito nefando,
 Correm rios do sangue desparzido
 Com q̃ tambẽ do campo a cor se perde
 Tornado carmeli de branco & verde.

53

Ia fica vencedor o Lusitano
 Recolhendo os trofeos & presa rica,
 Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
 Tres dias o gram Rey no campo fica:
 Aqui pinta no branco escudo ṽfano,
 Que agora esta victoria certifica:
 Cinco escudos azues esclarecidos,
 Em final destes cinco Reys vencidos.

54

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros porque Deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta
 Daquelle de quem foy fauorecido,
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero comprido:
 Contando duas vezes o do meyo,
 Dos cinco azues q̃ é Cruz pintado veyo

55

Passado ja algum tempo, que passada
 Era esta gram victoria, o Rey subido
 A tomar vay Leiria, que tomada
 Fora muy pouco auia, do vencido:
 Com esta a forte Arronches sojugada
 Foy juntamẽte & o sêpre ennobrecido
 Scabelicastro, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

56

A estas

A estas nobres villas sometidas,
Ajunta tambẽ Mafra, em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

57

E tu nobre Lisboa, que no mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

58

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos có tẽçaõ sancta eraõ partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos.
Cuja alta fama entãõ subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

59

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tãtas mostrara cheyo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendera,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto.
Foy a batalha tam sanguina & feta,
Quanto obrigaua o firm presũposto:
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos, ja desesperados.

C A N T O

Deſta arte em fim tomada ſe rendeo,
 Aquella que nos tempos ja paſſados
 Aa grande força nunca obedeceo,
 Dos frios pouos Sciticos ouſados:
 Cujoo poder a tanto ſe eſtendeo,
 q̃ o Ibero o vio, & o Tejo amedrôtados
 E em fim co Betis tanto algũs podêraõ,
 Que à terra de Vandalia nome dêraõ.

61

Que Cidade tam forte, por ventura
 Auera que refiſta, ſe Lisboa
 Não pode refiſtir à força dura
 Da gente, cuja fama tanto voa.
 Ia lhe obedece toda a Eſtremadura,
 Obidos, Alanquer, por onde ſoa
 O tó das freſcas agoas, entre as pedras
 q̃ murmurando laua, & Torres vedras.

62

E vos tambem, o terras tranſtaganas,
 Affamadas co dom da flaua Ceres,
 Obedeceis às forças mais q̃ humanas,
 Entregãdolhe os muros, & os poderes.
 E tu laurador Mouro, que te enganas,
 Se ſuſtentar a fertil terra queres.
 q̃ Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,
 E Alcaçare do ſal, eſtam rendidas.

63

Eis a nobre Cidade, certo aſſento,
 Do rebelde Sertorio antigamente,
 Onde ora as agoas nitidas de argento,
 Vem ſuſtêtar de lóge a terra, & a gête,
 Pelos arcos reaes, que cento & cento
 Nos arcos ſe aquantaõ nobremente.
 Obedeceo, por meyo & ouſadia
 De Giraldo, que medos não temia.

64

14

Ia na Cidade Beja vay tomar
 Vingança de Trancoso destruida,
 Affonso que não sabe sossegar,
 Por estender co a fama a curta vida:
 Não se lhe pode muito sustentar
 A Cidade: mas sendo ja rendida,
 Em toda a cousa viua, a gente yrada,
 Prouando os fíos vay da dura espada.

65

Com estas sojugada foy Palmella,
 E a piscolá Cizimbra, & juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata hum exercito potente:
 Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
 Que a focorrella vinha diligente.
 Pela fralda da serra descuydado,
 Do temeroso encontro inopinado.

66

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cauallos furiosos,
 Innumeros pioës, darmas & d'ouro
 Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
 Mas qual no mes d'Mayo o brauo tou-
 Cos ciames da vaca, arreccoços, (ro
 Sentindo gête o bruto, & cego amante
 Saltea o descuydado caminhante.

67

Destá arte Affonso subiro mostrado,
 Na gente d'a, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba denodado,
 Foge o Rey Mouro, & sò da vida cura,
 D'hũ Panico terror todo assombrado,
 Sò de seguillo o exercit. propria.
 Sendo estes que fizerao tanto abalio
 No mais que sò sesenta de cavallo.

68

D

Logo

C A N T O

Logo segue a victoria sem tardança
 O gran Rey incansavel,ajuntando
 Gentes de todo o Reyno,cuja vfança
 Era andar sempre terras cõquistando,
 Cercar vay Badajoz,& logo alcança
 O fim de seu desejo,pelejando
 Com tanto esforço & arte,& valentia,
 Que a fez fazer as outras companhia.

69

Mas o alto Deos, q̃ pera longe guarda
 O castigo daquelle que o merece,
 Ou pera q̃ se emende às vezes tarda,
 Ou por segredos q̃ homẽ não conhece,
 Se atequi sēpre o forte Rey resguarda
 Dos perigos a que elle se offerece.
 Agora lhe não deixa ter defesa,
 Da maldiçãõ da mãy que estaua presa.

70

Que estando na Cidade que cercãra,
 Cercado nella foy dos Leoneses,
 Porque a conquista della lhe tomãra
 De Leão sēdo,& não dos Portugueses.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assim como acontece muytas vezes,
 q̃ é ferros quebra as pernas,indo aceso
 Aa batalha onde foy vencido & preso.

71

ô famoso Pompeyo não te pene,
 De teus feitos illustres a ruyna,
 Nem ver que a justa Nemesis ordene,
 Ter teu sogro de ti victoria dina,
 Posto que o rio Fasis,ou Syene
 q̃ pera nenhũ sabo a sombra inclina:
 O Beotes gellãdo,& a linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente.

72

Posto

Posto q̃ a rica Arabia, & que os feroces
 Etiocos, & Golcos, cuja fama
 O Veo dourado estêde: & os Capadoces
 E Iudea, que hũ Deos adora & ama,
 E que os molles Sofenos, & os Atroces,
 Silicios, com a Armenia, que derrama
 As agoas dos dous rios, cuja fonte
 Està noutro mais alto & sancto monte.

73

E posto em fim q̃ desdo mar d' Atlante,
 Ate o sitico Tauro, monte erguido
 Ia vencedor te vissem, naó te espante
 Se o campo Emathio sò te vio vécido,
 Porq̃ Affonso veràs soberbo & auante,
 Tudo render, & ser despois rendido.
 Assim o quis o conselho alto celeste,
 Que vença o logro a ti, & o gero a este.

74

Tornado o Rey sublime finalmente,
 Do diuino juyzo castigado,
 Despois q̃ em Santarem soberbamêto,
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.
 E despois que do martyre Vicente,
 O sanctissimo corpo venerado.
 Do sacro promontorio conhecido,
 Aa Cidade Viissea foy trazido.

75

Porque leuasse auante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que às terras se passasse d' Alentejo,
 Com gente, & co beligero aparelho:
 Sancho, d' esforço, & d' animo sobejo,
 Auante passa, & faz corer vermelho
 O rio que Seuilha vay regando,
 Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

C A N T O

E com estavictoria cobiçosa,
 Ia não descansa o moço ate que veja,
 Outro estrago como este, temeroso
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assim estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas poem sua esperança

77

Ia se ajútaõ do monte, aquem Medusa.
 O corpo fez perder, que teue o Ceo:
 Ia vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tinge que assento foy de Anteo.
 O morador de Abila não se escusa,
 Que também com suas armas se moueo:
 Ao som da Mauritana & ronca tuba,
 Todo o Reyno que foy do nobre Iuba.

78

Entraua com toda esta companhia,
 O Miralmomini em Portugal
 Treze Reis mouros leua de valia
 Entre os quais tem o ceptro Imperial:
 E assi fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal.
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,
 Porem não lhe socede muito bem.

79

Dalhe combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
 Não lhe aporueita ja trabuco horrendo
 Mina secreta, Ariete forçoso:
 Por q o filho de Affonso, não perdendo
 Nada desfeço, & acordo generoso,
 Tudo prouê com animo & prudencia,
 q é toda a parte ha esforço & resistência

80

Mas

Mas o velho a quem tinhaõ ja obrigado
 Os trabalhosos annos ao sosiego,
 Estando na Cidade, cujo prado
 Enuerdecem as agoas do Mondego:
 Sabendo como o filho està cercado,
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,
 Se parte diligente da Cidade,
 Que não perde a presteza co a idade.

81

E co a famosa gente á guerra ysada,
 Vai socorrer o filho, & assi ajuntados,
 A Portuguesa furia costumada,
 Em breue os Mouros tẽ desbaratados:
 A campina que todã està qualhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cauallos, jaçzes, presa rica,
 De seus senhores mortos chea fica.

82

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida,
 O Miralmomini sò não fogio,
 Porque antes de fogir lhe fogue a vida,
 A quem lhe esta victoria permitio,
 Daõ lououres, & graças sem medida:
 Que em casos tam estranhos clarãmete
 Mais peleja o fauor de Deos q a gente.

83

De tamanhas victorias triunfaua
 O velho Affonso, Principe subido,
 Quando quem tudo emfim vecẽdo andaua
 Da larga, & muita idade foy vencido,
 A palida doença lhe tocava,
 Com fria maõ o corpo enfracuecido:
 E pagaraõ seus annos este futo,
 Aa triste Libitina seu dereito.

Os altos promontorios o choraraõ,
 E dos rios as agoas saudosas
 Os semeados campos alagaraõ,
 Com lagrimas correndo piadosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargaraõ,
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reyno chamaraõ,
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vaõ.

85

Sancho forte mancebo, que ficara
 Imitando seu pay na valentia,
 E que em sua vida ja se experimentara,
 Quando o Betis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratara
 Do Ismaelita Rey de Andaluzia.
 E mais quando os q Beja e vão cercaraõ
 Os golpes de seu braço em sy prouaraõ

86

Despois que foy por Rey aleuantado,
 Auendo poucos annos que reynaua,
 A Cidade de Silues tem cercado,
 Cujos campos o barbaro laurara:
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada, que passaua:
 De armas fortes & gente apercebida,
 A recobrar Iudea ja perdida.

87

Passauaõ a ajudar na sancta empresa,
 O roxo Federico, que moueo
 O poderoso exercito, em defesa
 Da Cidade onde Christo padeceo,
 Quando Guido co a gête em sede accesa,
 Ao grande Saladino se rendeo:
 No lugar onde aos Mouros sobejauaõ
 As agoas que os de Guido desejavaõ.

88

Mas

Mas a fermosa armada, que viera
 Por contraste de vento, àquella parte
 Sancho quis ajudar na guerra fera,
 Ia que em seruiço vay, do sancto Marte
 Assim como a seu pay acontecera,
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Silues toma,
 E o brauo morador destrue, & doma.

89

E se tantos tropheos do Mahometa,
 Aleuantando vay tambem do forte
 Leones, não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mauorte:
 Ate que na cerviz seu jugo meta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte,
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 q̃ por armas tu Sãcho humildes tinhas.

90

Mas entre tantas palmas sa'teado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu de todos estimado,
 q̃ foy segundo Affonso, & Rey terceiro
 No tẽpo deste, aos Meuros foi tomado
 Alcaçare do sal por derradeiro:
 Porque dantes os Monros o tomaraõ,
 Mas agora estruidos o pagaraõ.

91

Morto depois Affonso lhe succede
 Sancho segundo, mãso & descuydado,
 Que tão em seus descuydos se desmede
 Que d'outrẽ quẽ mãdava era mãdado,
 De governar o Reyno que outro pede,
 Por causa dos priuados e y privado,
 Porque como por elles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam deshonesto
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por mulher, & despois horrêdo incesto
 Com a mãy Agripina cometia:
 Nem tam cruel às gentes, & molesto,
 Que a Cidade queimasse onde viuia;
 Nem tam maõ como foy Heliogaballo,
 Nem como o mole Rey Sardanapalo.

93

Nem era o povo se tiranizado:
 Como Cicilia foy de seus tyranos,
 Nem tinha como Phalaris achado
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o Reyno de altuo, & costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rey não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos: excellête.

94

Por esta causa o Reyno gouernou
 O Conde Bolonhes, despois alçado
 Por Rey, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sicho, sempre ao ocio dado:
 Este Affonso o Terceiro se chamou:
 E des que teue o Reyno segurado:
 Em dilatálo cuida, que em terreno
 Não cabe o altuo peito tam pequeno.

95

Da terra dos Algarues, que lhe fôra
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co braço, & deita fôra
 O Mouro mal querido ja de Marte:
 Este de todo fez liure, & senhora
 Lusitania, com força, & bellica arte:
 E acabou de oprimir a nação forte
 Na terra q' aos de Luso coube em sorte

96

Dis

Eis despois vem Dinis, que bem parece
 Do brauo Affóso estirpe nobre & dina,
 Com quem a fama grande se escurece
 Da liberalidade Alexandrina.
 Co este o Reyno prospero florece,
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)
 Em constituicoes, leys & costumes,
 Na terra ja tranquilla claros lumes.

97

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
 O valeroso officio de Minerua,
 E de Helicon as Musas fez passar-se
 A pisar de Mondego a fertil herua:
 Quanto pode de Athenas desejar-se,
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

98

Nobres villas de nouo edificou,
 Fortalezas, castellos muy seguros,
 E quali o Reyno todo reformou,
 Com edificios grandes, & altos muros:
 Mas despois q̃ a dura Atropos cortou,
 O fio de seus dias ja maduros:
 Ficou-lhe o filho pouco obediente,
 Quarto Affóso: mas forte & excelente.

99

Este sempre as soberbas Castelhanas,
 Cõ peito desprezou firme & sereno,
 Porque não he das forças Lusitanas,
 Temer poder maior, por mais pequeno
 Mas porem quando as gões Mauritanas
 A possuir o Esperico terreno,
 Entrarãõ pelas terras de Castella,
 Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirânis, gente tanta
 Veo os campos Ydaspicos enchendo,
 Nem Atila, que Italia toda eipanta,
 Chamandose de Deos a çoute horredo.
 Gortica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co poder excelsiuo de Granada
 Foy nos campos Tartesios ajuntada.

101

E vendo o Rey sublime Castelhana
 A força inexpugnauel, grande & forte,
 Tenendo mais o fim do pouo Hispano,
 Ia perdido hũa vez, q̃ a propria morte
 Pedindo ajuda ao forte Luitano,
 Lhe mandaua a carissima conforte,
 Molner de que a manda, & filha amada
 Diquelle a cujo Reyno foy mandada.

102

Entraua a fermossissima Maria
 Polos paternais paços sublimados,
 Lindo o gesto nas fora de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados,
 Os cabellos Angelicos trazia,
 Pelos eburneos hombros espalhados:
 Diante do Pay ledo, que a agasalha,
 Estas palautas tais chorando espalha.

103

Quantos pouos a terra produzio
 D'Africa toda gente fera & estranha,
 O gram Rey de Marrocos conduzio
 Pera vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto não se vio,
 Despoçar de tallo mar a terra banha.
 Trazem ferocidade, & faror tanto,
 Q̃ a viuos medo, & a mortos faz espanto.

104

Aquelle

Aquelle que me deite por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe esta, da Maura espada,
 E se não for contigo socorrido, (da,
 Vermehas delle & do Reyno ser priua-
 Viua & triste, & posta em vida eicura,
 Sem marido, sem Reyno, & sem vetura.

105

Por tanto, ô Rey, de que cõ puro medo
 O corrente Maluca se congela,
 Rompe toda a tardança, acõ se cedo,
 Aa miseranda gente de Castella.
 Se esse gesto que mostras claro & ledo,
 De pay o verdadeiro amor a bella:
 Acude & corre pay, que se não corres,
 Podê ser que não aches que socorres.

106

Naõ de outra sorte a timida Maria
 Fallando esta, q̃ a triste Venus, quan Jo
 A Iupiter seu pay fauor pedia,
 Pera Encas seu filho, naugando,
 Que a tanta piedade o comoura,
 Que caido das mãos o rayo infando:
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pefandolhe do pouco que lhe pede.

107

Mas ja cos esquadroes da gente armada
 Os Eborenses campos vam q̃ aliados,
 Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
 Vam rinchando os cavallo jazados:
 A canora trombeta eue endogada
 Os coraçoes à paz acostumados:
 Vay as fulgentes armas incitando
 Polas concavidades retumbando.

C A N T O

Entre todos no meyo se sublima,
 Das insignias Reais acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos, leua o collo aleuantado,
 E so mente co gesto esforça & anima,
 A qualquer coraçãõ amedrontado.
 Assim entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil Raynha della.

109

Juntos os dous Affonsos finalmente
 Nos campos de Tarifa, estam defronte
 Da grande multidãõ da cega gente,
 Pera quẽ sam pequenos câpo & monte:
 Não ha peito tam alto & tam potente,
 Que de desconfiança não se afronte,
 Em quanto não conheça, & claro veja,
 Que co braço dos seus Christo pelesja.

110

Estam de Agar os netos casi rindo,
 Do poder dos Christãos fraco & peño
 As terras como suas repartindo,
 Ante mão, entre o exercito Agareno:
 Que com titulo falso possuindo
 Fsta o famoso nome Sarraceno.
 Assim tambem com falsa conta & nua,
 Aa nobre terra alhea chamaõ sua.

111

Qual o membrudo & barbaro Gigãte,
 Do Rey Saul, com causa tam temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante,
 Si de pedras & esforço apercebido,
 Com palavras soberbas o arrogante,
 Despreza o fraco moço mal vestido:
 Que ro leando a funda o desengana,
 Quãto mais pode a fẽ q aforça humana

Desta arte o Mouro perado despreza
 O poder dos Christãos, & não entende
 Que está ajudado da alta fortaleza,
 A quem o Inferno horriſico ſe rende.
 Co ella o Castelhana, & com destreza,
 De Marrocos o Rey comete & offende.
 O Portugues que tudo estima em nada
 Se faz temer ao Reyno de Granada.

113

Eis as lanças, & espadas retenião
 Por cima dos arneſes, brauo estrago,
 Chamão (segundo as leys q̄ ali ſeguião)
 Hás Maſamede, & outros Sanctiãgo,
 Os feridos com grita o Ceo feriaõ,
 Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
 Onde outros meios mortos ſ'aſoguaõ
 Quando do ferro as vidas escapuaõ.

114

Cõ eſforço tamanho eſtrua, & mata
 O Luſo ao Granadil, q̄ em pouco eſpaço
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer deſeſa, ou peito de aço:
 De alcançar tal victoria tam barata,
 Inda não bem contente o forte braço
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,
 Que pelejando eſtã co Mauritano.

115

Ia ſe hia o Sol ardente recolhendo
 Pera a caſa de Thetis, & inclinado
 Pera o Ponente o veſpero trazendo,
 Eſtaua o claro dia memorado, (rêdo
 Quando o poder do Mauc ^{ſe enno} grãde, & hor
 Foi pelos fortes Reys desbaratado,
 Com tanta mortandade, q̄ a memoria
 Nãca no mudo vio tam grãde victoria.

C A N T O

Não matou a quarta parte o forte Ma-
 Dos q' morrerão neste vecinero, (rio
 Quando as agoas co sãgue do aduersario
 Fez beber ao exercito sedento,
 Nem o Peno asperissimo contrario,
 Do Romano poder de nascimento:
 Quando tãtos matou da illustre Roma
 q' alqueires tres de aneis dos mortos to

117

(ma.

E se tu tantas almas so pudeste
 Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
 Quando a sancta Cidade desfizeite
 Do pouo pertinaz no antigo rito:
 Permissão, & vingança foy celeste,
 E não força de braço, ò nobre Tito,
 Que así dos Vates foy profetizado,
 E despois por IESV certificado.

118

Passada esta tam prospera victoria,
 Tornado Affonso à Lusitana terra
 A se lograr da paz com tanta gloria,
 Quanta soube ganhar na dura guerra,
 O caso triste, & dino da memoria,
 Que do sepulchro os homẽs desenterra
 Aconteceo da misera, & mesquinha
 Que despois de ser morta foy Rainha.

129

Tu só, tu puro amor com força crua,
 Que os corações humanos tão obriga
 Deste causa à molesta morte sua,
 Como se fora perda inimiga:
 Se dizem q' amor que a sede tua
 Nem ~~amarguras~~ ~~tristes~~ se mitiga:
 He porque queres aspero, & tirano
 Tuas aras banhar em sangue humano.

120

Estauas

Estavas linda Ines posta em fozes
 De teus annos, colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma, leão, & cego
 Que a fortuna não deixa durar muito;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus fermosos olhos nancz enxuto,
 Aos montes ensinando, & às ecuinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.

121

Do teu Principe ali te respondiaõ,
 As lembranças q' na alma lhe morauõ
 Que sempre ante seus olhos te traziaõ,
 Quando dos teus fermosos se apartauaõ
 De noite em doces sonhos q' mentiaõ,
 De dia em pensamentos que voauaõ.
 E quanto enfim cuidaua, & quanto via
 Eraõ tudo memorias de alegria.

122

D'outras bellas senhoras, & Princezas
 Os desejados talamos engeita
 q' tudo enfim, tu puro amor desprezas
 Quando hum gesto suave te fogeita:
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pay sefudo, que respeita
 O marmurar do pouo, & a fantasia
 Do filho, que casarse não queria.

123

Tirar Ines ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Credo co sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo aceso:
 Que furor consentio, q' a espada fina
 Que pode sustentar o ^{se enno} ~~branco~~ ^{do} ~~do~~
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra hũa fraca dama delicada?

C A N T O

Traziaõ aos horrificos algozès
 Ante o Rey, ja mouido a piedade:
 Mas o pouo com falsas, & ferozes
 Razoès, à morte crua o persuade:
 Ella com tristes, & piedosas vozes
 Saidas só da magoa, & saudade
 Do seu Principe, & filhos que deixava,
 Que mais q̃ a propria morte a magoava

125

Pera o Ceo cristalino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos,
 Os olhos, porq̃ as mãos lhe estava atado
 Hum dos duros ministros rigurosos:
 E despois nos mininos atentando,
 Que tam queridos tinha, & tá mimosos
 Cuja orfindade como máy temia,
 Pera o auò cruel assi dizia.

126

Se ja nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aues agrestes, que lamente
 Nas rapinas aereas tem o intento,
 Com pequenas crianças vio a gente
 Terem tam piadoso sentimento,
 Como co a máy de Nino ja mostraraõ,
 E cos irmaõs que Roma edificaraõ.

127

tu q̃ tès de humano o gesto, & o peito
 Se de humano he, matar húa donzella
 Raca, & sem força, só por ter subjeito
 O coraçaõ, a quem soube vencella)
 E estas crianças has tem respeito,
 Pois o ~~seu~~ ~~seu~~ morte escura della,
 Fouate a piedade sua, & minha,
 Pois te não moue a culpa q̃ não tinha.

128

E se

E se vencendo a Maura 'resistencia,
 A morte sabes dar com fogo, & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem pera perdela naõ fez erro:
 Mas se to así merecê esta innocencia
 Poëme em perpetuo, & misero de ferro
 Na Scitia fria, ou lá na Lybia ardente
 Onde em lagrimas viua eternamente.

129

Poemime onde se vse toda a feridade
 Entre Libes, & Tygres, & verey
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos naõ achey
 Ali co amor intrinseco, & vontade
 Naquelle por quem mouro, criarey
 Estas reliquias suas que aqur viste,
 Que refrigerio sejaõ dá máy triste.

130

Queria perdoarlhe o Rey benigno
 Mouido das palavras que o magoaõ,
 Mas o pertinaz pouo, & seu destino
 (q̄ desta sorte o quis) lhe naõ perdoaõ,
 Arrancaõ das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito ali apregoaõ
 Contra hũa dâma, ò peitos carniceros
 Feros vos amostrais, & caualeiros?

131

Qual contra a linda moça Politena
 Consolagaõ extrema da máy velha,
 Porque a sombra de Achilles a cõdenz,
 Co ferro o duro Pirro se aparelha:
 Mas ella os olhos com que o ar serena,
 (Bem como paciente, & ennoquelha)
 Na misera máy postos, que enoa dece,
 Ao duro sacrificio se oferece.

Tais cõtra Inès os brutos matadores
 No colo de alabastro, que sostinha
 As obras cõ q̃ Amor matou de amores
 Àquelle que despois a fez Raynha:
 As espadas banhádo, & as brãcas flores
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçauão, feruidos, & vrosos
 No futuro castigo não cuidadosos.

133

Bem podêras, ò Sol, da vista destes
 Tens raios apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de Tyestes, (mia.
 Quando os filhos por mão de Atreu co-
 Vos, ò concauos vales que podêstes
 A voz extrema ouuir da boca fria,
 O nome do seu Pedro que lhe ouístes
 Por muito grande espaço repetístes.!

134

Afsi como a bonina que cortada
 Antes do tempo foy, candida & bella,
 Sendo das mãos lasciuas maltratada,
 Da minina que a trouxe na capella: (da
 O cheiro traz perdido, & a cor murcha
 Tal está morta a palida donzella,
 Secas do rosto as rosas, & perdida
 A branca, & viua cor, co a doce vida.

135

As filhas do Mondego, a morte escura
 Longo tempo chorando memoraraõ,
 E por memoria eterna em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaraõ:
 O nome lhe poseraõ, que inda dura
 Dos amores que ali passaraõ.
 Vede q̃ rreica fonte rega as flores, (res
 q̃ lagrimas saõ a agoa, & o nome amo-

Não correu muito tempo q̄ a vingança
 Não viu Pedro das mortais feridas,
 Que em tomádo do Reino a governança
 A tomara dos fugidos homicidas:
 Do outro Pedro cruelsimo os alcança,
 q̄ ambos inimigos das humanas vidas
 O concerto fizeraõ duro, & injusto,
 q̄ có Lepido, & Antonio fez Augusto.

137

Este castigador foy riguroso,
 De latrocínios, mortes, & adulterios,
 Fazer nos maos cruezas, fero, & yroso
 Erão os seus mais certos refrigerios:
 As cidades guardando justicozo,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladroes castigando à morte deu
 Que o vagabundo Alcides, ou Taelseu.

138

Do justo & duro Pedro nasce o brádo
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algú Fernando
 q̄ todo o Reyno pos em muito aperto,
 Que vindo o Castellano deuaftando
 As terras sem defeza, esteue perto
 De destruirse o Reyno totalmente,
 q̄ hũ fraco Rey faz fraca a forte gente.

139

Ou foy castigo claro do peccado
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casarse co ella de enleuado
 N'um falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração foygeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se se ennojado,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece
 q̄ hum baxo amor os fortes enfraquece

Do peccado teueraõ sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:
 Os que foraõ roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David Sãcto se cõdena?
 Ou quem o Tribu illustre destruiu
 De Benjamin? bem claro no lo. ensina
 Por Sarra Farad, Sychem por Dina.

141

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Almena se parece
 Quãdo em Omfale andaua trãformado
 De Marco Antonio a fama se escurece,
 Com ser tanto a Cleopatra afeição do:
 Tu tambem Peno prospero o sentiste
 Despois q a moça vil na Apulia viste

142

Mas quem pôde liurar-se por vêtura
 Dos laços q amor arma brandamente
 Entre as rosas, & a neve humana pura,
 O ouro, & o alabastro transparente,
 Quem de hũa peregrina fermosura
 De hum vulto de Medusa propriamête
 Que o coraçãõ conuerte q tem preso,
 Em pedra naõ; mas em desejo aceso.

143

Quê vio hũ olhar seguro, hũ gesto brãdo
 Hũa suave, & Angelica excelencia
 q em si està sêpre as almas trãformãdo
 Que tiuêsse contra ella resistencia:
 Desculpado por certo està Fernando
 Pera qe... de amor experiencia:
 Mas antes tendo liure a fantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

F I M.

C A N-

CANTO IV.

I



Es pois de procellosa
 tempestade,
 Nocturna sombra, &
 sibilante vento,
 Traz a manhaã serena
 claridade,
 Esperança de porto, & saluamento:
 A parta o Sol a negra escuridade,
 Remouendo o temor ao pensamento:
 Assim no Reyno forte aconteceu,
 Depois que o Rey Fernando falleceo.

2

Porque se muito os nossos desejarão
 Quem os danos, & offensas vã vingado
 N'aquelles q̃ tambem se aproueitaraõ,
 Do descuido remisso de Fernando,
 Depois de pouco tempo o alcançaraõ,
 Ioanne sempre illustre aleuantando
 Por Rey, como de Pedro vnico erdeiro
 (Ainda que bastardo) verdadeiro.

3

Ser isto ordenação dos ceos diuina,
 Por sinais muito claros se mostrou
 Quando em Euora a voz de hũa minina
 Ante tempo falando o nomeou:
 E como cousa emfim que o Ceo destina
 No berço o corpo, & a se ennozentou,
 Portugal, Portugal, alcançando a mão
 Disse, polo Rey nouo Dom Ioão.

4

Alterar

C A N T O

Alteradas entãõ do Reyno as gentes
 Co odio que occupado os peitos tinha
 Absolutas cruezas, & euidentes
 Faz do pouo o furor por onde vinha,
 Matando vaõ amigos, & parentes
 Do adultero Conde, & da Raynha,
 Com quem sua incõtinencia defonesta
 Mais (despois de viuua) manifesta.

5

Mas elle emfim cõ causa deshornado
 Diante della a ferro frio morre,
 D'outros muitosna morte acõpanhado
 q̃ tudo o fogo erguido queima, & corre
 Quem como Astianàs precipitado
 (sem lhe vale rem ordẽs) de alta torre
 A quem ordẽs, nem aras, nem respeito,
 Quem nũ por ruas, & empedaços feito.

6

Podẽse pũr em longo esquecimento
 As cruezas mortais que Roma vio
 Feitas do feroz Mario, & do cruento
 Sylla, quando o contrario lhe fogio:
 Por isso Lianor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio
 Faz contra Lusitania vir Castella
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha, que casada
 Co Castelhana estã, que o Reyno pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castella aleuantada,
 Dizen ~~que~~ a filha ao pay succede:
 Suas forças ajunta pera as guerras;
 De varias regioẽs, & varias terras.

8

Vem

Vem de toda a prouincia q̄ he hũ Brigo
 (Se foy) ja teue o nome diriuado
 Das terras q̄ Fernando, & que Rodrigo
 Ganhãraõ do tirano, & Mauro estado:
 Não estimão das armas o perigo.
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente
 Cos Mouros foy nas armas excel'ente.

9

Os Vandalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntauãõ
 Da cabeça de toda Andaluzia
 Que do Goadalquibir as agoas lauaõ,
 A nobre ilha tambem se apercebia
 Que antigamente os Tirios habitauãõ,
 Trazendo por insignias verdadeiras
 As Herculeas colunas nas bandeiras.

10

Tambem vem la do Reyno de Toledo
 Cidade nobre, & antiga, a quẽ cercãdo
 O Tejo em torno vay suaue, & ledo
 Que das ferras de Conca vem manãdo:
 A vos outros tãbem não toihe o medo,
 Ô sordidos Galegos, duro bando,
 Que pera resistirdes, vos armastes
 àquelles, cujos golpes ja prouastes.

11

Tãbẽ mouẽ da guerra as negras furias
 A gente Bizcainha, que carece
 De polidas razoẽs, & que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece:
 A terra de Guipuscua, & das Asturias
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou d'elle, os soberbos matadores
 Pera ajudar na guerra a seus senhores.

C A N T O

Ioane, a quẽ do peito o esforço crece,
 Como a Sanlam Hebreo da guedelha,
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos pontos de seu Reyno se aparelha,
 E não porque conselho lhe falece
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas só por ver das gentes as sentenças
 q̃ sempre ouue entre muitos differenças

13

Não falta cõ razões quẽ desconcerte,
 Da opinião de todos, na vontade
 Em quẽ o esforço antigo se conuerte
 Em desusada, & mã deslealdade,
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 Que a propria, & natural fidelidade,
 Negão o Rey, & a patria, & se conuem
 Negarãm (como Pedro) o Deos q̃ tem.

14

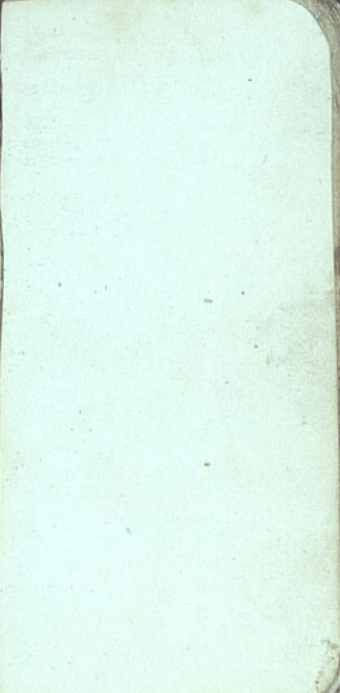
Mas nunca foy q̃ este erro se sentisse
 No forte dom Nunõ Alueres: mas antes
 Posto q̃ em seus irmãos tã claro o vísse
 Reprouando as vontades inconstantes:
 A aquellas duvidosas gentes disse
 Com palauras mais duras que elegãtes,
 A mão na espada irado, & não facũdo,
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

15

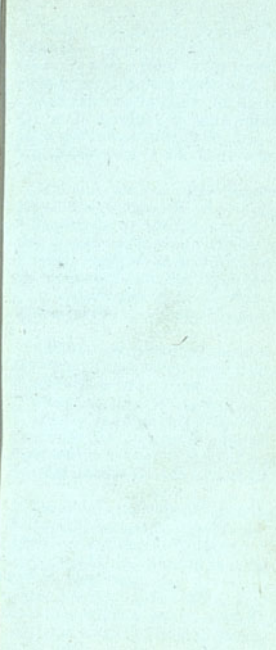
Como da gente illustre Portuguesa
 Ha de auer quẽ refusa o patrio Marte?
 Como, desta Prouincia que Princeza
 Foy das gẽtes na guerra em toda parte,
 Ha de sair quem negue ter defesa, (te
 Quẽ negue a fé, o amor, o esforço, & ar
 De Portugues, & por nenhum respeito
 O proprio Reyno queira ver sogeito?

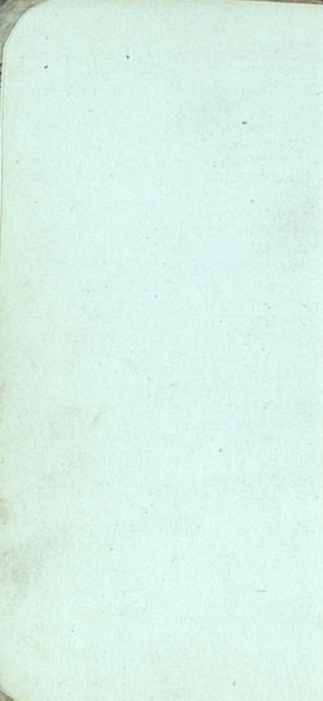
16

Como,









Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro
 Açoite de soberbos Castelhanos,
 Como ja o fero Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso caualleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, & regelos,
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.


25

E da outra ala que a esta corresponde
 Antão Vasquez de Almada he Capitão
 q̃ despois foy de Abrãches nobre Côde,
 Das gentes vay regendo a sestra mão,
 Logo na retagoarda não se esconde
 Das quinas, & castellos o pendaõ
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecêdo o preço vay de Marte.

26

Estauão pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias, (as
 Rezãdo as mãys, irmaãs, damas, & espo
 Prometendo jejũs, & Romarias:
 Ia chegaõ as esquadras bellicosas
 Defronte das imigas companhias
 Que com grita grandissima os recebem
 E todas grande duuida concebem.

27

Respondem as trombetas mensageiras
 Pifaros, sibilantes, & atambores,
 Alferezes volteãõ as bandeiras
 Que variadas saõ de muitas cores:
 Era no seco tempo que 
 Ceres o fructo deixa aos iaurães,
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto
 Baco das uvas tira o doce mosto.

28

E 2

De

C A N T O

Deu final a trombeta Castelhana,
 Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
 Ouuiu o móte Artabro, & Guadiana,
 Atras tornou as ondas de medroso:
 Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana
 Correo ao mar o Tejo duuidoso:
 E as mãys que o som terriuel escutàrao
 Aos peitos os filhinhos apertàrao.

29

Quantos rostos ali se vem sem cor,
 Que ao coraçãõ acode o sangue amigo
 Que nos perigos grandes, o temor
 He mayor muitas vezes que o perigo:
 E se o naõ he, pareceo, que o furor
 De offender, ou vencer o duro inimigo
 Faz naõ sentir, q̃ he perda grãde, & rara
 Dos membros corporais da vida cara.

30

Começase a trauar a incerta guerra
 D'ãbas partes se moue a primeira ala,
 Hũs leua a defenãõ da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhala: (ra
 Logo o grãde Pereira em quẽ se encer-
 Todo o valor, primei: o se asinala,
 Derriba, & encõtra, & a terra emãim se
 Dos q̃ a tãto desejaõ, sendo alhea. (mea

31

Ia pelo espesso ar, os estridentes
 Farpoes, setas, & varios tiros voaõ
 Debaxo dos pès duros dos ardentes
 Cavallos, treme a terra, os vales soaõ:
 Espedacões de lanças, & as frequentes
 Que das duras armas tudo atroaõ
 Recrecem os inimigos sobre a pouca
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

32

Eis

Eis ali seus itmaõs contra elle vaõ
 (Caso feo & cruel:) Mas naõ se espanta,
 Que menos he querer matar o irmaõ,
 Que cõtra o Rey, & a patria se aleuãta:
 Destes arrenegados muitos sãõ
 No primeiro esquadraõ, que se adiãta,
 Cõtra irmaõs, & parêtes (caso estranho)
 Quaes nas guerras ciuis de Julio Magno

33

ò tn Sertorio, ò nobre Coriolano
 Catilina, & vos outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, cõ profano
 Coraçaõ, vos fizestes inimigos:
 Se lã no reyno escuro de Sumano
 Receberdes grauíssimos castigos,
 Dizeilhe que tambem dos Portugueses
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

34

Rõpenfe aqui dos nossos os primeiros
 Tãtos dos inimigos a elles vaõ:
 Estã ali Nuno, qual pellos outeiros
 De Ceita estã o fortíssimo liaõ
 Que cercado se vè dos caualheiros
 Que os campos vaõ correr de Tutuaõ,
 Persegueno cõ as lâças, & elle iroso (so
 Toruado húpouco estã, mas naõ medro

35

Com torua vista os vè, mas a natura
 Ferina, & a ira naõ lhe compadecem
 Q̃ as costas dè, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem:
 Tal estã o caualeiro que a verdura
 Tinge co sangue alheyo, e com
 Algũs dos seus, que o animo vale,
 Perde a virtude contra tanta gente.

C A N T O

Sentio Ioane a afronta que passava
 Nuno, que como sabio capitão,
 Tudo corria, & via, & a todos dava
 Com presença, & palavras coração:
 Qual parida Lioa fera, & braua
 Que os filhos que no ninho sãos estão
 Sentio, q̄ em quanto pasto lhe buscara
 O pastor de Massilia lhos furtara.



37

Corre riuosa, & freme, & cõ bramidos
 Os mōtes lete irmaõs atroa, & abala,
 Tal Ioane com outros escolhidos
 Dos iens, corredo acode à primeira ala
 ò fortes companheiros, ò iubidos,
 Caualeiros, a quem nenhum se igoala,
 Defendey vossas terras que a esperança
 Da liberdade, està na vossa lança.

38

Vedefine aqui, Rey vosso, & cõpanheiro
 q̄ entre as lanças, & sétas, & os arneses
 Dos inimigos corro, & vou primeiro,
 Pelejay verdadeiros Portagnezes:
 Isto disse o magnanimo guerreiro,
 E sopeiando a lança quatro vezes,
 Com força tira, & deste vnico tiro
 Muitos lançaraõ o vltimo soípiro.

39

Porque eis os seus acesos nouamēte
 D'ũa nobre vergonha, & hōroso fogo
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerã, do Marcio jogo
 Pernaõ: tinge ferro o fogo ardente
 Rõpe  primeiro, & peitos logo
 A  recebem junto, & daõ feridas
 Cõmo a que ja não doe perder asvidas

A muitos mandão ver o Estigio lago
 Em cujo corpo a morte, & o ferro en-
 O Mestre morre aji de Sãctiago (traua:
 Que fortissimamente pelejava,
 Morre tambem fazendo grãde estrago
 Outro Mestre cruel de Calatraua,
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegãdo o Ceo, & os fados


41

Muitos tãbem do vulgo vil sem nome
 Vão, & tãbem dos nobres ao profundo
 Onde o Trifauce Cão perpetua fome
 Tem, das almas que passãõ deste mudo
 E porque mais aqui se amanse, & dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foy derribada òs pès da Lusitana.

42

Aqui a fera batalha se encruece
 Cõ mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
 A multidão da gente que perece
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ia as costas dão, & as vidas: ja falece
 O furor, & sobejão as lançadas,
 Ia de Castella o Rey desbaratado
 Se vê, & de seu proposito mudado.

43

O campo vay deixando ao vencedor
 Contente de lhe não deixar a vida,
 Seguemno os que ficarão, & o temor
 Lhe dà não pès, mas asas à fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda ,
 Da magoa, da deshonra, & triste
 De ver outrem triũfar de seu despojo.

44

E 4

Algũs

C A N T O

Algũs vão maldizendo, & blasfemão
Do primeiro que guerra fez no mudo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso, & sitibundo.
Que por tomar o alheo, o miserando
Pouo aventura às penas do profundo,
Deixando tantas mãys, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.

45

O vencedor Ioane esteue os dias
Costumados no câpo, em grãde gloria,
Com offertas despois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno q̃ não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa Transtaganas.

46

Ajudão seu destino de maneira
Que fez igual o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, & o vecimeto:
Ja de Seuilha a Betica bandeira,
E de varios senhores n'um momento
Se lhe derriba aos pès sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.

47

Destas, & outras victorias lógamete
Erão os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que vis o Padre omnipotete
Dartos seus inimigos por maridos
Às quaes illustrissimas Inglesas
Gentis, fermosas, inclitas Princezas.

48

Não

Não sofre o peito forte usado à guerra
 Não ter inimigo ja a quem faça dano,
 E así não tendo a quem vêcer na terra
 Vay cometer as ondas do Oceano:
 Este he o primeiro Rey que se desterra
 Da patria, por fazer que o Africano,
 Conheça pollas armas, quanto excede
 A ley de Christo à ley de Mafamede.

49

Eis mil nadantes aues pello argento
 Da furiosa Tetis inquieta,
 Abrindo as pandas asas vão ao vento
 Pera onde Alcides pos a extrema meta:
 O monte Abila, & o nobre fundamêto
 De Ceita toma, & o torpe Mahometa
 Deita fora, & segura toda Espanha
 Da Iuliana mã, & de sleal manha.

50

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do Ceo supremo, quis que pouoasse:
 Mas pera defensam dos Lusitanos
 Deixou quẽ o leuou, quem governasse,
 E aumentasse a terra mais que dantes
 Inclita geraçam, altos Infantes.

51

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza,
 Que así vay alternando o tempo iroso
 O bem co mal, o gosto co a tristeza:
 Quem vio sempre hũ estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna a primeira?
 Pois inda neste Reyno, & neste Rey
 Não vfou ella tanto desta ley.

52

B 5

Vio

Vio ser captiuo o sãcto irmão Fernãdo
 Que a tam altas emprelas aspiraua,
 Que por saluar o pouo miserando
 Cercado, ao Sarraceno s'entregaua:
 Sò por amor da patria està passando
 A vida de senhora feita escraua,
 Por não se dar por elle a forte Ceitã,
 Mais o publico bem que o seu respeita

53

Codro porq̃ o inimigo não venceffe,
 Deixou antes vencer da morte a vida,
 Regalo porque a patria não perdeffe
 Quis mais a liberdade ver perdida:
 Este, porque se Elspanha não temesse
 A captiueiro eterno se conuida:
 Codro, nem Curcio, ouuido por espãto
 Ne.n os Declos leais fizerão tanto.

54

Mas Affonso do Reyno vnico herdeiro
 Nome em armas ditoso, em nossa Hespe
 q̃ a soberba do barbaro fronteiro, (ria
 Tornou em baxa, & humilima miseria,
 Fora por certo inuiçto caualeiro
 Se não quísera ir ver a terra Iberia:
 Mas Affrica dirã ser impossiuel
 Poder ninguem vencer o Rey terriuel.

55

Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que fomite o Terintio colher pode
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
 A cerviz inda agora não sacode:
 Na frõte a corõna leua, & o verde louro
 Das ~~coroas~~ do barbaro, que acode
 Conterder Alcacer forte villa,
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

56

Porém

Porèm ellas emfim por força entradas
 Os muros abaxarão de Diamante
 Às Portuguezas forças costumadas
 A derribarem quanto achão diante,
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dignas elegante,
 Fizerão caualeiros nesta empreza
 Mais, affinando a fama Portuguesa.

57

Porèm despois tocado de ambição,
 E gloria de mandar amara, & bella,
 Vay cometer Fernando de Alagaõ,
 Sobre o potente Reyno de Castella,
 Ajuntase a inimiga multidão
 Das soberbas, & varias gentes della,
 Desde Caliz ao alto Perineo,
 Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

58

Não quis ficar nos Reynos ocioso
 O mancebo Ioanne, & logo ordena
 De ir ajudar o pay ambicioso
 Que então lhe foy ajuda não pequena:
 Sahiose emfim do trance perigoso
 Com fronte não toruada, mas serena
 Desbaratado o pay sanguinolento:
 Mas ficou duuidoso o vencimento.

59

Porque o filho sublime, & soberano,
 Gentil, forte, animoso caualeiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro
 Desta arte foy vencido o Romano,
 E Antonio vencedor se tornou
 Quando daquelles que Cesar matou
 Nos Philipicos campos se vingaram.

C A N T O

Porèm depois q̃ a escura noite eterna,
 Affonso apolentou no Ceo sereno,
 O Príncipe q̃ o Reyno entaó gouerna,
 Foy Ioanne segundo, & Rey terzeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do q̃ tentar pode homem terreno
 Tentou, q̃ foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, q̃ eu vou buscádo agora.

61

Manda seus cópanheiros q̃ passáraõ
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E à no illustre porto se embarcáraõ,
 Onde ja foy Partenope enterrada,
 Napoles onde os fados se mostráraõ,
 Fazendo a varias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos
 Co sênhorio de inclitos Hispanos.

62

Polo mar alto Siculo nauegaõ,
 Vãose às prayas de Rodes arenosas,
 E dali às ribeiras altas chegaõ,
 Que có morte de Magno saõ famosas:
 Vão a Menfis, & às terras que se regaõ
 Das enchentes Niloticas vndosas
 Sobem à Ethiopia, sobre Egypto,
 Que de Christo à guarda o sancto rito

63

Passaõ tambem as ondas Eritroas,
 Que o pouo de Israel sem Nao passou,
 Ficaõlle atras as terras Nabateas,
 Que o filho de Ismael co nome ornou:
 Às costas odoríferas Sabeas,
 Que a ~~_____~~ bello Adonis tãto hóron
 C_____, com toda a Arabia descuberta
 Felix, deixando a Petrea, & a Deserta.

64

Entraõ

Entraõ no estreito Perfico, onde dura
 Da confusa Babel, inda a memoria,
 Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
 Que as fontes onde nascê tẽ por gloria:
 Dali vam em demanda da agoa pura.
 Que causa inda serà de larga historia
 Do Indo, pellas ondas do Oceano
 Onde naõ se atreueo passar Trajano.

65

Viram gentes incognitas, & estranhas
 Da India, da Carmania; & Gedrolia,
 Vendo varios costumes, varias manhas
 Que cada Regiaõ produz e cria:
 Mas de vias tam asperas, tamanhas
 Tornarse facilmente naõ podia,
 La morreraõ em fim, & la ficaraõ,
 Que à desejada patria naõ tornaraõ.

66

Parece que guardava o claro ceo
 A Manoel, & seus merecimentos,
 Esta empresa tam ardua, que o moueo
 A subidos & illustres mouimentos:
 (Manoel, que a Ioane socedeo
 No reyno, & nos altiuos pensamentos)
 Logo como tomou do reyno cargo
 Tomou mais a cõquista do mar largo.

67

O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigaçaõ, que lhe ficara
 De seus antepassados, (cujo intento
 Foy sempre acrecentar a terra clara)
 Naõ deixasse de ser h. . . momento
 Conquistado: No tẽpo que u. . . clara
 Foge, & as eitrellas nitidas que fac. . .
 A repouso conuidaõ, quando cae n.

68

E 7

Estando

C A N T O

Estando ja deitado no aureo leito
 Onde imaginações mais certas sam,
 Reuoluendo contino no conceito
 De seu officio, & sangue a obrigaçam,
 Os olhos lhe ocupou o sonno aceito
 Sem lhe desocupar o coraçam,
 Porque tanto que laço se adormece
 Morteo em varias formas lhe aparece.

69

Aqui se lhe apresenta que subia
 Taó alto que tocaua à prima esphera,
 Donde diante varios mundos via
 Nações de muita gēte estranha, & fera:
 E là bem junto donde nace o dia
 Depois que os olhos lógos estendera,
 Vio ã antigos lóginquos & altosmótes
 Nacerem duas claras & altas fontes.

70

Aues agrestes, ferás & alimarias
 Pello monte seluatico habitauaó,
 Mil aruores syluestres & heruas varias
 O passo & o trato às gentes atalhauaó
 Estas duras montanhas aduersarias
 De mais cóuersaçaó, por sy mostrauaó
 q̄ desque Adam peccou aosnosos annos
 Naó as romperaó nunca pès humanos.

71

Das agoas se lhe antolha q̄ sahiaó
 Parelle os largos passos inclinando
 Dous homés, que muy velhos pareciaó
 De aspecto, inda q̄ agreste, venerando:
 Das pontes q̄ cabellos lhe sahiaó
 Gotas q̄ o corpo todo vaó banhando,
 Por da pelle baça & denegrada,
 A barba hirsuta, intonsa, mas cóprida.

74

Dambos

Dambos de dous a fronte coroada
 Ramos naõ conhecidos & heruas tinhz
 Hum delles a presença traz cansada
 Como quẽ de mais longe ali caminha,
 E assi a agoa com impeto alterada
 Parecia que d'outra parte vinha,
 Bẽ como Alfeo de Arcadia em Syracusa
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

73

Este que era o mais graue na pessoa
 Dest'arte pera o Rey de longe brada,
 O tu a cujos reynos & coroa
 Grande parte do mũdo està guardada,
 Nos outros, cuja fama tanto voa
 Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
 Te auisamos q̃ he tempo que ja mães
 A receber de nos tributos grandes.

74

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,
 Estoutro he o Indo Rey que nesta serra
 Que vès, seu nacimiento tem primeiro:
 Cuitartemos com tudo dura guerra,
 Mães insistindo tu por derradeiro,
 Com naõ vistas victorias, sem receyo
 A quantas gentes vès poràs o freyo.

75

Naõ disse mais o rio illustre & sancto,
 Mas ambos desparecem num momẽto,
 Acorda Emanuel c'hum nouo espanto
 E grande alteraçãõ de pensamento:
 Estendeo nisto febo ~~o~~ manto
 Pello escuro emispherio tonoz ~~to~~
 veio a menhãa no ceo pintãdo as ~~as~~ res
 De pudibunda rosa & roxas flores.

76

E 8

Chama

C A N T O

Chama o Rey os senhores a conselho,
 E propoélhe as figuras da visã,
 As palautas lhe diz do sancto velho,
 Que a todos foram grande admiração:
 Determinão o nautico aparelho
 Pera que com sublime coraçã
 Vã a gente q̃ mandar cortando mares
 A buícar novos climas, novos ares.

77

Eu que bê mal cuidava que em effeito
 Se possesse o que o peito me pedia,
 Que sempre grãdes cousas deste geito
 Presago o coração me prometia:
 Não sey porque razão, porq̃ respeito,
 Ou porque bó final que em mi se via,
 Me poê o inclyto Rey nas mãos a chaue
 Deste cometimento grande, & graue.

78

E com rogo & palauras amorosas
 q̃ he hũ mãdo nosReys q̃ a mais obriga
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas
 Se alcanção có trabalho & com fadiga:
 Faz as pessoas altas & famosas
 A vida que se perde & que periga,
 q̃ quãdo ao medo infame não se rende
 Então, se menos dura, mais se estende.

79

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para hũa empresa qual a vos se deve,
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,
 O que eu sey que por mi vos serà leue:
 Não sofri me a penas logo:ô Rey subido
 Aparentarme a ferro, a fogo, a neve,
 He um pouco por vos, q̃ mais me pena
 Ser esta vida cousa tam pequena.

Imaginay tamaphas aventuras
 Quais Euristeo a Alcides inuentaua,
 O Leão Cleonéo, Arpias duras
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:
 Decer emfim às sombras vãs & efcuras
 Onde os campos de Dite a Estige lava,
 Porque a mayor perigo, a mór afronta
 Por vós, o Rey, o espirito & carne he

81

(própta.

Com merces sumptuosas me agradece,
 E com razoões me louua esta vontade,
 Que a virtude louuada viue & crece,
 E o louuor altos casos persuade:
 A acompanhar-me logo se offerece
 Obrigado d'amor & d'amizade,
 Não menos cobiçoso de hõra & fama,
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

82

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
 De trabalhos muy grande soffredor,
 Ambos são de valia & de conselho
 D'experiencia em armas & furor:
 Ia de manceba gente me aparelho
 Em que crece o desejo do valor,
 Todos de grãde esforço, & assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

Forão de Emanuel remunerados,
 Porque cõ mais amor se apercebessem
 E com palauras altas animados
 Pera quantos trabalhos fozedessem:
 Assi forão os Mynias ~~com~~
 Pera que o veo dourado comba ~~assim~~
 Na fatidiça Nao, que oufou prime ~~a~~
 Tentar o mar Euxinio, a aventureira.

84

E 2

E ja

C A N T O

E ja no porto da inclyta Vlissea
 C'hum aluoroço nobre, & c'hũ desejo,
 (Onde o licor mestura & branca area
 Co salgado Neptuno o doce Tejo:)
 As naos prestes estam, & não refrea
 Temor nenhum o iuuenil despejo,
 Porque a gente maritima & a de Marte
 Estam pera seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados
 De varias cores vem, & varias artes,
 E não menos de esforço aparelhados
 Pera buscar do mundo nouas partes:
 Nas fortes naos os ventos soffegados
 Ondeão os aerios estandartes,
 Ellas prometem vendo os mares largos
 De ser no Olimpo estrellas como a de

86

(Argos.

Despois de aparelhados desta sorte
 De quanto tal viagem pede & manda,
 Aparelhamos a alma pera a morte
 q̃ sēpre aos nautas ante os olhos anda:
 Pera o fumo poder q̃ a Etherea corte
 Sustenta sò co a vista veneranda,
 Imploramos fauor que nos guiasse
 E que nossos começos aspirasse.

87

Partimonos así do sancto templo
 Que nas prayas do mar està assentado,
 Que o nome tē da terra, pera exemplo,
 dōde Deos foi em carne ao mūdo dado:
 Certifico te, o q̃ se se contemplo
 Como fu, nas prayas apartado,
 Ch, dentro de duuida & receyo
 q̃ apenas nos meus olhosponho o freyo

88

A gente

A gente da Cidade aquelle dia
 (Hús por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver fomento) concorria
 Saudosos na vista & descontentes:
 E nós co a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em prociffam folene a Deos orando
 Pera os bateis viemos caminhando.

89

Em tam longo caminho & duuidoso
 Por perdidos as gentes nos julgauão,
 As mulheres c'hum choro piadoso,
 Os homés com fofpiros q' arrancauão:
 Máys, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconha, acrecentauão
 A defefperação, & frio medo
 De ja nos não tornar a ver tam cedo.

90

Qual vai dizêdo: O filho a quê eu tinha
 Sò pera refrigerio, & doce emparo
 Deita cansada ja velhice minha,
 q' em choro acabarà, penoso & amaro:
 Porq' me deixas mísera & mezquinha?
 Porque de mi te vãs, o filho charo
 A fazer o funereo enterramento
 Onde fejas de peixes mantimento?

91

Qual é cabello: O doce & amado esposo
 Sem quê não quis amor q' viuer possa,
 Porque his auenturar ao mar yroso
 Effa vida q' he minha, & não he vossa?
 Como por hum caminho duuidoso
 Vos esquece a affeição tam doce e fofsa?
 Nosso amor. nosso vão contentamen.
 Quereis que có as vellas leue o vento?

92

Nestas

C A N T O

Nestas & outras palauras que dizião
 De amor, & de piadosa humanidade,
 Os velhos & os mininos os seguião
 Em quem menos esforço põe a idade:
 Os montes de mais perto respondião
 Quasi mouidos de alta piedade,
 A branca area as lagrimas banhauão
 q̃ em multidão co ellas se igualaão.

93

Nos outros sem a vista aleuantarmos
 Nem à mãy, nem a esposa, neste estado,
 por nos não magoamos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determiney de así nos embarcarmos
 Sem o despedimento custumado,
 Que posto que he de amor & sança boa
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

94

Mas hũ velho d'aspecto venerando,
 Que ficaua nas prayas, entre a gente,
 Postos em nos os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada hum pouco aleuantando
 Que nos no mar ouuimos claramente,
 C'hum saber sò d'experiencias feito
 Tais palauras tirou do experto peito.

95

ô gloria de mandar, ô vãa cubiça
 Desta vaidade, a quẽ chamamos Fama,
 ô fraudulento gosto, que se atiça
 C'hũa aura popular, q̃ honra se chama:
 Que castigo & dano & que justiça
 Faz no peito vão que muito te ama,
 Que mortes, que perigos, q̃ tormentas,
 Que crueldades nelles exprimentas.

96

Dura

Dura inquietação d'alma & da vida
 Fonte de desempares & adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reynos, & de imperios:
 Chamante illustre, chamante subida,
 Sendo digna de infames vituperios,
 Chamante fama, & gloria soberana,
 Nomes có que se o pouo necio engana.

97

A que novos desastres determinas
 De levar estes reynos & esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debaixo d'algum nome preminente?
 Que promessas de reynos, & de minas
 Douro, que lhe faràs tam facilmente?
 Que famas lhe prometeràs? q̃ historias?
 Que triumphos? q̃ palmas? q̃ victorias?

98

Mas ô tu geração daquelle infano
 Cujos peccado & de sobediencia
 Não fomenta do reyno soberano
 Te pos neste desterro & triste ausencia:
 Mas inda doutro estado mais q̃ humano
 Da quieta & da sumpres innocencia,
 Idade douro, tanto te priuou
 Que na de ferro & d'armas te deitou.

99

Ia que nesta gostosa vaidade
 Tanto enleuas a leue fantasia,
 Ia que à bruta crueza & feridade
 Poleste nome esforço & valentia,
 Ia que prezas em tanta vaidade
 O desprezo da vida, que deua
 De ser sempre estimada, pois que ja
 Temeo tanto perdella quem a dà.

C A N T O

Não tens junto contigo o Ismaelita
 Com quẽ sempre teràs guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a ley maldita
 Se tu polla de Christo sò pellejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras & riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado
 Se queres por victorias ser louuado?

101

Deixas criar às portas o inimigo
 Por yres buscar outro de tam longe,
 Por quem se despouoe o reyno antigo
 Se enfraqueça & se vâ deitãdo a lóge:
 Buscas o incerto & incognito perigo
 Porque a fama te exalte & te lifonge,
 Chamandote senhor com larga copia
 Da India, Persia, Arabia, & da Etiopia.

102

Ó maldito o primeiro q̃ no mundo
 Nas ondas vella pòs em seco lenho,
 Digno da eterna pena do profundo
 Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
 Nunca juyzo algũ aito & profundo.
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho
 Te dê por isso fama, nem memoria,
 Mas cõtigo se acabe ò nome & gloria.

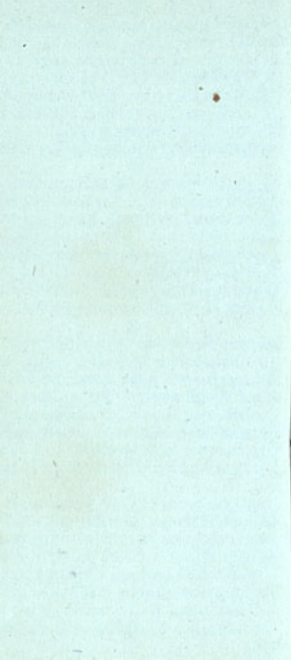
103

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o múdo em armas accendeo
 Em mortes, è deshóras (grãde engano)
 Quanto milhe nos fora Prometeo,
 E quanto pera o mundo menos dano,
 Se a tua estatua illustre não tiuera
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

104

Não

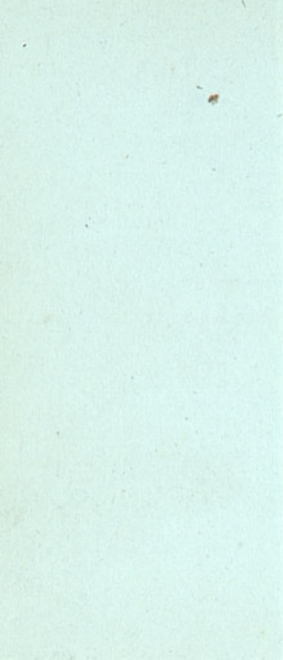














Sépre emfim pera o Austro a aguda proa
 No grandíssimo golfaó nos metemos
 Deixando a serra asperrima Lioa !
 CoCabo a quẽ dasPalmas nome demos
 O grande rio, onde batendo soa
 O mar nas prayas nõtas, que ali temos
 Ficou, co a ilha illustre que tomou
 O nome d'hum q̃ o lado a Deos tocou.

13

Aly o muy grande r̃eyno està de Cõgõ
 Por nõs ja conuertido à fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro, & longo
 Rio pellos antigos nunca visto:
 Por este largo mar em fim me alongo
 Do conhecido Polo de Calisto,
 Tendo o termino ardente ja passado,
 Onde o meyo do mundo he limitado,

14

Ia descuberto tinhamos diante
 Lã no nouo Hemispherio noua estrellã
 Naõ vista de outra gente, que ignorãte
 Algũs tempos esteue incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E por falta d'estrellas menos bellã,
 Do Polo fixo, onde inda se naõ sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe

15

Afsi passando àquellas regiões
 Por onde duas vezes passa Apolo,
 Dous inuernos fazendo, & dous veroes
 Em quãto corre d'hum ao outro Polo:
 Por calmas, por tormetas, & opressões
 Que sempre faz no mar irado Eolo,
 Vimos as Vrsas a pesar de tanto
 Banharen se nãs agoas de Neptunõ

C A N T O

Contarte longamente as perigosas
 Coufas do mar, q os homēs naó entēde
 Subitas trouoadas temerosas,
 Relampados q o ar em fogo acendem:
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trouoēs q o mūdo fendē,
 Não menos he trabalho, q grande erro
 Ainda que tiueffe a voz de ferro.

17

Os casos vi q os rudos marinheiros
 q tem por mestra a longa experiencia,
 Cõtão por certos sēpre, & verdadeiros
 Julgando as coufas só polla apparencia:
 E que os que tem juizos mais inteiros,
 Que só por puro engenho, & por ciēcia
 Vem do mundo os legredos escódidos
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

18

Vi claramente visto o lume viuo!
 Que a maritima gente tem por santo,
 Em tēpo de tormenta, & vento esquiuo
 De tēpestade escura, & triste pranto:
 Não menos foy a todos excessiuo
 Milagre, & coufa certo de alto espanto
 Ver as nuuēs do mar com largo cano
 Soruer as altas agoas do Oceano.

19

Eu o vi certamente (& não presumo
 Que a vista me enganaua) levantar-se
 No ar hum vaporinho, & sutil fumo,
 E do vento tráido, rodear-se:
 De aqui leuado hū cano ao Polo fumo
 Se via, tão delgado que enxergar-se
 Dos olhos racilmente não podia,
 Da materia das nuuēs parecia.

Hiafe pouco, & pouco acrescentando
 E mais q̃ hũ largo masto se engrossaua,
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grãdes de agoa em si chupaua
 Estauase co as ondas ondeando,
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,
 Fazendose mayor, mais carregada
 Coa carga grãde d'agoa em si tomada.

21

Qual roxa Sanguefuga se veria
 Nos beiços da alimaria (q̃ imprudẽte,
 Bebendo a recolheo na fonte fria)
 Fartar co sangue alheyo a sede ardẽte:
 Chupãdo mais & mais se engrossa & cria
 Ali se enche, & se alarga grandemente,
 Tal a grande coluna, enchendo aumẽta
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

22

Mas despois que de todo se fartou
 O pè que tem no mar a si recolhe,
 E pello Ceo chouendo em fim voou,
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe
 Aas ondas torna as ondas que tomou:
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
 Vejão agora os sabios na escriptura
 Que segredos saõ estes de Natura.

23

Se os antigos Philosophos, q̃ andãraõ
 Tantas terras, por ver segredos dellas,
 As marauilhas que eu passei, passãraõ
 A tão diuersos ventos dando as vellas:
 Que grandes escripturas que deixãraõ
 Que influiçaõ de sign. & de estrellas,
 Que estranhezas, q̃ grandes qualidades
 E tudo sem mentir, puras verdades.

Mas ja o Planeta q̃ no Ceo primeiro
 Habita, cinco vezes apreſada,
 Agora meyo roſto, agora inteiro (mada
 Moſtrara, em quãto o mar cortaua a ar
 Quãdo da Eterea gauea hũ marinheiro
 Prompto coa viſta, terra, terra, brada,
 Salta no bordo aluoroçada a gente
 Cos olhos no Horizonte do Oriente.

25

à maneira de nuués ſe começaõ
 A deſcobrir os montes q̃ enxergamos,
 As ancoras peſadas ſe adereçaõ,
 As vellas ja chegados amainamos:
 E pera que mais certas ſe conheçaõ
 As partes tão remotas onde eſtamos,
 Pello nouo instrumento do Astrolabio
 Inuençaõ de ſutil juizo, & ſabio.

26

Deſembãrcamos logo na eſpaçoſa
 Parte, por onde a gente ſe eſpalhou,
 De ver couſas eſtranhas deſejoſa
 Da terra que outro pouo não piſou:
 Porẽm eu eos pilotos na arenosa
 Praya, por vermos em que parte eſtou,
 Me detenho, em tomar do iol a altura,
 E compaſſar a vniuerſal pintura,

27

Achamos ter de todo ja paſſado
 Do Semicapro pexe a grande meta,
 Eſtando entre elle, & o circulo gelado
 Austral, parte do mundo mais ſecreta:
 Eis de meus companheiros rodeado
 Vejo hum eſtrangeiro vir de pelle preta,
 q̃ tomãraõ per força, em quãto apanha
 De mel os doces fauos na montanha.

28

Torua-

Toruado vem na vista, como aquelle
 Que não se vira nunca em tal estremo.
 Nem elle entende a nós, nem nós a elle
 Seluagem mais que o bruto Polifemo:
 Começolhe a mostrar da rica pelle
 De Colcos o gentil metal supremo,
 A prata fina, a quente especiaria:
 A nada d'isto o bruto se mouia.

29

Mádo mostrarlhe peças mais fomenos
 Contas de Christalino transparente,
 Algũs soantes caseaveis pequenos,
 Hum barrete vermelho, cor contente:
 Vi logo por sinais, & por acenos
 Que com isto se alegra grandemente,
 Mandoo soltar cõtudo, & assi caminha
 Pera a pouoaçã, que perto tinha,

30

Mas logo ao outro dia seus parceiros
 Todos nũs, & da cor da escura treua,
 Decendo pellos asperos outeiros
 As peças vem buscar que estoutro leua:
 Domesticos ja tanto, & companheiros
 Se nos mostrã, que fazem q se atreua
 Fernão Velloso a ir ver da terra o trato
 E partirse co elles pello mato.

31

He Velloso no braço confiado,
 E de arrogante cre que vay seguro,
 Mas sendo hũ grãde espaço ja passado
 Em que algũ bom final saber procuro:
 Estando, a vista alegada, co cuidado
 No aventureiro, eis o monte duro
 Aparece, & segundo ao mar caminha
 Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy depressa
 Pollo tomar, mas antes que chegasse,
 Hum Ethiope ousado se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse:
 Outro, & outro lhe saë: vesse em pressa
 Velloso, sem q̃ alguem lhe ali ajudasse,
 Acudo eu logo, & é quãto o remo aperto
 Se mostra hũ bando negro descuberto.

33

Da espessa nuem sétas, & pedradas
 Chouem sobre nos outros sem medida,
 E não foraõ ao vento em vaõ deitadas,
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:
 Mas nũs como pessoas magoadas
 A reposta lhe demos tão tecida,
 Que em mais q̃ nos barretes se sospeita
 Que a cor vermelha leuaõ desta feita.

34

E sendo ja Velloso em saluamento
 Logo nos recolhemos pera a armada,
 Vendo a malicia fea, & rudo intento
 Da gente bestial, bruta, & maluada:
 De quem nenhũ melhor conhecimẽto
 Podẽmos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe della,
 E assi torneya dar ao vento a vella.

35

Disse entãto a Velloso hũ cõpanheiro
 (Começandose todos a sorrir)
 Oulã Velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de decer que de subir:
 Si he, responde o ousado aventureiro,
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
 Daquelles caes, depressa hũ pouco vim
 Pẽra me lembrar q̃ estaveis ca sem'mina

Contou entãõ q̃ tanto que passáraõ
 Aquelle móte, os negros de quem fallo,
 Auante mais passar o naõ deixáraõ,
 Querendo, se naõ torna, ali matallo:
 E tornandose, logo se emboscáraõ,
 Porque saindo nõs pera tomallo,
 Nos podessem mandar ao reino escuro
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

37

Porẽm ja cinco Soes eraõ passados
 Que dali nos partiramõs, cortando
 Os mares nunca doutrem nauegados
 Prosperamente os ventos assoprando:
 Quando hũa noite estãdo descuidados
 Na cortadora proa vigiando,
 Hũa nuuem que os ares escurece
 Sobre nossas cabeças aparece.

38

Tãõ temerosa vinha. & carregada
 Que pos nos corações hũ grande medo
 Bramindo o negro mar, de lóge brada
 Como se dẽsse em vaõ nalgũ rochedo:
 Ô potestade, disse, sublimada,
 Que ameaço diuino, ou que segredo,
 Este clima, & este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece que tormenta?

39

Naõ acabana, quando hũa figura
 Se nos mostra no ar, robusta, & valida,
 De disforme, & grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida:
 Os olhos encouados, & a postura
 Medonha & mã, & a cor arreina & palida
 Cheos de terra, & crespos os cabelos,
 A boca negra, os dentes amarellos

Tão grãde era de membros, q̃ bẽ posso
 Certificarte, que este era o segundo
 De Rodes estranhíssimo Colosso,
 Que hũ dos sete milagres foy do mũdo
 Cũ tó devoz nos falla horrêdo & grosso
 Que pareceo sair do mar profundo,
 Atrepiaõse as carnes, & o cabelo
 A m, & a todos, só de ouuilho, & vello.

41

E disse: ò gente ousada mais q̃ quãtas
 No mundo cometeraõ grandes cousas,
 Tu que por guerras cruas, taes, & tãtas,
 E por trabalhos vaõs nunca repoufas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E nauegar meus longos mares ousas,
 q̃ eu tãto tẽpo ha ja q̃ guardo, & tenho
 Nũca arados de estranho, ou proprio le-

42

(nho.

Pois vens ver os segredos escõddidos
 Da natureza, & do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre, ou de immortal merecimẽto
 Ouue os danos de my, que apercebidos
 Estaõ, a teu sobejo atreuimento,
 Por todo o largo mar, & polla terra
 Que inda has de sojugar cõ dura guerra

43

Sabe que quantas naos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atreuidas,
 Inimiga terã esta paragem
 Com ventos, & tormentas desmedidas
 E da primeira armada que passagem
 Fizer por estas cõstas insufridas,
 Eu farey d'improuiso tal castigo
 Que seja mór o dano, que o perigo.

44

Aqui

Aqui espero tomar se não me enganar
 De quem me descobrio suma vingança
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naos vereis cada anno
 Se he verdade o q̄ meu juyzo alcança,
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

45

É do primeiro Ilustre, q̄ a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serei eterna, & noua sepultura
 Por juyzos incognitos de Deos:
 Aqui porá da Turca armada durá
 Os soberbos, & prosperos tropheos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.

46

Outro tãbem virá de honrada fama
 Liberal, caualeiro, enamorado,
 E configo trará a fermosa dama
 q̄ Amor por grã merce lhe terá dado:
 Triste ventura, & negro fado os chamã
 Neste terreno meu, que duro, & yrado,
 Os deixará d'hum cẽu naufragio viuos
 Pera verem trabalhos excelsiuos.

47

Veraõ morrer cõ fome os filhos caros
 Em tanto amor gẽrados, & nascidos,
 Veraõ os Cafres ásperos, & audazes
 Tirar à linda dama seus vestidos.
 Os cristalinos mentiros, & pũcisros
 Aa calma, ao frio, ao veraõ despídros
 Depois de ter pisada longamente
 Cos delicados pès a areia ardente.

48

F. 6

L. 6

C A N T O

E veráo mais os olhos q̄ escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na feruida, & implacabil espessura:
 Ali despois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarám
 Da fermosa, & miserrima prisam.

49

Mais hia por diãte o móstro horrêdo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu. Quê es tu, q̄ esse estupêdo
 Corpo, certo me tem marauilhado.
 A boca, & os olhos negros retorcendo,
 E dando hú espantoso, & grande brado
 Me respondeo có voz pesada, & amara
 Como quem da pergunta lhe pesara.

50

Eu sou aquelle occulto, & grãde Cabo
 A quê chamais vosoutros Tormêtorio
 q̄ nũca a Ptolomeu, Póponio, Estrabo,
 Plinio, & quantos passaraó fuy notorio
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que pera o Polo Antartico se estende
 A quem vossa ousadia tanto offende.

51

Fuy dos filhos asperrimos da terra
 Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra
 Cõtra o que vibra os rayos de Vulcano:
 Não que possesse serra sobre serra
 Mas cóquistando as ondas do Occeano
 Fuy capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, q̄ eu buscava.

Amores da alta esposa de Pelèo
 Me fizeraõ tomar tamanha empresa,
 Todas as Deofas desprezei do Ceo
 Sò por amar das agoas a Princefa:
 Hum dia a vi coas filhas de Nerèo
 Sair nua na praya, & logo presa
 A vontade finti, de tal maneira
 Que inda não sinto cousa q̄ mais queira

53

Como fosse impossiuel alcançalla
 Polla grandeza fea de meu gesto,
 Determinei por armas de tomalla
 E a Doris este caso manifesto:
 De medo a Deosa entaõ por mi lhe falla
 Mas ella cum fermoso riso honesto,
 Respondeo. Qual serà o amor bastante
 De Nimpha q̄ sustéte o d'hum Gigante

54

Com tudo por liurarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira
 Com q̄ com minha hõra escuse o dano
 Tal resposta me torna a mensageira:
 Eu que cair não pude neste engano,
 (Que he grande dos amâtes a cegueira)
 Encheraõme cõ grandes abundanças
 O peito de desejos, & esperanças.

55

Ia nescio, ja da guerra desistindo
 Hũa noite de Doris prometida,
 Me aparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis vnica despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, pera aquelle que era vida
 Deste corpo, & começo os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces, & os cabellos,

C A N T O

O que não sei de nojo como o cõte
 q̃ crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achey cum duro monte
 De aspero mato, & de espessura braua
 Estando cum penedo fronte a fronte
 Qu'eu pollo rosto angelico apertava,
 Nã fiquei homẽ naõ, mas mudo & quedo
 E junto d'hum penedo outro penedo.

57

ò Nimpha a mais fermosa do Occeano
 Ia que minha presençã naõ te agrada,
 Que te custava terme neste engano,
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada
 Daqui me parto irado, & quasi insano
 Da magoa, & da deshõra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde naõ visse
 Quẽ de meu prãto & de meu mal se risse.

58

o Eraõ ja neste tempo meus irmaõs
 Vẽcidos, & em miseria extrema postos
 E por mais segurar-se os Deoses vaõs
 Algũs a varios montes sottopostos:
 E como contra o Ceo naõ valem maõs
 Eu q̃ chorando andava meus desgostos
 Comecey a sentir do fado imigo
 Por meus atreuimentos o castigo.

59

Conuertefeme a carnẽ em terra dura
 Em penedos os ossos se fizeraõ,
 Estes membros que ves, & esta figura
 Por estas longas agoas se estenderaõ:
 Emfim minha grandissima estatura
 Neste remoto caso conuerteraõ
 Os Deoses & por mais dobradas magoas
 Meada Thetis cercando destas agoas

60

Afsi

Assi contava, & cū medonho choro
 Subito dante os olhos se apartou,
 Desfezse a nuuem negra, & cū sonoro
 Bramido, muito longe o mar soou:
 Eu, leuātandō as mãos ao sancto Coro
 Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
 A Deos pedi que remouesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

61

Ia Phlegon, & Pýrois vinhaõ tirãdo
 Cos outros dous o carro radiante,
 Quãdo a terra alta se nos foy mostrãdo
 Em que foy cõuertido o graõ gigante:
 Ao longo desta costa, começando
 Ia de cortar as õndas do Levante,
 Por ella abaixo hũ pouco nauegamos
 Onde segunda vez terra tomamos.

62

A gente que esta terra possubia
 Posto que todos Ethiopes eraõ,
 Mais humana no trato parecia
 Que os outros, q̃ tã mal nos receberãõ:
 Com bailos, & com festas de alegria
 Pella praya arenosa a nõs vierãõ,
 As mulheres consigo, & o manso gado
 Que apacentauãõ, gordo, & bẽ criado.

63

As mulheres queimadas, vem encima
 Dos vagaroõs bois, ali sentadas,
 Anĩmãs que elles tem em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cãtigas pastoris, e em prosa, ou rima,
 Nã sua lingua cantãõ concertadas,
 Co doce som das rusticas auenas
 Imitando de Titiro as Camenas.

64

F 8

Estes

Estes como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos trataraõ,
 Trazendonos galinhas, & carneiros
 A troco doutras peças q̄ leuàraõ: (ros
 Mas como nũca em fim meus cõpanhei
 Palaura sua algũa lhe alcançãrão,
 Que desse algum final do q̄ buscamos:
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

65

Ia aqui tinhamos dado hũ grão rodeyo
 à costa negra de Africa, & tornaua
 A proa a demandar o ardente meyo
 Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
 Outra armada primeira, que buscaua
 O tormentorio Cabo, & descuberto,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

66

Daqui fomos cortando muitos dias
 (Entre tormentas tristes, & bonanças,)
 O largo mar, fazendo nouas vias
 Sõ condufidos de arduas esperanças:
 Co mar hum tẽpo andamos em porfias
 Que como tudo nelle saõ mudanças,
 Corrente nelle achamos tão possante
 Que passar não deixaua por diante.

67

Era mayor a força em demasia
 Segundo pera tras nos obrigaua,
 Do mar, que contra nòs ali corria,
 Que por nòs a do vento que assopraua:
 Injuriado Noto da porfia
 Em que co mar (parece) tanto estaua
 Os assopros esforça iradamente,
 Com que nos fez vencer a grão corréte

68

Trazia

Trazia o Sol o dia celebrado

Em q̄ tres Reys das partes do Oriente
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamēte
Neste dia outro porto foy tomado
Por nōs, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

69

Desta gente refresco algũ tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No pouo com nos outros casi mudo:
Ora vè Rey quamanha terra andamos,
Sem sair nunca deste pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem final
Da desejada parte Oriental.

70

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas, & por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar ja compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

71

Corrupto ja, & danado o mantimēto
Danoso & mau ao fraco corpo humano
E alem disso nenhum contentamento
Que se quer da esperança fosse engano
Cres tu que se este nosso ajuntamento
De soldados, não fo Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por vëtura a seu Rey, & a seu regente?

72

F 9

Cres

Cres tu que ja não forão levantados
 Contra seu capitão se os resistira,
 Fazendose Piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemête por certo estão prouados
 Pois q̃ nenhum trabalho grãde os tira
 Daquella Portuguesa alta excellencia
 De lealdade firme, & obediencia.

73

Deixãdo o porto em fim do doce rio
 E tornando a cortar a agoa salgada,
 Fizemos desta costa algum desuio
 Deitando pera o pego toda a armada:
 Porque ventando Noto manso, & frio
 Não nos apanhasse a agoa da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

74

Esta passada, logo o leue leme
 Encomendado ao sacro Nicolao, i(me
 Pera onde o mar na costa brada, & ge-
 A proa inclina d'hũa, & doutra nao:
 Quãdo indo o coração q̃ espera, & teme
 E que tanto fiou d'hum fraco pao,
 Do que esperaua ja desesperado
 Foy d'hũa novidade aluoroçado.

75

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas, & valles bem se vião,
 Num rio que ali fae ao mar aberto
 Bateis à vela entrauão, & sahião:
 Alegria muy grande foy por certo!
 Achamos ja pessoas que sabião
 Nauégar, porque entr'ellas esperamos
 De achar nouas algúas, como achamos

Ethiopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicação,
 Palaura algũa Arábia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão:
 E com panço delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauão,
 Com outro que de tinta azul se tinge
 Cada hum as vergonhosas partes cinge

77

Pella Arabica lingoa que mal falão,
 E q̄ Fernão Martinz muy bem entende,
 Nos dizem, q̄ por naos q̄ estas igoalão
 Na grãdeza, o seu mar se corta, & fende:
 Mas q̄ là donde sae o Sol, se abalão (de
 Pera onde a costa ao Sul se alarga & estê)
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente así como nós da cor do dia.

78

Muy grandemente aqui nos alegramos
 Coa gente, & com as nouas muito mais:
 Pellos sinais que neste rio achamos
 O nome lhe ficou dos bons finais.
 Hum padrão nesta terra aleuantamos,
 Que pera assinalar lugares tais
 Trazia algũs, o nome tem do bello
 Guiador de Tobias a Gabello.

79

Aqui de listos, calças, & dostrinhos,
 Nojosa criaçãõs das agoas fundas,
 Alimpamos as naos, que dos caminhos
 Lógos do mar, vê sordidas, & im nudas:
 Dos hospedes que tinhamos viñhos
 Com mostras aprasue, & jocundas,
 Ouemos sempre o vñdo mantimêto
 Limpos de todo o falso pensamento

Mas não foy, da esperãça grãde & immẽsa
 Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
 A alegria: mas logo a recompensa
 A Ramnusia com noua desventura:
 Assim no Ceo sereno se dispensa,
 Co esta condiçãõ pesada, & dura
 Nacemos, o pesar terã firmeza,
 Mas o bem logo muda a natureza.

81

E foy que de doençã crua, & feya
 A mais que eu nunca vi, desemparrãõ
 Muitos a vida & em terra estranha & a-
 Os ossos pera sãpre sepultãõ: (lheyã
 Quem auerã que sem o ver o creya,
 Que tã disformemẽte ali lhe inchãõ
 As gengiuas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.)

82

Apodrecia cum fetido, & bruto
 Cheiro, q̃ o ar visinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Sururgiãõ sutil menos se achaua: (isto
 Mas qualquer neste officio pouco instru
 Pella carne ja podre assi cortaua
 Como se fora morta, & bem conuinha
 Pois que morto ficaua quem a tinha.)

83

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixamos pera sempre os cõpanheiros
 q̃ em tal caminho, & em tãta desuẽtura
 Forão sempre com nõsco auẽtureiros:
 Quã facil he a corpo a sepultura (teiros
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer ou
 Estranhos, assi mesmo como aos nõsso
 Recberão de todo o illustre, os ossos.)

84

Assi

Afsi que deſte porto nos partimos
 Com mayor eſperança, & mór triſteza,
 E pella coſta abaixo o mar abrimos
 Buscando algum final de mais firmeza:
 Na dura Moçambique em fim ſurgimos
 De cuja falſidade, & mǎ vileza
 Ia feràs ſabedor, & dos enganos
 Dos pouos de Mõbaça pouco humanos

85

Atè que aqui no teu ſeguro porto,
 Cuja brandura, & doce tratamento
 Darà ſaude a hū viuo & vida a hū morto
 Nos trouxe a piedade do alto aſſento:
 Aqui repouſo, aqui doce conforto,
 Noua quietação do pensamento
 Nos deſte, & vès aqui ſe atêto ouuiſte,
 Te contei tudo quanto me pediſte.

86

Iulga agora Rey ſe ouue no mundo
 Gentes que tais caminhos cometeffem?
 Crès tu que tanto Eneas, & o facundo
 Vlyſſes, pello mundo ſe eſtendeffem?
 Oufou algum a ver do mar profundo
 Por mais verſos q̄ delle ſe eſcreueſſem
 Do q̄ eu vi, a poder d'eſforço, & de arte
 E do q̄ inda ei de ver, a oitaua parte?

87

Eſſe que bebeo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre ſi, Rode, Smirna, & Colofonia,
 Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
 Eſſoutro que ei clare a toda Auſonia,
 A cuja voz altifona, & diuina
 Ouindo, o patrio Mincio ſe adormece
 Mas o Tibre co ſom ſe enſoberuece.

88

Cantem

Câtê, louuê, & escreuão sépre estremos
 Desses seus Semideoses, & encareção,
 Fingindo Magas Cîrces, Polifemos,
 Syrenas que co canto os adormeção:
 Denhe mais nauegar à vella, & remos
 Os Cicones, & a terra onde se esqueção
 Os companheiros em gôstando o Loto,
 Denhe perder nas agoas o Piloto.

89

Ventos soltos lhe finjão, & imaginem
 Dos odres, & Calipfos namoradas,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem
 Decer às sombras nuas já passadas:
 Que por muito, & por muito q se afine
 Nestas fabulas vaás tambem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua, & pura
 Vence toda grandiloca escriptura.

90

Da boca do facundo Capitão
 Pendendo estauão todos embebidos,
 Quando deu fim à longa narração
 Dos altos feitos grandes, & subidos:
 Louua o Rey o sublime coração
 Dos Reys em tâtas guerras conhecidos
 Da gente louua a antiga fortaleza,
 A lealdade d'animo, & nobreza.

91

Vay recontando o pouo que se admira
 O caso cada qual que mais notou,
 Nenhum delles da gente os olhos tira
 Que tam longos caminhos rodeou:
 Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
 Que o irmão de Ulysses mal guiou,
 Por vir a descansar nos Tethios braços
 E el Rey se vay do mar aos nobres paço.

92

Qua

Quão doce he o louvor, & justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados,
 Qualquernobretrabalha q̃ em memoria
 Vença, ou iguale os grãdes ja passados.
 As enuejas da illustre, & alhea historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados,
 Quem valerosas obras exercita
 Louvor alheo muito o esperta, & incita

93

Nam tinha em tãto os feitos gloriosos
 De Achilles, Alexandro na pelleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos, isso só louua, isso deseja:
 Os tropheos de Melciades famosos
 Tem stocles despertaó só de enueja,
 E diz, que nada tanto o deleitava
 Como a vez que seus feitos celebraua,

94

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas nauegações q̃ o mudo canta
 Não merecem tamanha gloria, & fama:
 Como a sua, q̃to Ceo, & a terra espanta:
 Si mas aquelle Heroe q̃ estima, & ama
 Com doês, merces, fauores, & hõra tãta
 A lira Mantuana faz que soe
 Eneas, & a Romana gloria voe.

95

Dà a terra Lusitana Scipioês,
 Césares, Alexandros, & dà Augustos,
 Mas não lhe dà có tudo aquelles doês
 Cuja falta os faz duros, & rodustos:
 Octauio, entre as maiores oppressões
 Compunha versos de atos, & venustos,
 Não dirà Fulvia certo que he mentirz
 Quando a deixaua Antonio por Gl'bra.

Vay Cesar sojugando toda França
 E as armas não lhe impedem a sciencia
 Mas núa mão a pena, & noutra a lança
 Igualaua de Cicero a eloquencia:
 O que de Scipião se sabe & alcança
 He nas comedias grande experiencia,
 Lia Alexandro a Homero de maneira
 Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

97

Em fim não ouue forte Capitão
 Que não fosse tambem douto, & sciête
 Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
 Se não da Portuguesa tão samente:
 Sem vergonha o não digo, que a razão
 Dalgum não ser por versos excelente,
 He não se ver prezado o verso & rima,
 Por q' que não sabe arte não na estima.

98

Por isso, & não por falta de Natura
 Não ha tãbẽ Virgílios, nem Homeros,
 Nem auerã se este costume dura
 Pios Eneas, nem Achilles feros:
 Mas o pior de tudo he que a ventura
 Tam ásperos os fez, & tam Austèros,
 Tam rudos, & de engenho tam remisso
 Q' a muitos lhe dà pouco, ou nada disse.

99

Aas Musas agardeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lira nome, & fama
 De toda a illstre, & bellica fadiga:
 Q' elle, nẽ que na *Sirpe* seu se chama,
 Caliope não tem. Por tão amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As fellas douro fino, & que o cantassem

Q V I N T O .

73

Porq̃ o amor fraterno, & puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louvor, he samente o presuposto
 Das Tagides gentis, & seu respeito:
 Porẽm não deixe enfim de ter desposto
 Ninguem a grãdes obras sēpre o peito
 Que por esta, ou por outra qualquervia
 Não perderà seu preço, & sua valia.

F I M .

Q

C A N .



CANTO VI

1



Não sabia em que modo
festejasse
O Rey Pagãem os fortes,
nauegantes,
Pera que as amizades al
cançasse

Do Rey. Christão, das gètes tã possãtes:
Pesalhe que tam longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes,
A ventura, que não no fez visinho
Dõde Hercules ao mar abriu caminho.

2

Com jogos, danças, & outras alegrias
A segundo a policia Melindana,
Com vsadas, & ledas pescarias
Cõ õ a Lageia Antonio alegre, & engana
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aues, carnes, & pescados.

3

Mas vendo o Capitão que se detinha
Ja mais do que deuia, & o frefco vento
O conuida que parta, & tome a sinha
Os Pilotos da terra, & mantimento,
Nãõ se quer mais meter, õ ainda tinha
Muito pera cortar do falso argento:
Ja do Pagãem benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4

Pede

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas Frotas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja,
 q̃ dar a tais baroẽs seu reyno, & estados:
 E que em quãto seu corpo o sprito rejz
 Estarà de continuo aparelhado
 A pòr a vida, & reyno totalmente
 Por tão bom Rey, por tão sublime gẽte.

5

Outras palauras tais lhe respondia
 O Capitão, & logo as vellas dando,
 Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha ja q̃ vay buscãdo:
 Nò Piloto que leua não auia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A nauegação certa, & assi caminha
 Ia mais seguro do que dantes vinha.

6

As ondas nauegaão do Oriente
 Ia nos mares da India, & enxergaão
 Os talamos do Sol, que nace ardente,
 Ia quasi seus desejos se acabauão:
 Mas o mau de Tionè, q̃ na alma sente
 As venturas, que então se aparelhauão
 à gente Lusitana dellas dina,
 Arde, morre, blasfema, & desatina.

7

Via estar todo o Ceo determinado
 De fazer de Lisboa noua Roma,
 Não no pòde estoruar, que destinado
 Está doutro poder que tudo doma:
 Do Olimpo dece e sem desesperado,
 Nouo remedio em terra busca, & toma,
 Entra no humido reyno, & vaise à Corte
 Aquelle a quem o mar cahio em sorte

No mais interno fundo das profúdas
 Cauernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas saem furibundas
 Quando às iras do vento o mar respõde
 Neptuno mora, & moirão as jocundas
 Nereidas, & outros Deoses domar, ond
 As agoas campo deixão às Cidades,
 Que habitão estas humidas deidades.

9

Descobre o fundo nunca descuberte
 As areas ali de prata fina,
 Torres altas se vem no campo aberto
 Da transparente massa cristalina,
 Quanto se chegão mais os olhos perto
 Tanto menos a vista determina
 Se he cristal o que vê, se diamante,
 Que assi se mostra claro, & radiante.

10

As portas d'ouro fino, & marchetadas
 Do rico aljofar que nas conchas nace,
 De esculptura ferinosa estão lauradas,
 Ná qual do irado Baco a vista pace:
 E vê primeiro em cores variadas
 Do velho Chaos a tam confusa face,
 Vense os quatro elemētos trasladados
 Em diuerfos officios occupados.

II

Ali sublime o Fogo estaua encima,
 Que em nenhũa materia se sostinha,
 Daqui as cousas viuas sempre anima,
 Depois q̃ Prometheo furtado o tinha:
 Logo apos elle le^use sublima
 O inuisiuel Ar, que mais a sinha
 Tomou lugar, & nẽ por quẽte, ou frio
 Alg m deixa no mundo estar vasio.

Estaua a terra em montes reueftida
 De verdes eruas, & aruores floridas,
 Dando pasto diuerso, & dando vida
 às alimarias nella produzidas:
 A clara forma ali eitaua esculpida
 Das agoas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Cõ seu humor mâtêdo os corpostodos

13

Noutra parte esculpida estaua a guerra
 Que tiuerão os Deoses cos Gigantes,
 Estã Tifeo debaxo da alta serra
 De Etna, que as flamas lança crepitâtes
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorâtes,
 Delle o cauallo ouueram, & a primeira
 De Minerua pacifica Oliueira.

14

Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na vista destas coufas, mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que auifado
 Da vinda sua, o estaua ja aguardando
 às portas o recebe, acompanhado
 Das Nimphas, q se estaõ marauilhâdo,
 De ver que cometendo tal caminho,
 Entre no reyno d'agoa, o Rey do vinho

15

ô Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baco nos teus reynos receberes,
 Porq tambem cos grandes, & possantes
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
 Mãda chamar os Deoses do mar, antes
 q fale mais, se ouirme o mais quiferes
 Verão da desuentura grandes modos,
 Ndução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, q̄ chame os Deose da agoa fria,
 q̄ o mar habitão d'hũa, & doutra bãda,
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rey, & de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro, & feyo
 Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

17

Os cabellos da barba, & os q̄ decem
 Da cabeça nos hombros, todos eraõ
 Hũs limos prenhes d'agoa, & bẽ parecẽ
 Que nunca brãdo pentem conheceraõ
 Nas pontas pendurados não falecem
 Os negros Mixilhoës, que ali se gerão,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Hũa muy grande casca de Lagoista.

18

O corpo nũ, & os membros genitais
 Por não ter ao nadar impedimento,
 Mas porẽm de pequenos an mais
 Do mar, todos cubertos cento, & cẽtos
 Camaroes, & Cangrejos, & outros mais
 Que recebem de Phebo crescimento,
 Oitras, & Camaroes do musco çujos,
 Às costas coa casca os Caramujos.

19

Na mão a grande concha retorcida
 Que trazia, com força ja tocauz,
 A voz grande canora foy ouũda
 Por todo o mar, que longe retumbaua
 Ia toda a companhia apercebida
 Dos Deoses, pera os Paços caminhaua
 Do Deos, que fez os muros de Dardania
 Desfroidos despois da Grega infania.

20

Vinh.

Vinha o Padre Oceano acompanhando
 Dos filhos, & das filhas que gerara,
 Vem Nereo, que com Doris foy casado
 Que todo o mar de Nymphas pouoara:
 O Propheta Proteo, deixando o gado
 Maritimo pacer pella agoa amara,
 Ali veyo tambem, mas ja sabia
 O que o padre Lyeo no mar queria.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Celo, & Vesta filha,
 Graue, & Ieda no gesto, & tão fermosa
 Que se amansaua o mar de marauilha:
 Vestida hũa camisa preciosa
 Trazia de delgada beutilha,
 Que o corpo cristalino deixa verse,
 Que tanto bem não he pera escóderse.

22

Anfrite fermosa como as flores,
 Neste caso não quis que falecesse,
 O Delfin traz consigo, que aos amores
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse
 Cos olhos que de tudo são senhores
 Qualquer parecerà que o Sol vencesse,
 Ambas vem pella mão, igual partido
 Pois ambas são esposas d'hum marido

23

Aquella que das furias de Atamante
 Fugindo, veyo a ter diuino estado,
 Consigo traz o filho, bello Infante,
 No numero dos Deoses relatado:
 Pella praya brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, q' o salgado
 Mar sempre cria, & às vezes pella areia
 No colo o toma a bella Panopea.

C A N T O

E o Deos q̄ foy nũ tẽpo corpo humano
 E por virtude da erua poderosa
 Foy conuertido em pexe, & deste danõ
 The resultou deidade gloriosa,
 Inda vinha chorando o feyo engano,
 Que Circes tinha vsado coa fermosa
 Scylla, q̄ elle ama, desta sendo amado
 q̄ a mais obriga amor mal empregado.

25

Ia finalmente todos assentados:
 Na grande sala nobre, & diuinal,
 As Deosas em riquissimos estrados,
 Os Deoses em cadeiras de cristal:
 Forão todos do Padre agasalhados,
 Que co Thebano tinha assento igoal:
 De fumos enche a casa a rica massa
 q̄ no marnace & Arabia em cheiro passa

26

Estando sossegado ja o tumulto
 Dos Deoses, & de seus recebimentos,
 Corre ja a d'escubrir do peito occulto
 A caula o Tyonẽo de seus tormentos:
 Hum pouco carregandosse no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos
 So por dar aos de Luso triste morte
 Cõ ferro alheyo, fala desta sorte.

27

Principe que de juro senhoreas
 D'nhũ Polo, ao outro Polo o mar irado,
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,
 Que nãõ passem o termo limitado:
 E tu padre Oceanõ que rodeas
 O mundo vniuersal, & o tens cercado:
 E com justo decreto assi permites,
 Que dentro vinão só de seus limites.

E vós Deoses do mar, que não sofreis
 Injuria algúa em vosso reyno grande,
 Que cõ castigo igoal vos não vingueis
 De quem quer q̃ por elle corra, & ande:
 Que descuido foy este em que viueis?
 Quem pode ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Cõtra os humanos fracos, & atreuidos?

29

Vistes que com grandissima ousadia
 Forão ja cometer o Ceo supremo,
 Vistes aquella insana fantasia
 De tentarem o mar com vella, & remo:
 Vistes, & ainda vemos cada dia,
 Soberbas, & insolencias tais, que temo
 q̃ do mar, & do Ceo em poucos annos
 Venhaõ Deoses a ser, & nõs humanos.

30

Vedes agora a fraca geração
 Que d'hum vassallo meu o nome toma,
 Com soberbo, & altiuo coração,
 A vos, & a my, & o mundo todo doma:
 Vedes o vosso mar cortando vão,
 Mais do que fez a gente alta de Roma,
 Vedes o vosso reyno deuaassando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

31

Eu vi q̃ contra os Mynias, q̃ primeiro
 No vosso reyno este caminho abriraõ,
 Boreas injuriado, & o companheiro
 Aquilo, & os outros todos resutiraõ:
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria afsi sentirãõ,
 Vos a quem mais cõpete esta vingança
 Que esperais, por q̃ a podes em tardança?

C A N T O

E não confinto Deoses que cuideis
 Que por amor de vos do Ceo deci,
 Nem da magoa da injuria que sofreis,
 Mas da que se me faz tambem a mi:
 Que aquellas grandes honras, q̄ sabeis
 Que no mundo ganhey, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

33

Que o graó Senhor, & fados q̄ destinaó
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,
 Famas mores que nunca determinaó
 De dar a estes baroés no mar profúdo:
 Aqui vereis ò Deoses como ensinaó
 O mal tambem a Deoses: que a segundo
 Se ve, ninguem ja tem menos valia
 Que quem com mais rezão valer deuia

34

E por isso do Olimpo ja fugi,
 Buscãdo algũ remedio a meus pesares,
 Por ver o prego, que no Ceo perdi,
 Se por dita acharey nos vossos mares:
 Mais quis dizer, & não passou daqui,
 Porque as lagrimas ja corrédo a pares
 Lhe saltãraó dos olhos, com que logo
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo

35

A ira com que subito alterado
 O coração dos Deoses foy num ponto,
 Não soffreo mais conselho bẽ cuidado,
 Nem dilação, nem outro algũ descóto:
 Ao grande Eolo mal não ja recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes
 Que nullo aja no mar mais nauegantes.

Bem quísera primeiro ali Protheo
 Dizer neste negocio o que sentia,
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era algũa profunda prophecia:
 Porem tanto o tumulto se moueo
 Subito na diuina companhia,
 Que Thetis indinada lhe bradou,
 Neptuno sabe bem o que mandou.

37

Ia lá o soberbo Hypotades soltaua
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palauras animaua,
 Contra os varoës audaces, & animosos
 Subito o Ceo sereno se obumbrava,
 Que os ventos mais q̃ nũca impetuosos
 Começãõ nouas forças a ir tomando,
 Torres, montes, & casas derribando.

38

Em quanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a leda lassa Frocz
 Com vento sossegado proseguia
 Pello tranquilo mar, a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo Emispherio estã remota,
 Os do quarto da prima se deitauãõ,
 Pera o segundo os outros despertauãõ

39

Vécidos vem do sono, & mal despertos
 Bocejando a miudo se encoltauãõ,
 Pellas antenas, todos mal cubertos,
 Cõtra os agudos ares que asoprãuãõ:
 Os olhos contra seu querer abertos
 Mal esfregando, os membros estirãuãõ,
 Remedios cõtra o sonno buscar querẽ,
 Historias contaõ, casos mil referem.

C A N T O

Com q̃ melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pesado,
 Se não com algum conto de alegria
 Com que nos deixe o sono carregado?
 Responde Lionardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado,
 Que contos poderemos ter melhores
 Pera passar o tempo, que de amores?

41

Não he, disse Veloso, cõusa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza,
 Que o trabalho do mar, que tão custa,
 Não sofre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra feruida, & robusta
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo
 Que o trabalho por vir mo està dizêdo

42

Cõsentem nisto todos, & encomẽdaõ
 A Veloso que conte isto que aprova,
 Contarei disse, sem que me reprecãõ
 De contar cousa fabulosa, ou noua:
 E porq̃ os q̃ me ouvirẽ daqui aprẽdaõ
 A fazer feitos grandes de alta proua,
 Dos nacidos direy na nossa terra,
 E estes sejaõ os doze de Inglaterra.

43

No tempo que do reyno a redea lene
 Ioão filho de Pedro moderava,
 Depois que fossegado, & liure o teue
 Do visinho poder q̃ o molestava:
 Lã na grande Inglaterra, que da neue
 Boreal sempre abunda, semeava
 A fera Trinis dura & mã cizania
 Que lustre fosse a nossa Lusitania.

44

Entre

Entre as damas gentis da Corte Inglesa
 E nobres cortesaós, a caso hum dia
 Se leuanteu discordia em ira acesa,
 Ou foy opinião, ou foy porfia:

Os Cortesaós a quem tam pouco pesa
 Soltar palauras graues de ousadia,
 Dizem que prouarãẽ q̃ hõras, & famas
 Em tais damas naõ ha, pera ser damas.

45

E q̃ se ouer alguem cõ lâza, & espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada,
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
 A femenil fraqueza pouco vsada
 Ou nunca a oprobrios tais, védose nua
 De forças naturais conuenientes,
 Socorro pede a amigos, & parentes.

46

Mas como fossem grãdes, & possãtes
 No reyno os inimigos, naõ se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes
 A sustentar as damas, como deuem:
 Com lagrimas fermosas, & bastantes
 A fazer q̃ em socorro os Deoses leuem
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47

Era este Ingres potente, & militara
 Cõs Portugueses ja contra Castella,
 Onde as forças magnanimas prouara
 Dos companheirs, & benigna estrella:
 Não menos nesta terra esperimentara
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rey, que por mulher a toma.

C A N T O

Este que socorrer lhe não queria
 Por não causar discordias intestinas
 Lhe diz, quando o direito pretendia
 Do reyno là das terras Iberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, & partes tam diuinas,
 Que elles sos poderiaõ, se não erro
 Sustentar vossa parte a fogo, & ferro.

49

E se agrauadas damas sois seruidas,
 Por vos lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas, & polidas,
 De vosso agrauo os façãõ sabedores:
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palauras d'afagos, & d'amores
 Lhe sejaõ vossas lagrimas, que eu creyo
 Que ali tereis socorro, & forte esteyo.

50

Dest'arte as acõseiha o Duque experto
 E logo lhe nomea doze fortes,
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sobr'elles lãcem fortes
 Que ellas so doze saõ: & descuberto
 Qual a qual tem caido das confortes,
 Cad'hũa escreueao seupor varios modos
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

51

Ia chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a Corte aluoroça a novidade,
 Quisera o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho sofre a Regia Magestade:
 Qualquer dos cortesaõs aventureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E so fica por bemaventurado,
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal Cidade, donde teue
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leue
 Manda o que tem o leme do gouerno:
 Apercebenſe os doze em tempo breue
 D'armas, &roupas de viſo mais moderno
 De elmos, cimeras, letras, & primores,
 Canalos, & concertos de mil cores.

53

Ia do feu Rey tomado tem licenſa
 Pera partir do Douro celebrado
 Aquelles, que eſcolhidos por ſentenſa
 Foraõ do Duque Ingres eſperimentado:
 Naõ ha na companhia differenſa
 De caualeiro, de ſtro, ou eſforçado:
 Mas hum ſo, que Magriſo ſe dizia,
 Deſt'arte falla à forte companhia.

54

Fortiſſimos conſocios, eu deſejo
 Ha muito ja de andar terras eſtranhas,
 Por ver mais agoas, q̃ a do Douro & Tejo
 Varias gentes, & leys, & varias milhas:
 Agora que aparelho certo vejo, (nã ha)
 (Pois q̃ do mundo as couſas ſãõ tanta)
 Quero ſe me deixais, ir ſo por terra,
 Porq̃ eu ſerey conuoſco em Inglaterra.

55

E quando caſo for, que eu impedido
 Por quem das couſas he vitima linha,
 Naõ for conuoſco ao prazo inſtituido,
 Pouca falta vos faça falta minha:
 Todos por my fareis o que he diuido:
 Mas ſe a verdade o ſprito me adiuinha
 Rios, montes, fortuna, ou ſua enuiga
 Naõ faraõ que eu conuoſco nã ſeja

Afsi diz, & abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte,
 Passa Liaó, Castella vendo antigos
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:
 Navarra, cos altíssimos perigos
 Do Perineo, que Espanha & Galia parte
 Vistas em fim de França as cousas grãdes
 No grãde Imperio foy parar de Frãdes

57

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se detene muitos dias,
 Mas dos onze a illustríssima cõpanha
 Cortaõ do mar do Norte as ondas frias
 Chegados de Inglaterra à costa estranha
 Pera Londres ja fazem todos vias,
 Do Duque saõ com festa agasalhados,
 E das damas seruidos, & amimados.

58

Chegase o prazo, & dia assinalado,
 De entrar em câpo ja cos doze Ingrefes
 Que pello Rey ja rinhaõ segurado,
 Armanse delmos, greuas, & de arneses:
 Ia as damas té por si fulgête, & armado
 O Majorte feroz dos Portugueses,
 Vestense ellas de cores, & de sedas
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

59

Mas aquella, a quẽ fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veite, por não ter quem nomeado
 Seja seu caualeiro, nesta empresa:
 Bem que os onze apregoaõ, q̃ acabado
 Serà o negocio así na Corte Ingresa,
 Que as damas vencedoras se conheçaõ
 Posto q̃ dous, & tres dos seus falleçaõ.

Ia num sublime, & publico theatro
 Se affenta o Rey Ingres cõ toda a Corte
 Estauaõ tres, & tres, & quatro, & quatro
 Bẽ como a cada qual coubera em forte
 Naõ saõ vistos do Sol do Tejo ao Batro
 De forçã, esforço, & d'animõ mais forte
 Outros doze sair como os Ingrefes
 No campo, cõtra os onze Portuguefes.

61

Mastigaõ os caualos escumando
 Os aureos freos, com feroz sembrante
 Estaua o Sol nas arnas rutilando
 Como em cristal, ou rigido diamante:
 Mas enxergasse num, & noutro bando
 Partido defigoal, & dissonante
 Dos onze contra os doze:quãdo a gẽte
 Começa a aluorogar se geralmente.

62

Viraõ todos o rosto a onde auia
 A causa principal do reboliço,
 Eis entra huõ caualeiro, que trazia
 Armas, caualo, ao bellico seruiço:
 Ao Rey, & às damas fala, & logo se hia
 Pera os onze, q̃ este era o graõ Magriço
 Abraça os cõpanheiros como amigos,
 A quem naõ falta certo nos perigos.

63

A dama como ouuio, q̃ este era aquelle
 q̃ vinha a defender seu nome, & fama,
 Se alegra, & veste ali do animal de Hele
 Que a gente bruta mais q̃ virtude ama:
 Ia daõ final, & o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos, que inflama,
 Picaõ despõras, largaõ redeas logo,
 Abaxaõ lanças, fere a terra fogo,

Dos caualos o estrepito parece
 Que faz, q̃ o chaõ debaixo todo treme,
 O coraçãõ no peito, que estremece
 De quem os olha, se aluoroça, & teme;
 Qual do caualo voa, que não dece,
 Qual co' caualo em terra dando, geme
 Qual vermelhas as armas faz de bráças
 Qual cos penachos do elmo açouta as

65

(ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interualo,
 Correndo algum caualloy sem dono
 E noutra parte o dono sem caualo:
 Cai a soberba Ingressa de seu trono,
 Que dous, ou tres ja fóra vaõ do valo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achãõ ja q̃ arnes, escudo, & malha

66

Gastar palauras em contar estremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos
 Maos do tempo, com fabulas sonhadas
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas, & affamadas,
 Cos nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, & com gloria.

67

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus Paços, com festas, & alegria,
 Cozinheiros occupa, & caçadores
 Das damas a fermosa companhia,
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar à doce, & chara terra.

68

Mas

Mas dizem q' cõ tudo o grãõ Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lã se deixou ficar, onde hum feruiço
 Notauel à Condessa fez de Frandes:
 E como quem não era ja nouiço
 Em todo trance, onde tu Marte mãdes,
 Hum Frãces mata em cãpo, q' o destino
 Lã teue de Torcato, & de Coruino.

69

Outro tãbem dos doze em Alemãha
 Se lança, & teue hum fero desafio
 Cum Germano enganoso, q' cõ manha
 Não diuida o quis p'õr no extremo fio:
 Contando assi veloso, ja a companha
 Lhe pede, que não faça tal desino
 Do caso de Magriço, & vencimento,
 Nê deixê o de Alemãha e esquecimêto

70

Mas neste passo assi prõptos estãdo
 Eis o mestre, q' olhando os ares anda,
 O apito toca, acordaõ despertando
 Os marinheiros d'hũa, & doutra banda:
 E p'õrque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento crece
 Daquella nuem grande que aparece.

71

Nãõ erãõ os traquetes bem tomados,
 Quando dã a grande, & subita procella
 Amaina, disse o mestre a grãdes braços
 Amaina, disse, amaina a grande vella:
 Não esperãõ os ventos indinados:
 Que amainassem, mas jũtos dão nella
 Em pedaços a fazem, cum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

72

O Ceo

O Ceo fere com gritos nisto a gente
 Cum subito temor, & desacôrdo,
 Que no romper da vela a Nao pēdente
 Toma gram soma da goa pello bordo,
 Alija, disse o mestre, rijamente,
 Alija tudo ao mar, não falte acôrdo,
 Vão outros dar à bomba não cessando,
 Aa bomba que nos imos alagando.

73

Correm logo os soldados animosos
 A dar à bomba, & tanto que chegãrão,
 Os balanços, que os mares temerosos
 Derão à Nao, nū bordo os derribãrão:
 Tres marinheiros duros, & forçosos
 A menear o leme não bastãrão,
 Talhas lhe punhão dhũa, & doutra parte
 Sē aproueitar dos homēs força, & arte

74

Os ventos eraõ tais, q̄ não podêrãõ
 Mostrar mais força d'impeto cruel,
 Se pera derribar entãõ vierãõ
 A fortíssima torre de Babel:
 Nos altíssimos mares, que creceraõ,
 A pequena grandura d'hum batel,
 Mostra a possante Nao, q̄ moue espãto
 Vendo que se sostem nas ondas tanto,

75

A Nao grãde, em q̄ vay Paulo da Gama
 Quebrado leua o masto pello meyo,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veyo:
 Não menos gritos vós ao ar derrama
 Toda a Nao de Coelho, co.n receyo,
 Com quanto teue o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou q̄ desse o veto.

76

Agora

Agora sobre as nuvens os subiaõ
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que deciaõ
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo queraõ
 Arruinar a machina do mundo,
 A noite negra, & feya se alumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardir.

77

As Alcioneas aues triste canto
 Junto da costa braua leuantaraõ,
 Lembrandose de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lhe caularaõ:
 Os Delfins namorados entre tanto
 Lã nas couas maritimas entraraõ, 1
 Fugindo à tempestade, & ventos duros
 ã nem no fundo os deixa estar seguros

78

Nunca tam viuos rayos fabricou
 Contra a fera soberba dos Gigantes,
 O graõ ferreiro fordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes:
 Nem tanto o graõ Tonante arremessou
 Relampados ao mundo fulminantes,
 No graõ diluio, donde sos viueraõ
 Os deus ã em gẽte as pedras couerteraõ

79

Quantos montes entaõ, ã derribaraõ
 As ondas que batiaõ denodadas,
 Quantas arvores velhas arrancaraõ
 Do vento brauo as furias indinadas:
 As forçosas raizes não cuidaraõ
 Que nunca pera o Ceo fossem viradas,
 Nem as fundas areas que podessem
 Tãto os mares ã encima as reuoluessem.

80

Vindo

C A N T O

Vendo Vasco da Gama q̃ tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar atè o inferno aberto
Ora com noua furia ao Ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto; & fort
Que o impossivel pòde, desta sorte.

81

Diuina guarda, angelica, celeste,
Que os Ceos, o mar, & terra senhoreas
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo, & defendeste
Das Syrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Pouoador do alagado, & vacuo mūdo.

82

Se tenho nouos medos perigosos
Doutra Scylla, & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baxos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque fomos de ti desemparedos,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu seruiço só preteade?

83

ô ditosos aquelles que puderão
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sustiueraõ
A sancta Fè, nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se soberaõ,
De quem ficaõ memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella
Docq̃ fazendo a morte as honras della.

84

Assi

Assi dizendo os ventos que lutauão,
 Como touros indomitos bramando,
 Tais & mais a tormenta acrescentauão
 Ella miuda enxarcia affnuando:
 Elampados medonhos não cessauão,
 E os trouões que vem representando
 Cair o Ceo dos exos sobre a terra,
 Consiço os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa strela scintilaua
 Diante do Sol claro, no Orizante
 Genfageira do dia, & visitaua
 A terra, & o largo mar, có leda fronte
 A Deosa que nos Ceos a governaua,
 De quem foge o enifero Oriente,
 Tanto q̃ o mar, & a chara armadavira,
 Tocada junto foy de medo, & de ira.

86

Estas obras de Baco saõ por certo,
 Disse, mas não serà, que auante leue
 Não danada tenção, que descuberto
 Me serà sempre o mal a que se atreue:
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breue,
 Em quãto manda às Ninfas amorosas
 Grinaldas nas cabeças pòr de rosas.

87

Grinaldas manda pòr de varias cores
 Sobre cabellos louros à porfia,
 Quem não dirà, que naceм roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor infia:
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrãdolhe às amadas Ninfas bellas
 Que mais fermosas ynbão q̃ as estrellas

Assi foy, porque tanto que chegara
 Aa vista dellas, logo lhe falecem
 As forças, com que dantes pelejaraõ,
 E ja como rendidos lhe obedecem:
 Os pès, & mãos, parece, que lhe atara
 Os cabellos, que os rayos escurecem,
 A Boreas, que do peito mais qneria,
 Assi disse a bellissima Oritia,

88

Não creas, fero Boreas, que te creya
 Que me tiueste nunca amor constante
 q bráadura he de amor mais certo arreyo
 E não conuem furor a firme amante:
 Se ja não poés a tanta infania freyo,
 Não esperes de mi daqui em diante,
 Que possa mais amarte, mas temerte,
 Que amor cõtigo, em medo se cõuerte

89

Assi mesmo a fermosa Galatea
 Dizia ao fero Noto, que bem sabe
 Que dias ha que em vella se recrea,
 E bem crè que com elle tudo acaba,
 Não sabe o brauo tanto bem se o crã,
 Que o coraçãõ no peito lhe não cabe,
 De contente de ver q a dama o manda
 Pouco cuida que faz se logo abrandã.

90

Destã maneira as outras amansauõ
 Subitamente os outros amadores,
 E logo a linda Venus se entregauõ,
 Amansadas as iras, & os furores,
 Ella lhe prometeo yendo que amauõ
 Sempiterno fauor em seus amores,
 Nas bellas mãos tomãdo lhe omenagã
 De lhe serem leais esta viagem,

Ta a menhaã clara daua nos outeiros
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gauea os marinheiros
 Enxergãraõ terra alta pella proa,
 A fóra de tormenta, & dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito voa,
 Disse alegre o Piloto Melindano,
 Terra he de Calecut, se não me engano

92

Esta he por certo a terra que buscais
 Da verdadeira India, que aparece:
 E se do mundo mais não deseiais,
 Vosso trabalho longo aqui fenece:
 Sofrer aqui não pode o Gama mais,
 De ledó em ver que a terra se conhece,
 Os geolhos no chão, as mãos ao Ceo,
 A merce grande a Deos agradeceo.!

93

As graças a Deos daua, & razão tinha
 Que não samente a terra lhe mostraua
 Que com tanto temor buscando vinha
 Por quem tanto trabalho esprimêtaua,
 Mas via se liurado tão a sinha
 Da morte, que no mar lhe aparelhaua
 O vento duro, feruido, & medonho,
 Como qué despertou de horrêdo sonho

94

Por meyo destes horridos perigos
 Destes trabalhos graues, & temores,
 Alcanção os q̄ laõ de fama amigos (res:
 As hõras immortais, & os graos mayo-
 Não encoitados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores,
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Moscouia Zebellinos.

C A N T O

Não cos mājares novos, & exquisito
 Não cos passeos moles, & ociosos,
 Não cos varios deleites, & infinitos
 Que afeminão os peitos generosos:
 Não cos nunca vencidos apetitos
 Que a Fortuna té sempre tão mimoso
 Que não sofre a nenhũ q' o passo mud
 Pera algúa obra heroica de virtude.

96

Mas com buscar co seu forçoso braço
 As honras, q' elle chame proprias suas
 Vigiano, & vestindo o forjado aço,
 Sofrendo tempestades, & ondas cruas
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul, & regioes de abrigo nuas,
 Engulindo o corrupto mantimento
 Temperado com hũ arduo sofrimento

97

E com forçar o rosto que se enfia,
 A parecer seguro, ledo, inteiro,
 Pera o pilouro ardente, que affouia,
 E leua a perna, ou braço ao cópanheiro
 Dest' arte o peito hum calo hóroso cria
 Desprezador das honras, & dinheiro,
 Das honras, & dinheiro, que a ventura
 Forjou, & não virtude justa, & dura.

98

Dest' arte se esclarece o entêdimêto
 Que experiencias fazem repousado,
 E fica vendo, como de alto assento
 O baxo tracto humano embaraçado,
 Esse onde tiuer força o regimento
 Dircito, & não de affeitos occupado,
 Subirà (como deue) a illustre mando,
 Com a vontade sua, & não rogando.

F I M.

C A N

CANTO VII.

I



A se viaõ chegados jun-
to à terra,
Que desejada ja de tan-
tos fora,
Que entre as correntes
indicas se encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:
Ora sus gente forte que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ia sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

2

A vos, ò geração de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mûdo:
Não digo iinda no mûdo, mas no amigo
Curral de quem gouerna o ceo rotûdo:
Vos, a quem não fomenta algû perigo
Estorua conquistar o pouo inmundo:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, q̃ nos ceos estã em essencia.

3

Vos Portugueses poucos, quãto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais.
Vos que à custa de vossas varias mortes
A ley da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas saõ as sortes,
Que vos por muito poucos que seiais,
Muito fazais na sancta Christandade:
q̃ tãto, ò Christo exaltas a humildade.

4

H z

Vedelos

C A N T O

Vedelos Alemães, soberbo gado,
 Que por tam largos campos se apacêta
 Do successor de Pedro rebelado,
 Nouo pastor, & noua ceita inuenta:
 Vedelo em feas guerras occupado,
 Que inda co cego error se não contêta
 Não contra o superbissimo Otomano,
 Mas por sair do jugo soberano.

5

Vedelo duro Ingres, que se nomea
 Rey da velha, & sanctissima Cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quê vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra que era sua.

6

F. Guardalhe por entanto hũ falso Rey
 A Cidade Hierosolima terrestre,
 Em quãto elle não guarda a sancta ley,
 Da Cidade Hierosolima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quise,te,
 Não pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalo.

7

Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sêdo o teu tã largo, & tãto,
 E não contra o Cyniô, & Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se haõ de prouar da espada os fios,
 Em qué quer reprovar da Igreja o cãto
 De Carlos, de Luis, o nome, & a terra
 Erdaste, & as causas não da justa guerra

8

Pois

Pois que direy daquelles q̄ em delicias
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,
 Gastaó as vidas,lograó as diuicias,
 Esquecidos de seu valor antigo:
 Nascem da tyrania inimicicias,
 Que o pouo forte tem de si inimigo,
 Contigo Italia fallo, ja sumersa
 Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

9

ô miseros Christaõs,pola ventura
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
 Que hús aos outros se daó à morte dura
 Sendo todos de hú ventre produzidos?
 Naõ vedes a diuina sepultura
 Possuida de cães,que sempre vnidos
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,
 Fazendose famosos pela guerra?

10

Vedes q̄ tem por vso,& por decreto,
 Do qual saó tam inteiros obseruantes,
 Ajuntarem o exercito inquieto, (tes.
 Cõtra os pouos, q̄ saó de Christo amã-
 Entre vos nunca deixa a fera Aleto
 De famear cizanias repugnantes,
 Olhay s'estais seguros de perigos,
 Que elles & vos,sois vossos inimigos.

11

Se cobiça de grandes senhorios
 Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Naõ vedes que Pactolo,& Hermo rios,
 Ambos voluem auriferas areas,
 Em Lidia,Afsiria lauraó de ouro os fios
 Africa esconde em si luzentes veas,
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,
 Pois mouer vos naõ pode a casa Sãcta.

Aquellas inuengões feras, & nouas
 De instrumentos mortais da artelharia
 Ia deuem de fazer as duras prouas
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia.
 Fazei que torne là às siluestres couas
 Dos Caspios montes, & da Cytia fria,
 A Turca geração, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica,

13

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estaõ, que o pouo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcoraõ (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & astuto,
 E naõ queirais lououres arrogantes,
 De serdes cõtra os vossos muy possãtes

14

Mas em tanto que cegos, & sedetos
 Andais de voslo sangue, õ gente insana
 Não faltarã Christaõs atreuimentos
 Nesta pequena casa Lusitana:
 De Affrica tem maritimos assientos,
 He na Asia mais que todas soberana,
 Na quarta parte noua os campos ara,
 E se mais mundo ouuera la chegara.

15

E vejamos em tanto, que acontece
 Aaquelles tam famosos nauegantes,
 Despois que a brãda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes:
 Despois que a larga terra lhe aparece,
 Fim de suas perfias tam constantes,
 Onde vem semear de Christo a ley,
 E dar nouo costume, & nouo Rey.

16

Tanto

Tanto que à noua terra se chegaraõ
 Leues embarcaçoës de pescadores
 Achàraõ, que o caminho lhe mostràraõ
 De Calecut onde eraõ moradores:
 Pera la logo as proas se inclinàraõ,
 Porque esta era a Cidade das melhores
 Do Reyno 'Malauar, onde viuia
 O Rey que a terra toda possuhia.

17

Alem do Indo jaz, & àquem do Gange,
 Hũ terreno muy grãde, & affaz famolo,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E pera o Norte o Emodio cauernoso:
 Iugo de Reys diuersos o constrange
 A varias leys:algũs o vicioso
 Mafoma, algũs os Idolos adoraõ,
 Algũs os animais, q̃ entre elles moraõ.

18

La bem, no grande monte, q̃ cortando
 Tam larga terra, toda Alia discorre,
 Que nomes tam diuersos vay tomando
 Segundo as regioës por onde corre:
 As fontes saem, donde vem nyanando
 Os rios, cuja grãni corrente morre
 No mar Indico, & cercão todo o peso
 Do terreno, fazendo o Chersonezo.

19

Entre hũ&o outro rio, em grãde espaço
 Sae da larga terra hũa longa ponta
 Quasi piramidal, que no regaço
 Do mar com Ceilaõ insula confronta,
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta,
 Que os visinhos da terra moradores
 Do cheiro se mantem das finas flore.

C A N T O

Mas agora de nomes, & de vfança,
Nouos, & varios são os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, & gente, são mais abundâtes,
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua saluação nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala
Fertil de sorte q̃ outra não lhe igoala.

21

O Reyno de Cambaya bellicoso
(Dizem que foy de Poro Rey potente)
O Reyno de Narsinga poderoso,
Mais de ouro, & pedras, q̃ de forte gēte
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamēte,
Seruindo ao Maluar de forte muro,
Com que do Canarà viue seguro.

22

Da terra os naturais lhe chamaõ Gate,
Do pè do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, q̃ cõbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della.

23

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portugues mandado logo parte
A fazer sabedor o Rey gentio
Da vinda sua a tam remota parte:
Entrando o mensageiro pelo Rio,
Que alias ondas entra, a não vista arte
A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
Fez concorrer a vello todo o pouo.

24

Entre

Entre a gente que a vello concorria
 Se chega hum Mahometa, que nascido
 Fora na regiaó da Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido:
 Ou pela vezinhança ja teria
 O Reyno Lusitano conhecido,
 Ou foy ja assinalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tam longo desterro

25

Em vendo o mensageiro c6 jocundo
 Rosto, como quẽ sabe a lingua Hispana
 Lhe disse, quẽ tetrouxe a estoutro mudo
 Tam longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo lhe responde o mar profundo
 Por onde nunca veyo gente humana,
 Vimos buscar do Indo a graó corrente
 Por onde a ley diuina se acrecente.

26

Espantado ficou da gram viagem
 O mouro que Monçaide se chamaua,
 Ouindo as oppressões que na passagẽ
 Do mar, o Lusitano lhe contaua,
 Mas vendo em fim, q a força da mèsagẽ
 Sò pera o Rey da terra releuaua,
 Lhe diz que estaua fora da Cidade,
 Mas de caminho pouca quantidade.

27

E quem tãto q a noua lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria
 Na sua pobre casa reponsasse
 E do manjar da terra comeria;
 E depois que se hum pouco recreasse,
 Coelle pera a armada tornaria,
 Que alegria não pode ser tamanha
 Q achar gẽte visinha em terra estranha.

28

H 5

©

O Português aceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece
 Como se longa fora ja a amizade,
 Coelle come & bebe, & lhe obedece:
 Ambos se tornaõ logo da cidade,
 Pera a frota, q̃ o Mouro bem conhece
 Sobem à Capitaina, & toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

29

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouindo clara a lingua de Castella,
 Iúto de si o affenta, & prôpto, & quedo
 Pela terra pergunta, & cousas della:
 Qual se ajútaua em Rodope o aruoredo
 So por ouuir o amante da donzella
 Euridice, tocando a lira de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro.

30

Elle começa, ô gente que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou q̃ ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
 Não he sem causa não occulta, & escura
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho
 Por mares nunca doutro lenho arados
 A Reynos tam remotos, & apartados.

31

Deos por certo vos traz, porq̃ pretêde
 Algum seruiço seu por vos obrado,
 Por isso só vos guia, & vos defende
 Dos imigos do mar, do vento irado:
 Sabey q̃ estais na India, onde se estende
 Diuerso pouo, rico, & prosperado,
 De ouro luzente, & fina pedraria,
 Cheiro suaue, ardente especiaria.

32

Esta

Esta Prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malauar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reys he, mas d'hũ só forã
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramã Perimal foy derradeiro
Rey, q̃ este Reyno teue vnido, & inteiro

33

Porẽm como a esta terra entã viessem
De là do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirã meus parentes,
Succedeo que prẽgando conuertessem
O Perimal, de sabios, & eloquentes,
Faznlhe a ley tomar com feruor tãto,
Que presupõs de nella morrer sancto.

34

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, q̃ a ley publicas
Antes que parta, o Reyno poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de fogueitos.

35

A hum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual dã Cranganor,
E os mais, a quẽ o mais serue, & cõteta:
Hũ só moço a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
Pera este Calecut samente fica,
Cidade ja por tracto nobre, & rica

C A N T O

Esta lhe dà co titulo excellente
 De Imperador, q̄ sobre os outros mãde
 Isto feito se parte diligente
 Pera onde em sãcta vida acabe, & ande
 E daqui fica o nome de potente
 Camori, mais q̄ todos digno, & grande
 Ao moço, & descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio mãda, & tem

37

A ley da gente toda, rica, & pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andão nũs, & samente hum pano cobre
 As partes, que a cubrir natura ensina:
 Dous modos ha de gente, porq̄ a nobre
 Naires chamados saõ, & a menos digna
 Poleãs tem por nome, a quem obriga
 A ley não mesturar a casta antiga.

38

(cio.

Porq̄ os q̄ vsaraõ sēpre hũ mesmo offi-
 De outro não podem receber consorte
 Nem os filhos teraõ outro exercicio,
 Senão o de seus passados atè morte:
 Pera os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados, de tal sorte,
 Que quando algum se toca por vêtura,
 Cõ seremonias mil se alimpa, & apura.

39

Destá sorte o Iudaico pouo antigo
 Não tocava na gente de Samaria,
 Mais estranhezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de vsangã varia:
 Os Naires sós saõ dados ao perigo
 Das armas, sós defendem a contraria
 Bãda o seu Rey, trazêdo sēpre vsada (da
 Naes uerda a adarga & na direita a cõpa

Bramenes são os seus religiosos
 Nome antigo, & de grande preminência
 Observão os preceitos tam famosos
 D'hũ, que primeiro pos nome à sciência:
 Não matão couza viua, & temerosos
 Das carnes tem grandíssima abstinência
 Somente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença, & menos regimento

41

Gerais são as mulheres: mas somete
 Pera os da geração de seus maridos:
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciumes offendidos:
 Estes, & outros costumes variamente
 São pelos Maluares admitidos,
 A terra he grossa e trato, em tudo aquilo
 q as ondas podẽ dar da China ao Nilo.

42

Afsi contaua o Mouro: mas vagãdo
 Andaua a fama ja pela cidade
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rey saber mandaua da verdade:
 Ia vinhão pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes q o Rey buscar mãdara,
 O Capitão da armada que chegara.

43

Mas elle, que do Rey ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adornado:
 Das cores a fermosa differença
 A vista alegre ao pouo aluoroçado,
 O femo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio

C A N T O

Na praya hũ régedor do Reino estaua,
 Que na sua lingoa Catual se chama,
 Rodeado de Naires, que esperaua
 Com desusada festa ao nobre Gama:
 Ia na terra nos braços o leuaua,
 E num portatil leito hũa rica cama
 Lhe offerece em que va, costume vsado
 Que nos hõbros dos homẽs he leuado.

45

Desta arte o Maluar, dest' arte o Luso
 Caminhão la pera onde o Rey o espera
 Os outros Portugueses vão ao vfo
 Que infantaria segue esquadra fera:
 O pouo que concorre vay confuso
 De ver a gente estranha, & bem quifera
 Perguntar: mas no tempo ja passado
 Na torre de Babel lhe foy vedado.

46

O Gama, & o Catual hião fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerencia,
 Monçaide entrelies vay interpretando
 As palauras que de ambos entendia:
 Afsi pela cidade caminhando
 Onde hũa rica fabrica se erguia
 De hũ sumptuoso templo, ja chegauaõ
 Pelas portas do qual juntos entrauaõ.

47

Ali estaõ das Deidades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios degestos, varios de pinturas,
 A segundo o Demonio lhe fingia:
 Vense as abominaueis esculturas,
 Qual a Chimèra em membros se varia,
 Os Christãos o os a ver Deos vsados
 Em forma hum. na estão marauilhados

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
 Outro num corpo rostos tinha vnidos.
 Bem como o antigo Iano se pintaua:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briareo parece que imitaua:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Menfitico se adora.

49

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desuio
 Pera onde estaua o Rey do pouo vão:
 Engrossando se vay da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitão,
 Estão pelos telhados, & janellas
 Velhos, & moços, donas, & donzellas.

50

Ia chegão perto, & não cõ passos léticos,
 Dos jardins odoríferos fermosos,
 Que em si escõdem os regios aposentos
 Altos de torres não, mas sumptuosos,
 Edificaõ os nobres seus assentos,
 Por entre os aruoredos deleitosos,
 Así viuem os Reys daquela gente,
 No campo, & na cidade juntamente.

51

Pelos portais da cerca a sutileza
 Se enxerga da Dedalea faculdade,
 Em figuras mostrando por nobreza
 Da India a mais remota antiguidade:
 Afiguradas vão com tal viuieza
 As historias daquela antiga idade,
 Que quem dellas tiuer noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

C A N T O

Estava hum grande exercito que pisa
 A terra Oriental, que o Idaspe lava,
 Regeo hum capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes Tirfos pelejava,
 Por elle edificada estava Nisa
 Nas ribeiras do rio, que manava,
 Tão proprio, que se ali estiuer Semelle
 Dirà por certo, que he seu filho aquelle

53

Mais auante bebendo seca o rio,
 Muy grande multidão da Afsiria gente
 Sujeita a feminino senhorio,
 De hũa tam bella, como incontinente
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia,
 Amor nefando, bruta incontinencia.

54

Daqui mais apartadas tremolauão
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia, & lojugauão,
 Até as agoas Gangeticas vndosas:
 Dum capitão mancebo se guiauão
 De palmas rodeado valerosas,
 Que ja não de Filipo, mas sem falta
 De progenie de Iupiter se exalta.

55

Os Portugueses vendo estas memorias
 Dizia o Catual ao Capitão,
 Tempo cedo virà que outras victorias,
 Estas que agora olhais abaterão:
 Aqui se escreuerão nouas historias,
 Por gentes estrangeiras que virão,
 Que os nossos sabios magos o alcãç drão
 Quando o tempo futuro especularão.

56

E diz lhc

E dizlhe mais a magica sciencia,
 Que pera se euitar força tamanha
 Não valerà dos homẽs resistencia,
 q̃ contra o Ceo não val da gẽte manha:
 Mas tambem diz q̃ a bellica excellẽcia
 Nas armas, & na paz, da gente estranha
 Serà tal, que serà no mundo ouuido
 O vencedor, por gloria do vencido.

57

Afsi fallando entrauão ja na sala,
 Onde aquelle potente Emperador
 Nũa camilha jaz, que não se igoala
 De outra algũa no preço, & no valor:
 No recostado gesto se afsinala
 Hum venerando, & prospero senhor,
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
 De preciosas gemas se adereça.

58

Bem junto delle hũ velho reuerente
 Cos gíolhosno chaó, de quãdo è quãdo
 Lhe daua a verde folha da erua ardẽte
 Que a seu costume estaua ruminando:
 Hum Bramene, pessoa preminente,
 Pera o Gama vem com passo brando,
 Pera q̃ ao grande Principe o apresente
 Que diante lhe acena que se assente.

59

Sentado o Gama junto ao rico-leito
 Os seus mais afastados, próprio em vista
 Estaua o Samorì no trajo, & geito
 Da gente, nunca de antes delle vista:
 Lançando a graue voz do sabio peito,
 Que grande authoridade logo aquista
 Na opiniaó do Rey, & do pouo todo
 O Capitão lhe falla deste modo.

C A N T O

Hũ grande Rey, de là das partes, onde
 O Ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde
 Tingindo a que deixou de escura nodas
 Ouvindo do rumor que là responde
 O eco, como em ti da India toda
 O principado està, & a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

61

E por longos rodeos a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, q̃ sobre as terras anda
 De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelandas
 Até bem donde o Sol não muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tẽ no seu Reyno em grãde copia.

62

E se queres com pactos, & lianças
 De paz, & de amizade sacra, & nua,
 Comercio consentir das abundanças
 Das fazendas da terra sua, & tua,
 Porque creção as rendas, & abastanças
 Por quem a gente mais trabalha, & sua,
 De vossos Reynos, serà certamente
 De ti proveito, & delle gloria ingente.

63

E sendo assi que o nõ desta amizade
 Entre vos firmemente permaneça,
 Estarà prompto a toda aduersidade,
 Que por guerra a teu Reyno se offereça:
 Com gente, armas, & naos de qualidade
 Que por irmão te tenha, & te conheça,
 E da vontade em ti sobristo posta
 Me des a my certissima reposta.

64

Tal

Tal embaxada dáua o Capitaõ,
 A quem o Rey gentio respondia,
 Que em ver embaxadores de naçaõ
 Tam remota,graõ gloria recebia:
 Mas neste caso a vltima tençaõ
 Com os de seu conselho tomaria,
 Informandose certo de quem era
 O Rey,& a gente,& terra que dissera.

65

E que em tanto podia do trabalho
 Passado ir repouzar,& em tẽpo breue
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rey reposta alegre leue:
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho
 Aas humanas canseiras,porque ceue
 De doce sono os mẽbros trabalhados,
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

66

Agasalhados foraõ juntamente,
 O Gama,& Portugueses no aposento
 Do nobre Regedor da Indica gente,
 Com festas,& geral contentamento:
 O Catual no cargo diligente
 De seu Rey,tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha,
 Que costumes,que ley, que terra tinha.

67

Tanto q os igneos carros do fermoso
 Mancebo Delio vio, que a luz reuoua,
 Manda chamar Monçaide,desejoso
 De poderse informar da gente noua:
 Ia lhe pergunta prompto,& curioso
 Se tem noticia inteira,& certa proua
 Dos estranhos que saõ,q ouuido tinha
 Que he gẽte de sua patria muy vizinha

68

Que

C A N T O

Que particularmente ali lhe dèsse
 Informaçãõ muy larga, pois fazia
 Nisso seruiço ao Rey , porque soubesse
 O que neste negocio se faria:

Monçaide torna, posto que eu quisesse
 Dizerte disto mais não saberia,
 Somente sey q̃ he gente là de Hespanha
 Onde o meu ninho, & o Sol no mar se ba

69

(nha

Tem a ley dum Propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da mãy, tal que por baso està aprouado
 Do Deos, q̃ tem do mundo o regimêto:
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles, he que o valor languinolento
 Das armas, no seu braço resplandece,
 O que em nossos passados se parece.

70

Porq̃ elles com virtude sobre humana
 Os deitãrãõ dos campos abundosos
 Do rico Tejo, & fresca Goadiana,
 Com feitos memoraueis, & famosos:
 E não contentes inda na Affricana
 Parte, cortando os mares procelosos
 Nos não querem deixar viuer seguros,
 Tomandonos cidades, & altos muros.

71

(nha

Não menos té mostrado esforço, & ma-
 Em quaesquer outras guerras q̃ acont-
 Ou das gētes beligeras de Espanha (çãõ
 Ou là dalgũs que do Pirene de çãõ:
 Assim que nũca em fim cõ lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçaõ,
 Nẽ se sabe inda não, te afirmo, & affello
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

72

E se

Es' esta informaçãõ não for inteira
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja, & offede:
 Vayverlhe a frota, as armas, & a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaràs de veres a policia
 Portuguesa na paz, & na milicia.

73

Ia com desejos o Idolatra ardia
 De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
 Manda esquipar bateis, q' yr ver queria
 Os lenhos em que o Gama nauegaua:
 Ambos partem da praya, a quem seguia
 A Naira geraçãõ, que o mar coahaua,
 Aa Capitaina sobem forte, & bella
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

74

Purpureos são os toldos, & as bãdeiras
 Do rico fio são, que o bicho gera,
 Nellas estaõ pintadas as guerreiras
 Obras, que o forte braço ja fizera:
 Batalhas tem campais aventureiras,
 Desafios crueis, pintura fera,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,
 A tento nella os olhos apacenta.

75

Pelo que vè pergunta: mas o Gama
 Lhe pedia primeiro que se assente,
 E que aquelle deleite que tanto ama
 A ceita Epicurea, experimente:
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noe mostrára à gente:
 Mas comer o gentio não pretende,
 Que a ceita que seguia lho defende.

A tróbeta q̄ em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares
 Co fogo o diabolico instrumento,
 Se faz ouuir no fundo la dos mares:
 Tudo o gentio nota:mas o intento
 Mostraua sempre ter nos singulares
 Feitos dos homês,q̄ em retrato breue
 A muda poesia ali descreue.

77

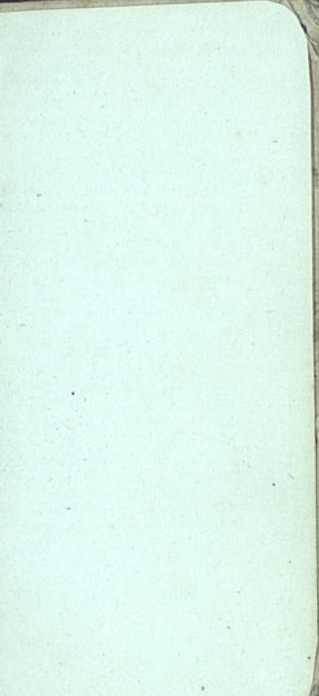
Alçase em pè, co elle os Gamas jút
 Coelho de outra parte,& o Mauritan
 Os olhos poem no bellico trafunto
 De hú velho branco,aspeito venerãdo
 Cujoo nome não pode ser defunçto (no
 Em quãto ouuer no mûdo trato huma
 No trajo a Grega vsança està perfeita
 Hum ramo por insignia na direita.

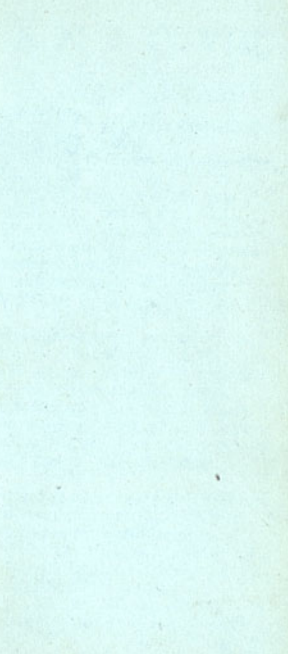
78

Hum ramo na mão tinha:mas ô cego
 Eu que cometo infano,& temerario,
 Sê vos Ninfas do Tejo, & do Mõdego
 Por caminho tam arduo,lógo,&vario
 Vosso fauor inuoco,que nauego
 Por alto mar,comvento tam contrari
 Que se não me ajudais,ei grande med
 Que o meu fraco batel se alague cedo

79

Olhay q̄ ha tanto tempo, q̄ cãtand
 O vosso Tejo,& os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Nouos trabalhosvêdo,& nouos dano
 Agora o mar,agora esperimentando
 Os perigos Mauorcios inhumanos,
 Qual Canace que à morte se condena
 Nũa mãosêpre a espada,&noutra a pen







CANTO VIII.

aliter



A primeira figura se de-
tinha
O Carual, que vira estar
pintada,
Que per diuisa hum ra-
mo na maõ tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
Quem era, & por q̃ causa lhe cõuinha
A diuisa que tem na maõ tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabjo lhe intrepeta.

2

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conbecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais per-
Este q̃ ves he Luso, dõde a fama (feitos
O nosso Reyno Lusitania chama.

3

Foy filho, & cõpanheiro do Thebano,
que tam diuersas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino vsou,
Do Douro, Guadiana o campo vfano,
Ja dito Elifio, tanto o contentou
que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

4

5

6

C A N T O

O ramo que lhe ves pera diuisa,
 O verde Tyríio foy de Baco vsado,
 O qual à nossa idade amoltra, & auisa
 q̃ foy seu companheiro, & filho amado
 Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
 Depois de ter tam longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edifica,
 E templo a Palas, q̃ em memoria fica.

5

Vlyffes he o que faz a sancta casa
 Aa Deosa, que lhe dà lingua facunda,
 Que se lá na Asia Troya insigne abraça
 Ca na Europa Lisboa ingente funda:
 Quem serà estoutro ca q̃ o cãpo arrasa
 De mortos, com presença furibunda?
 Grandes batalhas tem desbaratadas,
 q̃ as Agueas nas bandeiras tẽ pintadas.

6

Assi o gentio diz, responde o Gama
 Este que ves, pastor ja foy de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuenciuel afamado,
 Não tem coelle não, nem ter puderaõ
 O primor que com Pirro ja tiueraõ.

7

Cõ força não: cõ manha vergonho
 A vida lhe tirãraõ que os espanta,
 q̃ o grãde aperto em gẽte inda q̃ hõros
 Aas vezes leys magnanimas quebrãta
 Outro estã aqui q̃ cõtra a patria yro
 Degradado com nosco se alevanta,
 Escolheo bem com quem se alevãta
 Pera que eternamente se illustrasse.

Vês cõ nosco tãbem vêce as bãdeiras
 Dessas aues de Iupiter validas,
 ã ja naquelle tẽpo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberaõ ser vencidas:
 Olha tam sotis artes, & maneiras,
 Pera adquerir os pouos tam fingidas
 A fatidica Cerua que o auisa,
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

9

Olha estoutra bãdeira, & vè pintado
 O graõ progenitor dos Reis primeiros,
 Nõs Vngaro o fazemos, porẽm nado
 Crẽ ser em Lotharingia os estrãgeiros:
 Despois de ter os Mouros superado
 Galegos & Leoneses caualleiros,
 Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,
 Porã o tronco dos Reys se sanctifique.

10

Quẽ he me dize estoutro ã me espãta
 Pergunta o Malabar marauilhado,
 Que tantos esquadroẽs, que gente tãta,
 Cõ tam pouca, tem roto, & destrogado:
 Tantos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas dã nunca cansado,
 Tantas coroas tem por tantas partes,
 A seus pès derribadas, & estandartes?

11

Este he o primeiro Afõso, disse o Gama
 Que todo Portugal aos Mouros toma,
 Por quem no Estigio lago jura a fama,
 De mais não celebrar nenhũ de Roma:
 Este he aquelle zeloso a quẽ Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro inimigo doma
 Pera quẽ de seu Reino abaxa os muros
 Nada deixando ja pera os futuros.

C A N T O

Se Cesar, se Alexandre Rey tiuera
 Tam pequeno poder, tam pouca gente
 Contra tantos inimigos, quantos era
 Os que desbarataua este excellente,
 Não creas que seus nomes se estedera
 Cõ glorias immortais taõ largamente
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis
 Vè que os de seus vassallos saõ notaveis

13

Este que ves olhar com gesto yrado
 Pera o rompido Alumno mal soffrido,
 Dizendolhe que o exercito espalhado
 Recolha, & torne ao campo deendido
 Toma o moço do velho acõpanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas Moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.

14

Velo ca vay cos filhos a entregar-se,
 A corda ao colo, nu de seda, & pano,
 Porque não quis o moço sogeitar-se,
 Como elle prometera ao Castelhanao:
 Fez com si, & promessas levantar-se
 O cerco que ja estaua soberano,
 Os filhos, & mulher obriga à pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena.

15

Não fez o Consul tanto q̃ cercado
 Foy nas forcas Caudinas de ignorante
 Quando a passar por baxo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante:
 Este pelo sea pouo injuriado,
 Assim se entrega sã firme, & constante,
 Estoutro assim, & os filhos naturais,
 Na consorte sem culpa, que doe mais.

16

Ves

Vês este que saindo da cidade,
 D' sobre o Rey que cerca a villa forte,
 Já o Rey tem preso, & a villa descercada
 Illustre feito digno de Mauorte,
 Vêlo cá vay pintado nesta armada
 No mar tãbê aos Mouros dando a morte
 Tomando-lhe as galês, levando a gloria
 Da primeira maritima victoria.

17

He dom Fuas Roupinho q̃ na terra,
 E no mar respalan lece juntamente,
 Cõ fogo que acendeo junto da ferra
 De Abila, nas galês da Maura gente
 Olha como então justa, & sancta guerra
 De acabar pelejando estã contente:
 Das mãos dos Mouros entra a felice al-
 Triáfido nos ceos cõ justa Palma. (ma

18

Não vês hũ ajutamêto de estrangeiro
 Traço, sair da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o Rey primeiro
 Lisboa, de si dando sancta proua:
 Olha Enrique famoso caualleiro,
 A palma que lhe nasce junto à coua,
 Por elles mostra Deos milagre viço.
 Germanos são os Martyres de Christo.

19

Hũ Sacerdote vê brandindo a espada
 Cõtra Arronches q̃ toma, por vingãça
 De Leiria, que de antes foy tomada,
 Por quẽ por Masamode encerra a lãça:
 He Teotonio Prior das vè cercada
 Sanctarem, se verã a seguranga
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bãdeira.

Vello ca donde Sancho desbaratez
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra
 Os inimigos rompendo, o Alferez mata
 E Hispalico pendão derriba em terra
 Mem Moniz he, q̄ em si o valor retrata
 Que o sepulchro do paycos ossos cerra
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

21

Olha aquelle que dece pela lança,
 Com as duas cabeças das vigias,
 Onde a cilada esconde, com q̄ alcança
 A cidade por manhas, & ousadias:
 Ella por armãs toma a semelhança
 Do caualleiro, que as cabeças frias
 Na mão leuaua, feito nunca feito,
 Giraldo sem pavor he o forte peito.

22

Não vês hū Castelhana, q̄ agrauado
 De Afonso nono Rey, pelo odio antigo
 Dos de Lara cos Mouros he deitado,
 De Portugal fazendo se inimigo?
 Abrantes villa toma a acompanhado
 Dos duros infieis que traz coufigo:
 Mas vê q̄ hū Portugues cō pouca gēte
 O desbarata, & o prede ousadamente.

23

Martim Lopez se chama o caualleiro
 q̄ deites leuar pode a palma, & o louro
 Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
 q̄ em lãsa de aço torna o Bago de ouro
 Vello entre os duvidosos tam inteiro,
 Em não negar batalha ao brauo Mouro
 Olha o sinal no Ceo que lhe aparece,
 Cō q̄ nos poucos seus o esforço crece.

Vês vão os Reis de Cordoua, & Seuilha
 Rotos, cos outros dous, & não de espa-
 Rotos? mas antes mortos, marauilha (ço
 feita de Deos, q̃ não de humano braço
 Vês ja avilla de Alcaçare se humilha
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma ali coroa.

25

Olha hum Mestre q̃ dece de Castella,
 Portugues de nação, como conquista
 A terra dos Algarues, & ja nella
 Não acha quem por armas lhe resista,
 Cõ manha, esforço, & cõ benigna frella
 Villas, castellos toma à escalla vista:
 Vês Tauila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores.

26

Vês cõ belica astucia ao Mouro ganha
 Silues, q̃ elle ganhou cõ força ingente,
 He dom Payo Correa, cuja manha
 E grande esforço faz enueja à gente:
 Mas não passes os tres q̃ è Frãça, & Espa
 Se fazem conhecer perpetuamēte (nha
 Em desafios, justas, & torneos,
 Nellas deixando publicos trofeos.

27

Vellos co nome vem de aventureiros
 A Castella, onde o preço fõs leuãraõ
 Dos jogos de Belona verdadeiros,
 Que com dano de algũs se exercitãraõ,
 Vê mortos os soberbos caualleiros,
 Que o principal dos tres desafiãraõ,
 Que Gonçalo Ribeyro se nomea,
 Que pode não temer a ley Lçtea.

C A N T O

Atenta num q̃ a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta,
 Que a patria q̃ de hum fraco fio pende
 Sobre seus duros hombros a sustenta,
 Não no ves tinto de ira, que reprende
 A vil desconfiança igerte, & lenta
 Do pouo, & faz que tome o doce freyo,
 De Rey seu natural, & não de alheyo.

29

Olha por seu conselho, & ousadia,
 De Deos guiada só, & de sãcta Estrella
 Sò pode o que impossivel parecia,
 Venter o pouo ingente de Castilla:
 Vès por industria, esforço, & valentia
 Outro estrago, & victoria clara, & bella
 Na gente, assi feroz como infinita,
 q̃ entre o Tarteso, & Goadiana habita.

30

Mas não vès quasi ja desbaratado,
 O poder Lusitano, pela ausencia
 Do Capitão deuoto, que apartado
 Ordo inuoca a summa & trina effencia:
 Vello com pressã ja dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, & que viesse,
 Porque cõigo esforço aos fracos desse.

31

Mas olha com que sancta cõfiança,
 Que inda não era tempo respondia,
 Como quem tinha em Deos a seguranga
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assi Pompilio, ouvindo que a possanga
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nona estava dando,
 Pois eu, responde, eston sacrificando.

Se'quê cõ tãto esforço em Deos s'atreue
 Ouuir quiseses como se nomea,
 Portuguez Cipião chamar se deue:
 Mas mais de dõ Nuno Alvarez se arrea,
 Ditosa patria que tal filho teue:
 Mas antes pai, q̃ em quãto o Sol rodea
 Este globo de Ceres, & Neptuno,
 Sempre suspirarà por tal aluno.

33

Na mesma guerra vè q̃ presas ganha;
 Estoutro Capitão de pouca gente,
 Comédadores véce, & o gado apanha,
 Que leuauão roubado oufadamente:
 Outra vez vè q̃ a lãça em sangue banha
 Destes, só por liarar com amor ardete
 O preso amigo, preso por leal,
 Pero Rodriguez he do Landroal.

34

Olha este desleal o como paga
 O perjurio que fez, & vil engano,
 Gil Fernãdez he de Eluas que o estraga
 E faz vir a passar o vltimo dano:
 De Xerez rouba o cãpo, & quasi alaga
 Co sangue de seus donos Castelhanao:
 Mas olha Ruy Pereira que co rosto
 Faz escudo às galès, diante posto,

35

Olha que dezafete Lusitanos,
 Neste outeiro subidos se defen dem,
 Fortes de quatrocentos Casceibanos,
 q̃ em derredor pelos tomar se estedem
 Porèm logo sentiraõ com seus danos
 Que não só se defendem, mas offendem
 Digno feito de ser no mundo eterno,
 Grande n' o tẽpo antigo, & no moderno

C A N T O

Sabese antigamente que trezentos
 Ia contra inim Romanos pelejaraõ,
 No tempo que os viris atreuimentos
 De Viriaco tanto se illustraraõ,
 E deley akantando vencimentos
 Memoraveis, de erança nos deixaraõ,
 q os muitos por ser poucos não temaõ.
 O q depois mil vezes amostramos (mo

37

Otha ca dous Infantes Pedro, & Henrique
 Progenie generosa de Ioane,
 Aquelle faz que fama illustre fique (ne
 Deste em Germania, co q a morte onga
 Este, que elia nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, & delengane
 De certa a maura tumida vaidade,
 Pri neiro entrando as portas da cidade

38

Ves o Conde dom Pedro q sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Ves outro Conde estã que representa
 Em terra Maritima, em forças, & ousadia
 De poder defender se não contenta
 Alcacerẽ da ingente companhia:
 Mas do seu Rey defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua ali perdida.

39

Outros muitos verias q os pintores
 Aqui tambem por certo pintariaõ:
 Mas faltalhe pincel, faltãoines cores,
 Honra, premio, fauor q as artes criaõ
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degeneraõ certo, & se desuiaõ
 Do lustre, & do valor dos seus passados
 Em gostos, & vaidades atolados.

Aquelles pays illustres que ja deraõ
 Principio à geraçam q' delles pende,
 Pela virtude muito entaõ fizeraõ,
 E por deixar a casa que descende,
 Cegos, que dos trabalhos que tiueraõ,
 Se alta fama, & rumor delles se estêde,
 Escuros deixáo, sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corrutores.

41

Outros tãbem ha grandes, & abastados
 Sem nenhũ trõco illustre dõde venhaõ
 Culpa de Reys, que às vezes a priuados
 Daõ mais q' a mil, q' esforço, & saber, te-
 Estes os seus nã querêver pintados (nã
 Credo q' cores vãs lhe não cõuenhaõ,
 E como a seu contrario natural,
 Aa pintura que falla querem mal.

42

Não nego q' ha contudo descêdêtes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com costumes altos, & excellêtes
 Sullentaõ a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor naõ clarifica,
 Naõ falta ao menos, nem se faz escurat
 Mas destes acha poucos a pintura.

43

Assi està declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 q' a douta maõ tam claros, tã perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos, & dereitos;
 O Catual na historia bẽm distincta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
 As gostosas batalhas que ali via.

C A N T O

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escondiu
 Debaxo do Orizante, & luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia,
 Quando o Genticio, & a gente generosa
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

45

Entre tanto os Aruspices famosos
 Na falsa opinãõ, que em sacrificios
 Anteuem sempre os casos duvidosos,
 Por finais diabolicos, & indicios
 Mandados do Rey proprio, estudioso
 Exercitauão a arte, & seus officios,
 Sobre esta vinda desta gente estranha
 Q̃ às suas terras vem da ignota Espanha

46

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro
 De como a noua gente lhe seria
 Yugo perpetuo, eterno catiueiro,
 Destruicão de gente, & de valia:
 Vau-se espantado o atonito agoureiro
 Dizer ao Rey (segundo o que entendia)
 Os sinais temerosos que alcançara
 Nas entranhas das victimas q̃ olhara.

47

A isto mais se ajunta que hũ deuoto
 Sacerdote da ley de Mafamede,
 Dos odios concebidos naõ remoto,
 Contra a diuina Fè, que tudo excede,
 Em forma do Profeta falso, & noto,
 Que do filho da escrava Agar proceda
 Baco odioso em sonhos lhe aparece,
 Que de seus odios inda se naõ dece.

E dizlhe assi, guardaiuos gēte minha
 Do mal que se aparelha pelo imigo:
 Que pelas agoas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo:
 Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
 Espantado do sonho:mas consigo
 Cuida que não he mais q̄ sonho usado,
 Torna a dormir quieto, & sossegado.

49

Torna Baco dizendo, não conheces
 O graõ legislador, que a teus passados
 Tem mostrado o preceito a q̄ obedeces
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu por ti rudo vello, & tu adormeces?
 Pois saberàs que aquellesque chegados
 De nouo saõ, leraõ muy grande dano
 Da lei q̄ eu dei ao neicio pouo humano

50

Em quãto he fraca a força desta gēte,
 Ordena como em tudo se resista,
 Porque quando o Sol sae facilmente
 Se pòde nelle pòr a aguda vista:
 Porèm despois q̄ sobe claro, & ardēte,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tam cega fica, quanto ficareis
 Se raizes criar lhe não tolheis.

51

Isto dito, elle, & o sono se despede,
 Tremendo fica o atonito Agareno
 Salta da cama, lume aos seruos pede,
 Laurando nelle o feruido veneno:
 Tanto q̄ a noua luz que ao Sol precede
 Mostrara rosto Angelico, & sereno,
 Conuoca os principais da torpe ceita,
 Aos quais do q̄ sonhou dà cõta cõreita

C O A N T O

Diuerfos pareceres, & contrarios
 Ali se dão segundo o que entendiaõ,
 Astutas traçoẽs enganos varios,
 Perfidias inuentauaõ, & teciaõ:
 Mas deixando conselhos temerarios,
 Destruiaõ da gente pretendiaõ, (res,
 Por manhas mais sotis, & ardis milho
 Com peitas adquerindo os regedores.

53

Com peitas, ouro, & dadiuas secreta
 Conciliaõ da terra os principais,
 E com razoẽs notaueis, & discretas
 Mostraõ ser perdiçaõ dos naturais,
 Dizendo que saõ gentes inquietas,
 Que os mares discorrendo Occidentais
 Viuem só de piraticas rapinas,
 Sem Rey, sem leys humanas, ou diuina.

54

O quanto deue o Rey q̃ bem gouern
 De olhar q̃ os cõselheiros, ou priuado
 De consciencia, & de virtude interna,
 E de sincero amor sejaõ dotados:
 Porque como estẽ posto na superna
 Cadeira, pòde mal dos apartados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

55

Nem tam pouco direy q̃ tome tanto
 Em grosso, a consciencia limpa, & certa
 q̃ se enleue nũ pobre, & humilde mato
 Onde ambiçaõ a caso ande encuberta
 q̃ quãdo hũ bõ em tudo he justo & sãcto
 Em negocios do mundo pouco acerta
 Que mal coelles poderà ter conta
 A quieta innocencia, em só Deos pronta.

Mas aquelles avaros Catuais,
 Que o Gêntilico pouo governauaõ,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues despacho dilatauaõ:
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauaõ
 Que levar a seu Rey hum final certo
 Do mundo, que deixaua descoberto.

57

Nisto trabalha só, que bem sabia
 Que despois que leuasse esta certeza,
 Armas, & naos, & gentes mandaria
 Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo, & ley someteria
 Das terras, & do mar a redondeza,
 Que elle não era mais que hũ diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

58

Fallar ao Rey Gêntio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse,
 Que ja sentia em tudo da malina
 Gente impedirse quanto desejasse:
 O Rey que da noticia falsa, & indina
 Não era despantar se s'espantasse,
 Que tam credulo era em seus agouros,
 E mais sendo affirmados pelos Mouros

59

Este temor lhe esfria o baixo peito:
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza esta logeito,
 Hũ desejo immortal lhe acêde, & atiza:
 Que bem vê que grandissimo proueito
 Fará, se com verdade, & com justiça
 O contrato fizer por longos annos,
 Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.

Sobre isto nos conselhos q̄ tomava
 Achava muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, có quem se aconselhava
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande Capitão chamar mandava,
 A quem chegado disse, se quiseres
 Confessarme a verdade limpa, & nua,
 Perdaõ alcançará da culpa tua.

61

Eu sou bem informado, q̄ a embaxada
 Que de teu Rey me deste, q̄ he fingida,
 Porq̄ nẽ tu tẽs Rey, nem patria amada
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hisperia vltima alógada
 Rey, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometer com naos, & frotas
 Tam incertas viagês, & remotas?

62

E se de grandes Reynos poderosos
 O teu Rey tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incognita verdade:
 Com peças, & doês altos sumptuosos
 Se lia dos Reys altos a amizade:
 Que final, nem penhor não he bastate
 As palavras dum vago nauegante.

63

Se por ventura vindes desterra do
 Como ja foraõ homẽs alta sorte,
 Em meu Reyno sereis agasalhados,
 Que toda a terra he patria pera o forte
 Ou se piratas fois ao mar vsados,
 Dizemo sẽ tenor de infamia, ou morte
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

64

Isto así dito, o Gama que já tinha
 Suspeitas das infidias que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tam mal o Rey cuidava:
 Cua alta confiança, que conuinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Tais palavras do sabio peito abria.

65

Se os antigos delitos, que a malicia
 Humana cometeo na prisca idade,
 Não causáráo, que o vaso da niquicia,
 Açoute tão cruel da Christandade,
 Viera por perpetua inimicicia
 Na geraçã de Adão, co a falsidade
 Ô poderoso Rey da torpe seita,
 Não conceberas tu tam mà sospeita.

66

Mas porq̃ nenhũ grãde bê se alcança
 Sê grãdes opressões, & em todo o feito
 Segue o temor os paños da esperança,
 Que em suor vine sempre de seu peito,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeito
 Das razões em contrario que acharias
 Senão crelles a quem não cret deuias.

67

Porque se eu de rapinas só viuesse
 Vndiugo, ou da patria deserrado,
 Como cres, que tão longe me viesse,
 Buscar asseito incognito, & apartado?
 Porque esperanças; ou porque interesse
 Viria esprumentando o mar irado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrê do Carneyro os moradores?

68

19

S

C A N T O

Se com grãdes presentes dalta estima
 O credito me pedes do q̄ digo, (Clima
 Eu não vim mais q̄ a achar o estranho
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se aFortuna tanto me sublima, (go
 q̄ eu torne à minha patria, & Reino ami
 Então veràs o dom soberbo, & rico
 Com que minha tornada certifico.

69

Se te parece inopinado feito,
 q̄ Rey da vltimaHisperia a ti me mude,
 O coraçãõ sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possiuel tem por grãde:
 Bem parece q̄ o nobre, & graõ côceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, & fé de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

70

Sabe q̄ ha muitos annos, q̄ os antigos
 Reys nossos firmemente propuserãõ
 De venc. r os trabalhos, & perigos,
 q̄ sempre às grãdes cousas se opuserãõ,
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderaõ
 De saber q̄ fim tinhão, & onde estauãõ
 As derradeiras prayas que lauauãõ.

71

Conceito digno foy do ramo claro
 Do venturoso Rey, que arou primeiro
 O mar, por ir deitar do ninho caro
 O morador de Abila derradeiro:
 Este por sua industria, & engenho raro
 Nũ madeiro ajuntando outro madeiro
 Descobrir pode a parte, q̄ faz clara (Ara
 De Argos, da Ydra a lua, da Lebre, & da

Crescêdo cos successos bõs primeiros
 No peito as ousadias, descobrirão
 Pouco & pouco caminhos estrangeiros
 q̃ hũs succedêdo aos outros proseguirão
 De Affrica os moradores derradeiros
 Austrais, que nũca as sete flâmas virão,
 Forão vistos de nos, atras deixando
 Quantos estão os Tropicos queimado.

73

Assi com firme peito, & cõ tamanho
 Proposito vencemos à Fortuna,
 Ate que nõs no teu terreno estranho
 Viemos pòr a vltima coluna:
 Rompendo a força do liquido estanho
 Da tempestade horrifica, & importuna
 A ti chegamos, de quem só queremos
 Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

74

Esta he a verdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem, tam fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia
 Tam lógo, tam fingido, & vãõ proemios:
 Mas antes descansar me deixaria
 No nunca descansado, & fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheys feito rico.

75

Assi q̃ ò Rey, se minha grãõ verdade
 Tês por qual he, sincera, & não dobrada
 Ajuntame ao despacho breuidade,
 Não me impidas o gosto da tornada:
 E se inda te parece falsidade,
 Guida bem na razão que està prouada,
 Que com claro juyzo pòde verse,
 Que facil he a verdade d'entenderse.

76

Atento

Atento estava o Rey na segurança,
 Com que prouava o Gama o que dizia
 Concede delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia,
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na autoridade grão valia,
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes curruos, mal julgados.

77

Juntamente a cobiça do proueito,
 Que espera do contrato Lusitano,
 O faz obedecer, & ter respeito
 Co Capitão, & não co Mauro engano
 Em fim ao Gama manda, que direito
 Aas naos se vá, & seguro daigam dano
 Poisa a terra mandar qualquer fazêda
 Que pela especiaria troque, & venda.

78

Que mãde da fazêda enfim lhe mãda
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 S'algũa traz idonea là da banda
 Dôde a terra se acaba, & o mar começa
 Ia da Real presensa veneranda
 Se parte o Capitão, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcação, que a sua està de largo.

79

Embarcação q' o leue às naos lhe pede
 Mas o mau Regedor, que nos nos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Intérpondo tardanças, & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arreda
 Longe quanto poder dos regios paços
 Onde, sem que seu Rey tenha noticia,
 Faça o que lhe enimar sua malicia.

La bem longe lhe diz , que lhe daria
 Embarcação bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida differisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentió consentisse
 Na manutenção dos Mouros, torpe & ciera
 O que delle ate li não entendera.

81

Era este Catual, hum dos q̄ estauaõ
 Corrutos pela Maumetana gente,
 O principal por quem se governauaõ
 As cidades do Samorim potence:
 Delle fomento os Mouros esperauaõ
 Efeito a seus enganos torpemente,
 Elle, que no concerto vil conspira
 De suas esperanças não delira.

82

O Gama com instancia lhe requere
 q̄ o mãe por nas naos , & não lhe val,
 E que assi lho mandara, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal:
 Porq̄ razão lhe impede, & lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal,
 Pois aquillo q̄ os Keys ja tem mandado
 Não pôde ser por outrem derrogado?

83

Pouco obedece o Catual corruto
 A tais palauras, antes reuoluendo
 Na fantasia algum sutil, & astuto
 Engano, diabolico, & estupendo,
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue auorrécido, estaua vendo,
 Ou como as naos em fogo lhe abraçasse
 Porque nenhũa à patria mais tornasse.

84

Que

Que nenhum torne à patria só pretêdo
 O conselho infernal dos Maumetanos,
 Por q' não saiba nunca onde se estêdo
 A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
 Não parte o Gama em fim q' lho defêdo
 O Regedor dos barbaros profanos,
 Nem sem licença sua yrse podia.
 Que as almãdias todas lhe tolhia.

85

Aos brados & razões do Capitão
 Responde o Idolatra, que mandasse,
 Chegar à terra as naos, q' longe estão,
 Porque melhor dali fosse, & tornasse:
 Sinal he de inimigo, & de ladraõ,
 Que lá tam longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo, & fido amigo
 He não temer do seu nenhum perigo.

86

Nestas palauras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as naos deseja per
 O Catual, porque com ferro, & flama
 Lhas assalte, por odio descuberto:
 Em varios pensamentos se derrama:
 Fantasiandõ estã remedio certo,
 Que desse a quáto mal se lhe ordena
 Tudo temia, tudo em fim cuidava.

87

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de cristal fermo
 Que do rayo solar sendo ferido,
 Vay ferir noutra parte luminoso,
 F sendo da ouciosa mão mouido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, & telhado,
 Tremulo, aqui & ali, & dessoñegado.

88

Tal o vago juyzo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia cos batéis, como ordenara:
 Logo secretamente lhe mandava,
 Que se tornasse aa frota, que deixara,
 Nam fosse salteado dos enganos,
 Que esperava, dos feros Maumetanos

89

Tal ha de ser quẽ quer co dô de Marte
 Imitar os illustres, & igoalalos.
 Voar co pensamento a toda parte,
 Adiuinhar perigos, & euitallos:
 Com millitar engenho, & sutil arte
 Entender os imigos, & enganallos,
 Crer tudo em fim, que nunca louvarey
 O Capitão que diga, não cuidey.

90

Inãste o Malabar em telo preso,
 Senão manda chegar a terra a armada,
 Elle constante, & de yra nobre aceso,
 Os ameafos seus nam teme nada:
 Que antes quer sobre si tomar o peso,
 De quanto mal a vil malicia oufa da
 Lhe andar armando, q̃ pòr em ventura
 A frota de seu Rei, que tem segura.

91

Aquella noite esteue ali detido,
 E parte do outro dia quando ordena
 De se tornar ao Rei, mas impedido
 Foi da guarda que tinha naõ piquena:
 Cometelhe o Gentio outro partido,
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena
 Se sabe esta malicia, a qual asinha
 Saberã, se mais tempo ali o detinha.

92

Di

C A N T O

Dizlhe que mande vir toda a fazenda
 Quidibil, que trazia, pera a terra,
 Pira que de vagar se troque, & venda,
 Auê não quer comercio, busca guerra
 Nisto que os maos prepositos entenda
 C Gama, que o danado peito encerra,
 Consente, porque sabe por verdade,
 Que compra co a fazenda a liberdade.

93.

Concertaõse que o negro mande dar,
 Embarcações idoneas com que venha,
 Que os seus bateis não quer auêturar,
 Onde lhos tome o inimigo, ou lhos de-
 Partem as almadias a buscar (tenha,
 Mercadoria Hispana que conuenha,
 Escreue a seu irmão, que lhe mandasse
 A fazenda, com que se resgatasse.

94.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual:
 Com ella ficam Alvaro, & Diogo,
 Que a podessem vender pelo que val,
 Se mais q obrigação, q mando, & rogo,
 No peito vil o premio pode, & val,
 Bem o mostra o Gêtio a que o entêda,
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

95.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 E o Capitão mais tempo detiuesse:
 Ille vendo que ja lhe não conuinha
 ornar a terra, porque não podesse
 r mais retido, sendo as naos chegado
 Mas estar se deixa descansado.

Nas naos estar se deyxá vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre,
 Que não se fia ja do cobiçoso
 Regedor corrompido, & pouco nobres
 Veja agora o juyzô curioso
 Quanto no rico, así como no pobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinheyro, que a tudo nos obriga.!

97

A Polidoro mata o Rey Treicio,
 Sò por ficar senhor do grão tesouro:
 Entra, pelo fortissimo edificio,
 Com a filha de Acriso a chuua douro:
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, & louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Da qual quasi afogada em pago morre.

98

Este rende munidas fortalezas,
 Faz tredores, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginais purezas,
 Sé temer de hõra, ou fama algũs perigos
 Este depraua às vezes as sciencias,
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

99

Este interpreta mais que sutilmente
 Os textos este faz, & desfaz leis:
 Este causa os perjurios entre a gente,
 E mil vezes tiranos torna os Reis.
 Até os que só a Deos omnipotente
 Se dedicaõ, mil vezes ouuireis,
 Que corrõpe este encantador, & illude,
 Mas não sem cor com tudo de virtude.

FIM.

K

CAN-

CANTO IX.

1



Iueraõ longamente
cidade
Sem venderse a fazenda
os dous feitores,
Que os infieis por ma
nha, & falsidade

Fazem, q̃ não lha cõprem mercadore
Que todo seu proposito, & vontade
Era, deter ali os descubridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, q̃ as suas desfizessem

2

Là no seyo Eritreo, onde fundada
Arsinoe foy do Egipcio Ptholomeo,
Do nome da irmaã sua assi chamada,
Que depois em Suez se conuerteo,
Não longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, & profana,
Da religiosa agoa Maumetana.

3

Gidã se chama o porto, aonde o trat
De todo o roxo mar mais florecia,
De q̃ tinha proueito grande, & grato
O Soldão que esse Reino possuhia:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano
Especiarla vem buscar cada anno.

4

Pe

Por estas naos os Mouros esperauão,
 que como fossem grandes, & possantes
 aquellas, que o commercio lhe tomauão
 com flamas abraçassem crepitantes:
 Este socorro tanto conhauão,
 que ja não querem mais dos nauegâtes
 enão que tanto tempo ali tardassem,
 que da famosa Meca as naos chegassẽ-

5

Mas o Governador dos Ceas, & gêtes
 que pera quanto tem determinado,
 de longe os mevos d' conuenientes,
 por onde vem a effeito o fim fadado,
 influhiu piadosos accidentes
 de affeição em Monçaide, q̄ guardado
 estava pera dar ao Gama auilho,
 E merecer por isso o Paraíso.

6

Este de quẽ se os Mouros não guardauão
 por ser Mouro como elles, antes era
 participante em quanto machinauão
 a tenção lhe descobre torpe, & fera:
 Muitas vezes as naos que lóge estauão
 visita, & com piedade considera
 o dano, sem razão, que se lhe ordena
 pela maligna gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas,
 que de Arabica Meca vem cad'ano,
 que agora são dos seus tam desejas
 pera ser instrumento deste dano:
 Dizlhe que vem de gente carregadas,
 e dos trouoês horrendos de Vulcano,
 e que pòde ser delias oprimido
 segundo estava mal apercebido.

8

k 2

O Ga-

C A N T O

O Gama que tambe[m] consideraua
 O tempo, que pera a partida o chama
 E que despacho ja não esperaua
 Melhor do Rey, q[ue] os Maumetanos ama
 Aos feitores, q[ue] em terra estão, máda[m]
 Que se tornem às naos: & porq[ue] a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

9

Porèm não tardou muito, q[ue] voando
 Hum rumor não soasse com verdade,
 Que forão presos os feitores, quando
 Forão sentidos virse da cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio Capitão, com breuidade
 Faz represaria n[un]s, que às naos vieraõ,
 A vender pedraria que trouxeraõ.

10

Erão estes antigos mercadores
 Ricos em Calecut, & conhecidos
 Da falta delles, logo entre os melhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos:
 Mas ja nas naos os b[om]s trabalhadores,
 Voluem o cabrestante, & repartidos
 Pelo trabalho, h[un]s puxão pela amarra
 Outros quebrão co peito duro a barra

11

Outros pendem da verga, & ja desatão
 A vella, que com grita se soltaua,
 Quando com maior gr[ita] ao Rei relatão
 A pressa, com que a armada se leuaua:
 As mulheres & filhos, que se matão
 Daquelles que vão presos, onde estaua
 O Samorim, se aqueixão que perdidos
 H[un]s tem os pays, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda liuremente,
 A pesar dos imigos Maumetanos,
 Porque lhe torne a sua preza gente:
 Desculpas mãda oRei de seus enganos,
 Recebe o Capitão de melhormente
 Os prezos, que as desculpas, & tornãdo
 Algũs negros, se parte as yellas dando.

13

Partese costa abaxo, porq̃ entende
 Que em vão cõ Rei gentio trabalhaua,
 Em querer d'elle paz, a qual pretende
 Por firmar o commercio que trataua:
 Mas como aquella terra que se estende
 Pela Aurora, sabida ja deixaua,
 Com estas nouas torna à patria cara,
 Certos sinais leuando do que achara.

14

Leua algũs Malabares, que tomou
 Per força, dos que o Samorim mãdara,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leua pimenta ardente que comprara:
 A seca flor de Banda não ficou,
 A Noz, & o negro crauo, que faz clara
 A noua ilha Maluco, coa canella,
 Cõ que Ceilão he rica, illustre, & bella.

15

Isto tudo lhe ouuera a diligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no liuro de Christo q̃ se escreua:
 ò ditoso Affricano, que a clemencia
 Diuina assi tirou descuro treua,
 E tam longe da patria achou maneira
 Pera subir à patria verdadcira.

16

K 3

Apar

Apartadas assi da ardente costa,
 As venturosas naos, levando a proa
 Pera onde a natureza tinha poita
 A Meta Austrina da esperança boa,
 Levando alegres nouas, & reposta
 Da parte Oriental pera Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, timidos, & ledos.

17

O prazer de chegar à patria cara,
 A seus penates caros, & parentes,
 Pera contar a peregrina, & rara
 Nauegação, os varios ceos, & gentes,
 Vir a lograr o premio, que ganhara
 Por tão longos trabalhos, & accidetes,
 Cada hum o tem por gosto tão perfeito
 Q̃ o coração para elle he vaso estreito.

18

Porem a Deosa Cipria, q̃ ordenada
 Era pera fauor dos Lusitanos
 Do Padre eterno, & por bõ genio dada
 Que sempre os guia ja de lōgos annos.
 A gloria por trabalhos alcançada,
 Satisfação de bem sofridos danos,
 Lhe andaua ja ordenando, & pretendia
 Darlhe nos mares tristes alegria.

19

Despojs de ter hũ pouco reuoluido
 Na mente o largo mar que nauegarão.
 Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
 Nas Amphioneas Thebas, se causarão,
 Ia trazia de longe no sentido,
 Pera premio de quanto mal passarão,
 Buscarlhe algũ deleite, algum deicañio
 No Reyno de cristal liquido, & manso.

Alguni repouso em fim, com q̄ pudesse
 Refucilar a lasta humanidade
 Dos nauégantes seus, como interesse
 Do trabalho, q̄ incurta a breue idade
 Parece razão, que conta d'esse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

21

Isto bem reuoluido, determina
 De terlhe aparelhada là no meio
 Das agoas, algũa insula diuina.
 Ornada desmaltado, & verde arceio:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanãs.

22

Ali quer que as aquaticas donzeltas,
 Esperem os fortissimos varoões,
 Todas as que tem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos coraçoões
 Com danças, & coreas, porque nellas
 Insuirá secretas affeijoões,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeioarem.

23

Tai manha buscou já, pera q̄ aquel le.
 Que de Anchises pario, bem recebido
 Fosse no campo que a bouina pelle
 Tomou de espaço, por sutil partidos
 Seu filho vai buscar, porquẽ so nelle
 Tem todo seu poder, fero Cupido
 Que assi como naquella empresa antiga
 A ajudou já, nest'outra ajude, & sig. t.

No carro ajunta as aues, q̄ na vida
 Vão da morte as exequias celebrando
 E aquellas em que ja foi conuertida
 Peristera, as boninas apanhando:
 Em derredor da Deosa ja partida,
 No ar lasciuios beijos se vão dando,
 Ella por onde passa, o ar, & o vento
 Soreno faz, com brando mouimento.

25

Ja sobre os Idalios montes pende,
 Onde o filho frecheiro estaua então,
 Ajuntando outros muitos, q̄ pretende
 Fazer hũa famosa expedição
 Contra o mundo reuelde, porq̄ emende
 Erros grandes, que ha dias nelle estaõ,
 Amando coufas que nos foraõ dadas,
 Não pera ser amadas, mas vsadas.

26

Via Aeteon na casa, tam austero,
 De cego na alegria bruta, infana,
 Que por seguir hum feo animal fero,
 Foge da gente, & bella forma humana:
 E por castigo quer doce, & seuero,
 Mostralhe a fermosura de Diana,
 E guardesse não seja inda comido
 Desses cães q̄ agora ama, & consumido.

27

E vê do mundo todo os principals,
 Que nenhum no bem publico imagina,
 Vê nelles, que não tem amor a mais
 Q̄ a si somete, & a quẽ Philucia ensina:
 Vê que'esses que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira, & saã doutrina
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondarse o nouo trigo florecente.

Vê q̃ aquelles q̃ denem à pobreza
 Amor diuino, & ao pouo caridade,
 Amão samente mandos & riquezas,
 Simulando justiga, & integridade:
 Da fea tyrania, & de aspereza
 Fazem direito, & vã severidade:
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,
 As em fauor do pouo so perecem.

29

Vê em fim q̃ ninguem ama o q̃ deue,
 Se não o, que samente mal deseja,
 Não quer que tanto tempo se releue,
 O castigo que duro, & justo seja:
 Seus ministros ajunta, por que leue
 Exercitos conformes à peleja,
 Que espéra ter coa mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

30

Muitos destes mininos voadores,
 Estão em varias obras trabalhando
 Hús amolando ferros passadores,
 Outros asteas de seras delgaçando,
 Trabalhãdo cantando estão de amores,
 Varios casos, em verso modulando,
 Melodia sonora, & concettada,
 Suaue a letra, angelica a forda.

31

Nas fragoas immortais, onde forjauão,
 Pera as setas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estauão,
 Viuas'entranhas inda palpitantes:
 As agoas onde os ferros temperauão,
 Lagrimas sam de miseros amantes,
 A viuã flama, o nunca morto lume,
 Desejo he, so q̃ queima, & não consume.

C A N T O

Algũs exercitando a mão andauão
 Nos duros coraçoes da plebe ruda,
 Quebros sospiros pelo ar soauão,
 Dos que feridos vão da seta aguda,
 Fermosas Nimphas são, as que curauão
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não fomenta da vida aos mal feridos,
 Mäs poë em vida os inda não nascidos

33

Fermosas são algũas, & outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas,
 Curaõno às vezes asperas triagas:
 Algũs ficão ligados em cadeas,
 Por palauras sutis de sabias Magas,
 Isto acontece às vezes quando as setas
 Acertão de levar eruas lecretas.

34

Destes tiros assi desordenados,
 q̃ cões moços mal destros vão tirando
 Nascem amores mil desconcertados,
 Entre o pouo ferido miserando,
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea
 Hum mancebo de Assiria, hũ de Iudea

35

E vos ò poderosos por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes,
 E por baxos, & rudos vòs senhoras
 Tãbem vos tomão nas Vulcanias redes
 Hũs esperando andais nocturnas horas
 Outros subis telhados, & paredes,
 Mas eu creyo que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãy, q̃ a do minino.

36

Ma

Mas ja no verde prado o carro leue,
 Punhão os brancos Cisne mansamête,
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, decia diligente.
 O frecheiro, que contra o ceo se atreu
 A recébella vem, ledo, & contente,
 Vem todos os cupidos seruidores
 Bejar a mão à Deosa dos amores.

37

Ella porque não gaste o tépo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz, amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada:
 Filho em quê minhas forçassê, e esta
 Tu que as armas Tifeas tês em nada,
 A socorrerme a tua potestade
 Me traz especial necessidade.

38

Bem ves as Lusitanicas fadigas,
 Que eu ja de muito longe fauoreço,
 Porque das Parcas sey minhas amigas,
 Que me ande venerar, & ter em preço,
 E porque tanto imitaõ as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.

39

E porque das infidias do odioso
 Eaco foraõ na India molestados,
 E das injurias sós do mar vndoso,
 Podêraõ mais ser mortos, q̄ cansados
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foy, quero que sejam repouçados,
 Tomãdo aquelle premio, & doze gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria,

E pera isso quera que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 D' amor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o nouo mundo,
 Todas nua ilha juntas, & subidas,
 Ilha que nas entranhas do profundo
 Oceano, terei aparelhada.
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

41

Ali com mil refrescos, & manjares,
 Com vinhos odoriferos, & rosas,
 Em cristalinos paços singulares,
 Fermosos leitões, & ellas mais fermosas:
 Em fim com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Nymphas amorosas,
 D' amor feridas, pera lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobigarem.

42

Quero que aja no reyno Neptunino
 Onde eu nasci, pro genie forte, & bella,
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se reuela,
 Porq̃ entendão que muro Adamantino
 Nem triste hypocrésia val contra ella:
 Mal hauerà na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43

Afsi Venus propos, & o filho unico
 Pera lhe obedecer ja se apercebe,
 Manda trazer o arco eburneo rico,
 Onde as setas de pōta de ouro embeber:
 Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe,
 A redea larga às aues, cujo canto
 A Phaetontea morte chorou tanto.

Mas, diz Cupido, que era necessaria
 Hũa famosa, & celebre terceira,
 Que posto q̃ mil vezes lhe he cótraria,
 Outras muitas a tem por cópanheira:
 A Deosa Gigantea temeraria,
 Iactante, mentirosa, & verdadeira,
 Que com cem olhos ve, & por onde voz
 O que vê com mil bocas apregoa.

45

Vão a buscar, & mandaõna diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os lououres da gente nauegante,
 Mais do q̃ nũca os doutrem celebrãrã:
 Ia murmurando a fama penetrante
 Pelas fundas cauernas se espalhãra,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

46

O louuor grande, o rumor excellẽte,
 No coração dos Deoses, que indignados
 Forão por Baco contra a illustre gẽte,
 Mudando os fez hũ pouco afeiçoados:
 O peito feminil, que leuemente
 Muda qualesquer propositos tomados;
 Ia julga por mau zelo, & por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

47

Despede nisto o fero moço as setas
 Hũa apos outra, gemẽ o mar cos tiros,
 Dereitas pelas ondas inquietas
 Algũas vão, & algũas fazem giros:
 Caem as Nymphas, lanção das secretas
 Entranhas ardentissimos sospiros,
 Caẽ qualquer, sem ver o vulto q̃ ama,
 Que tanto como a vista pòde a fama.

48

k 7

Os

C A N T O

Os cornos ajuntou da eburnea Lúa,
 Cõ força o moço indomito excessiua,
 Que Thetis quer ferir mais q̃ nenhũa;
 Porq̃ mais que nenhũa lhe era esquiua:
 Ia não fica na aljaua seta algũa,
 Nem nos equoreos campos Nimfa viuã
 E se feridas inda estão viuendo,
 Serã pera sentir que vão morrendo.

49

Day lugar altas, & ceruleas ondas,
 Que vedes Venus traz a medicina,
 Mostrãdo as brancas vellas, & redõdas,
 Que vem por cima da agoa Neptunina:
 Pera que tu reciproco respondas
 Ardente Amor à flama feminina,
 He forçado que a p̃nicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

50

Ia todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas, & junto caminhaua
 Em coreas gentis, y sança velha,
 Pera a ilha, a que Venus as guiãua:
 Ali a fermosa Deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quãdo amaua
 Ellas que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

51

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente, pera a patria amada,
 Desejando prouerse de agoa fria,
 Pera a grande viagem prolongada:
 Quando juntas com subita alegria
 Ouuerãõ vista da ilha namorada,
 Rompendo pelo ceo a mãy fermosa
 De Menone suave, & delcitosã.

De longe a ilha virão fresca, & bella,
 Que Venus pelas ondas lha leuava,
 (Bem como o vento leua branca vella)
 Pera onde a forte armada se enxergava
 Que porq̃ não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Pera onde as naos nauegaó a mouia
 A Accidalia, que tudo em si podia.

53

Mas firme a fez, & immouel, como vio
 q̃ era dos Nautas viãta, & demandada,
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Laetona Phebo, & a Deosa à caça vsada:
 Pera là logo a proa o mar abriu,
 Onde a coita fazia hũa enseada
 Curua, & quieta, cuja branca areia
 Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

54

Tres fermosos outeiros se mostrauão
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte s'a dornauão
 Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
 Claras fontes, & limpidas manauão
 Do cume, que a verdura tem viçosa,
 Por entre pedrãs aluas se diriuã,
 A sonora Limpha fugitiua.

55

Num valle ameno, q̃ os outeiros fende
 Vinhaó as claras agoas ajuntarse,
 Onde hũa mesa fazem, que se estende
 Tam bella, quanto pode imaginar-se:
 Aruoredo gentil sobre ella pende,
 Como q̃ prompto està pera enfeitarse
 Vendosse no cristal resplandecente
 Que em si o està pintádo propriamēte:

56

58

Miz.

C A N T O

Mil arvores estão ao Ceo subindo
 Com pomos odoríferos, & bellos,
 A Larangeira tem no fruto lindo
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos
 Encostasse no chaó, que está caindo
 A Cidreira cos pesos amarellós,
 Os fermosos limoões ali cheirando
 Está virgineas tetas imitando.

57

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem cõ frondente coma ennobrecidos
 Aemos são de Alcides, & os Loureiros
 Do louro Deos amados, & queridos:
 Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros
 De Cybele por outro amor vencidos,
 Está apontando o agudo Cipariso
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

58

Os doës que dà Pomona, ali natura
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito melhores:
 As Cerejas porpureas na pintura,
 As Amoras, que o nome tem de amores,
 O pomo, que dà patria Persia veyo,
 Melhor tornado no terreno alheyo.

59

Abre a Romaã, mostrãdo a rubicúda
 Cor, cõ q tu Rubi teu preço perdes: (dã
 Entrè os braços do Ulmeiro está a jócã
 Vide, cús cachos roxos, & outros verdes
 E vos se na vossa arvore fecunda
 Peras pyramidais viuer quiserdes,
 Entregaiuos ao dano, que cos bicos
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella, & fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina:
 Mas o sombrio valle mais ameno,
 Ali a cabeça a flor Cyfisia inclina,
 Sobolo tanque lucido, & sereno,
 Florece o filho, & neto de Cyniras,
 Por qué tu Deosa Paphia inda suspiras

61

Pera julgar deficitil cousa fora, (res,
 No ceo vêdo, & na terra as mesmas co-
 se daua às flores cor a bella Aurora,
 Ou se lha daó a ella as bellas flores:
 Pintando estaua ali Zefiro, & Flora
 As violas da cor dos amadores,
 O Lirio roxo, a freixa Rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

62

A candida Cacem das Matutinas
 Lagrimas ruciada, & a Manjarona,
 Vense as letras nas flores Hyacintinas,
 Tam queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos, & boninas
 Que competia Cloris com Pomona:
 Pois se as aues no ar cantando voaó,
 Alegres animais o chaó pouoaó.

63

Ao longo da agoa o niueo Cisne cáta,
 Respondehe do ramo Philomela,
 Da sóbra de seus cornos não se espáta
 Asteon nagoa cristalina, & bella:
 Aqui a fugace Lebre se leuanta
 Da espessa mata, ou timida Gazella,
 Ali no bico traz ao caro ninho,
 O mantimento o leue passarinho.

64

69

Nesta

Nesta frescura tal desembarcauão
 Ia das naos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixauão
 Andar as bellas Deosas como incautas
 Algũas doces Cytaras tocuaõ,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingiaõ
 Seguir os animais, que não seguiaõ.

65

Afsi lho acõselhãra a mestra experta
 Que andassem pelos câpos espalhadas
 Que vista dos varoẽs a presa incerta,
 Se fizessem primeiro desejadas
 Algũas, que na forma descuberta
 Do bello corpo estauão confiadas,
 Deposta a artificiosa fermosura,
 Nuas lauar se deixão na agoa pura.

66

Mas os fortes mancebos, q̃ na praya
 Punhão os pès de terra cubiçolos,
 Que não ha nenhum delles, q̃ não say
 De acharem caça agreste desejosos:
 Não cuidão q̃ sem laço, ou redes caya
 Caça naquelles montes deleitosos,
 Tão suauẽ, domestica, & benina,
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

67

Algũs q̃ em espingardas, & nas bêstas
 Pera ferir os Ceruos se fiauaõ,
 Pelos sombrios matos, & florestas
 Determinadamente se lançuaõ:
 Outros nas sombras, q̃ das altas sestras
 Defendem a verdura, passeuaõ
 Ao longo da agoa, que suauẽ, & queda
 Por aluas pedras corre à praya leda.

68

Como

Començaõ de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores de quem a vista julga, & sente,
 Que não erão das roſas, ou das flores,
 Mas da laã fina, & ſeda diferente
 Que mais incita a força dos amores,
 De que ſe veſtem as humanas roſas,
 Fazendoſſe por arte mais fermoſas.

69

Dã Veloso eſpantado hũ grãde grito,
 Senhores caça eſtranha diſſe he eſta,
 Se indã dura o Gentio antigo rito,
 A Deoſas he ſagrada eſta floreſta:
 Mais deſcobrimos do q̃ humano ſp̃rito
 Deſejou nunca, & bem ſe manifeſta
 Que ſão grãdes as couiãas, & excellentes
 Q̃ o mũdo encobre aos homẽs imprudẽ

70

(tes.

Sigamos eſtas Deoſas, & vejamos
 Se fantaſticas ſão, ſe verdadeiras,
 Iſto dito velloces mais que Gamos,
 Se lançãõ a correr pelas ribeiras: (nos,
 Fugindo as Nimſas vão por entre os ra
 Mas mais industrioſas que ligeiras,
 Pouco & pouco ſurrindo, & gritos dãdo
 Se deixãõ yr dos Galgos alcançãdo.

71

De hũa os cabellos de onro o vẽto leua
 Corrédo, & da outra as fraidas delica
 Acendeſe o deſejo que ſe ceua (das
 Nas aluas carnes ſubito moſtradas,
 Hũa de industria cae, & ja releua
 Com moſtras mais macias, q̃ indinadas
 Que ſobre ella empegãdo tãbem caya
 Quem a ſeguiu pela arenosa praya.

72

OUTR

C A N T O

Outros por outra parte vão topar,
 Com as Deosas despidas, que se lauaõ,
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que affalto tal não esperauaõ,
 Hũa fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançauaõ
 Nuas por entre o mato, aos olhos dãdo
 O que às mãos cobiçofas vão negando.

73

Outra como acudindo mais depressa,
 Aa vergonha da Deosa caçadora,
 Escóde o corpo nagoa, outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fora:
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido afsi & calçado (que co a morte
 De se despir, ha medo que inda tarde)
 A matar na agoa o fogo que nelle arde.

74

Qual cão de caçador sagaz, & ardido,
 Vfsado a tomar na agoa a aué ferida,
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
 Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta nagoa, & da preza nao duuida,
 Nadando vay, & latindo, afsi o mácebo
 Remete à que não era irmã de Phebo.

75

Leonardo soldado bem despoito,
 Manhoso, caualleiro, & namorado,
 A quem Amor não dera hũ so delgosto,
 Mas sempre fora d'elle maltratado:
 E tinha ja por firme profuposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porém não que perdesse a esperança,
 De inda poder seu fado ter mudança.

76

Qui

Quis aqui sua ventura, que corria
 Apos Efire, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria
 O que deu pera dar-se a natureza,
 Ia cansado correndo lhe dizia.
 Ô fermosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hũ corpo de quem leuas a alma.

77

Todas de correr cansaó, Nimpha pura,
 Rendendosse à vontade do inimigo,
 Tu so de my so foges na espessura
 Quem te disse que eu era o que te figo?
 Se to tem dito ja aquella ventura,
 ã em toda a parte sempre anda comigo
 O naó a creas , por q̃ eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

78

Não canfes, que me cãfas: & se queras
 Fugirme, porque naó possa tocarte,
 Minha ventura he tal, q̃ inda q̃ esperes
 Ella farà que naó possa alcanfarte:
 Espera, quero ver, se tu quiseres,
 Que sutil modo busca de escaparte,
 E notaràs no fim deste successo, (messo
 Tra la spica & la man , qual muro he

79

O naó me fujas, alsi nunca o bteue
 Tempo fuja de tua fermosura,
 Que so com refrear o passo leue
 Veñceràs da fortuna a força dura:
 Que Emperador, que exercito se atreue
 A quebrantar a furia da ventura,
 ã em quãto desejey me vai seguindo,
 O que tu so faràs nam me fugindo?

C A N T O

Poëste da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potête:
 Leuasme hũ coração, que liure tãha?
 Soltamo, & correràs mais leuemente.
 Não te carrega essa alma tam mesqui-
 que nesses fios de ouro reluzête. (nha,
 Atada leuas? ou depois de preza,
 Lhe mudaste a ventura, & menos peza)

81

Nesta esperança sô te vou seguindo,
 Que ou tu não sofreràs o peso della,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Lhe mudaràs a triste, & dura estrella.
 E se se lhe mudar, não vas fugindo,
 Que Amor te ferirà, gentil donzella,
 E tu me esperaràs, se amor te fere,
 E se me esperas, não ha mais q' espere.

82

Iã não fugiz a bella Nimpha, tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por ir ouuindo o doce canto,
 As namoradas magoas que dizia:
 Voluendo o rosto já sereno, & sancto,
 Toda banhada em riso, & alegria,
 Cair se deixa aos pès do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.

83

ô que famintos beijos na floreira,
 E que mimoso choro que soaua,
 Que afagos taó suaves, que yra honesta
 Que em risinhos alegres se tornaua.
 O q' mais passam na menhá, & na festa
 Que Venus com prazeres inflamaua,
 Melhor he esprimentalo que juigalo,
 Mas juiguelo que não pode esprimentalo

84

Desta

Dest'arte enfim cõformes ja asfermosas
 Nymphas, cos seus amados nauegantes,
 Os ornaõ de capellas deleitosas,
 De louro, & de ouro, & flores abudãtes :
 As mãs aluas lhe dauã como esposas
 Com palauras formais, & estipulantes,
 Se prometem eterna companhia
 Em vida & morte, de honra & alegria.

85

Hũa dellas maior, a quẽ se humilha
 Todo o coro das Nymphas, & obedece,
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
 O que no gesto bello separece,
 Enchêdo a terra, & o mar de marauilha
 O Capitaõ illustre que o merece,
 Recebe ali cõ pompa honesta, & rãgia,
 Mostrãdo se senhora grande, & egregia.

86

Que despois de lhe ter dito quẽ era,
 Cũ alto exordio de alta graça ornado,
 Dando lhe a entender, que ali viera
 Por alta influiçã do imobil fado,
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,
 Da terra immesa, & mar naõ nauẽgado
 Os segredos por alta prophecia,
 O que esta sua naçã se merecia.

87

Tomandoo pela maõ o leua, & guia
 Pera o cume dum mõte alto, & diuino,
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De christaltoda, & de ouro puro, & fino:
 A maior parte aqui passã do dia
 Em doçes jogos, & em prazer contino,
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sãbras entre as flores.

88

Assi

C A N T O

Assi a fermosa , & a forte cópanhia,
 O dia quasi todo estaó passando,
 Núa alma,doce,incognita alegria,
 Os trabalhos taó longos compensando
 Porque dos feitos grandes , da ousadia
 Forte,& famosa,o múdo està guardãdo
 O premio la no fim bem merecido,
 Cõ fama grãde,& nome alto & subido.

89

q̃ as Nymphas do Oceano taó fermosas
 Thetis,& a Ilha angelica pintada,
 Outra cousa naó he,que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada:
 Aquellas p̃tminencias gloriosas,
 Os triumphos,a fronte coroadã
 De Palma,& Louro,agloria&marauilha
 Estes sam os deleites desta Ilha.

90

Que as immortalidades que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 La no estrellante Olimpo a quem subia
 Sobre as asas inclitas da fama,
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pelo trabalho immenso , que se chama
 Caminho da virtude alto & fragoso:
 Mas no fim doce,alegre,& deleitoso.

91

Não eraó senã premios , q̃ reparte
 Por feitos inmortais,& soberanos,
 O múdo,cos varoés,que esforço & arte
 Diuinos os fizeraó,sendo humanos:
 Que Iupiter,Mercurio,Phebo,& Marte
 Eneas,& Quirino,& os dous Thebanos
 Ceres,Palas,& Iuno,com Diana
 Todos foraó de fraca carne humana.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhe deu nomũdo nomes taõ estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos,
 Por isso, ò vos que as famas estimais,
 Se quizerdes nomundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,
 Que o animo de liure faz escrauo.

93

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambição tãbem, que indignamẽte
 Tomais mil vezes, & nõ torpe, & escuro
 Vicio da tirania Infame, & vrgente:
 Porque essas hõras vaãs, esse ouro puro
 Verdadeiro valor naõ daõ à gente,
 Melhor he merecellos, sem os ter
 Que possuilos sem os merecer.

94

Ou day na paz as leys iguais, cóstãtes
 q̃ aos grãdes naõ dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos imigos Sarracenos,
 Fareis os Reinos grandes, & possantes
 E todos tereis mais, & nenhum menos,
 Possuireis riquezas merecidas,
 Cõ as honras, q̃ illustraõ tãto as vidas.

95

E fareis claro o Rey, que tanto amais
 Agora cos conselhos bem cuidados,
 Agora co as espadas, que immortais
 Vos faraõ, como os vossos ja passados:
 Impossibilidades naõ façais,
 q̃ quem quis sãpre pode: & numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta ilha de Venus recebidos.

CANTO X.

1



As ja o claro amador da
Lariffca
Adultera, inclinava os
animais,
La pera o grande lago,
que rodea

Tenistitão, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Faunio enfrea
Co sopro, que nos tanques naturais
È cresta a agoa serena, & despertava
Os Lirios, & Iasmins q̃ a calma agrava.

2

Quando as fermosas Nimfas cos amâtes
Pella mão ja conformes, & contentes,
Subião pera os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas daltos manjares, excelentes,
Lhe tinha aparelhados, cue a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3

Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se a setão, dous & dous, amâte & dama
Poutras à cabeceira douro finas,
Està coa belia Deosa o claro Gama:
De Igoarias suaves, & divinas
A quẽ não chega a Egip̃ia antiga fama
Se accumulaõ os pratos de fulvo ouro,
Trazidos la do Atlantico tesouro.

4

93

Os vinhos odoríferos, que acima
 Estão não só do Itálico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que Ioue tão estima
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde emvão trabalha a lima
 Crespas escumas erguem, q̃ no interno
 Coração mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura d'agoa fria.

5

Mil praticas alegres se tocavaõ,
 Rizos doces, sutis, & argutos ditos,
 q̃ entre hũ & outro májar se alevãtauaõ
 Despertando os alegres apetitos:
 Musicos instrumentos não faltavaõ,
 Quais no profúdo reyno os nũs spritos
 Fizeraõ descansar da eterna pena,
 Cũa voz d'hũa angelica Syrena.

6

Cantava a bella Ninfa, & cos acentos
 Que pellos altos paços vão soando,
 Em consonancia igoal, os instrumẽtos
 Suaues vem a hum tempo cóformãdo:
 Hum subito silencio enfrea os ventos,
 E faz ir docemente murmurandõ
 As agoas, & nas casas naturais
 Adormecer os brutos animais.

7

Com doce voz està subindo ao ceo
 Altos varoẽs, q̃ estão por vir ao mũdo,
 Cujas claras Ideas vio Protheo,
 Num globo vaõ, diafano, rotundo,
 Que Iupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos, & depois no reyno fundo
 Vaticinando o disse, & na memoria
 Recolheo logo a Ninfa a clara historia

C A N T O

Materia he de Coturno, & não de Soco
 A q̃ a Nimfa aprêdeo no immêso lago:
 Qual Yopas não soube, ou Demodoco,
 Entre os Pheaces hũ, outro em Cartago
 Aqui minha Caliope te inuoco
 Neste trabalho extremo, porq̃ em pago
 Metornes do q̃ escreuo, & em vão pretê
 O gosto de escrever, q̃ vou perdêdo. (do

9
 Vão os annos decendo, & ja do Estio
 Ha pouco que passar ate o Otono,
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual ja não me jacto, nê me abono:
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimêto, & eterno sono,
 Mas tu me dá q̃ cumpra ó graó Rainha
 Das Musas, cõ q̃ quero à nação minha.

10

Cantava a bella Deosa, que viriaõ
 Do Tejo, pello mar q̃ o Gama abrirá,
 Armadas que as ribeiras venceriaõ,
 Por onde o Oceano Indico suspira:
 E que os Gentios Reis, que não dariaõ
 A cerviz sua ao jugo, o ferro & ira
 Prouariaõ do braço duro & forte,
 Ate renderse a elle, ou logo à morte.

11

Cantava d'hum q̃ tem nos Malabares
 Do sumo sacerdocio a dignidade.
 Que se por não quebrar cos singulares
 Varoês, os nõs que dera damizade,
 Sofrerà suas cidades, & lugares,
 Com ferro, incendios, ira, & crueldade
 Ver destruir do Samorim potente,
 Que tais odios terà coa nova gente.

É tanta como la se embarcaria
 Em Bellem o remedio deste dano,
 Sem saber o que em si ao mar traria
 O graó Pacheco, Achilles Lusitano:
 O peso sentirã, quando entraria
 O curuo lenho, & o feruido Oceano,
 Quãdo mais nagoa os trócos q̄ gemerẽ
 Contra sua natureza se meterem.

13

Mas ja chegado aos fins Orientals,
 E deixado em ajuda do gentio
 Rey de Cochim, com poucos naturais,
 Nos braços do salgado, & curuo rio
 Desbaratarã os Naires infernais
 No passo Cambalaó, tornando frio
 Despanto o ardor immenso do Oriẽte
 Que verã tanto obrar taó pouca gente.

14

Chamarã o Samorim mais gẽte noua
 Viraó Reis de Bipur, & de Tãndr,
 Das serras de Narsinga, que alta proua
 Estaraó prometendo a seu senhor:
 Farã que todo o Naire em fim se moua
 Que entre Calecut jaz, & Cananor,
 Dambas as leis immigas, pera a guerra
 Mouros por mar, Gentios polla terra.

15

É todos outra vez desbaratãdo (do
 Por terra, & mar, o graó Pacheco oufa
 A grande multidaó que irã matando,
 A todo o Malauar terã admirado:
 Cometerã outra vez não dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injnriãdo os seus, fazẽdo votos (motog
 Em vão aos Deoses vaós, surdos, & im-

C A N T O

Ia não defenderà samente os passos
 Mas queimarlheha lugares, tēplos casas
 Acefo de ira o Caõ, não vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasas:
 Farà q̄ os seus de vida pouco escassos
 Cometaé o Pacheco que tem asas
 Por dous passos num tēpo, mas voando
 D'hum montro, tudo irà desbaratando.

17

Virà ali o Samorim, porq̄ em pessoa
 Veja a batalha, & os seus erforcè, & ani
 Mas hū tiro, q̄ com zonido voa (me,
 De sangue o tingirà no andor sublime:
 Ia não verà remedio, ou manha boa,
 Ne.n foria, q̄ o Pacheco muito estime,
 Inuentarà traiçoès, & vaõs venenos,
 Mas sépre (o ceo querendo) farà menos

18

Que tornarà a vez septima, cantava
 Pellejar co inuictõ, & forte Luso,
 A quem nenhū trabalho peza, & agrana
 Mas contudo este so o farà confuso:
 Trarà pera a batalha horrèda, & brava
 Machinas de madeiros fóra de vfo,
 Pera lhe abalroar as Carauellas,
 Que ate li vaõ lhe fora cometellas.

19

Pella agoa levarà ferras de fogo
 Perà abrazatlhe quãta armada tenha,
 Mas a militar arte, & engenho, logo
 Farà ser vaã a braueza com que venha
 Nenhum claro varaõ no Martio jogo,
 Que nas azas da fama se sostenha,
 Cæga a este, que a palma a todos t ma
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma

Porque tantas batalhas sustentadas
 Cõ muito pouco mais de cem soldados
 Cõ tantas manhas, & artes inuentadas,
 Tantos Cões não imbelles profligados;
 Ou pareceram fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros inuocados
 Decerãm a ajudallõ, & lhe daram
 Esforço, força, ardil, & coraçãõ.

21

Aquelle que nos campos Maratõnios
 O grãõ poder de Dariõ efrne, & rãde,
 Ou quem cõ quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende,
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco cõtende
 Em defenõsa da ponte, ou Quinto Fabio
 Foy como este na guerra forte, & sabio.

22

Mas neste passo a Nimfa o som canoro
 Abaxãdo, fez ronco, & entristecido,
 Cãtãdo em baxa voz enuolta em choro
 O grande esforço mal agardecido:
 ò Belisario, disse, que no coro
 Das Musas serãõ sempre engrandecido
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,
 Aqui tens com quem podes cõsolarte.

23

Aqui tens cõpanheiro assi nos feitos
 Como no galardãõ injusto, & duro,
 Em ti, & nelle veremos altos peitos,
 A baxo estado vir humilde, & escuro:
 Morrer nos hospitais em pobres leitos
 Os que ao Rey, & à ley seruem de muro
 Isto fazem os Reys, cuja vontade
 Manda mais q̃ a justiça, & q̃ a verdade.

C A N T O

Isto fazem os Reis, quando embebidos
Nua apparencia branda q os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
Aa lingua vaã de Vliffes fraudulenta:
Mas vingome q os bês mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta
Se não os dão a sabios caualeiros,
Dãonos logo a auarentos lifongeiros.

25

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo,ò Rey so nisto inico.
Se não es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos,eu te fico
q elle seja entre a gente illustre & claro
E tu nisto culpado por auaro.

26

Mas eis outro, cantaua, intitulado
Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar serà illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos daraõ com braço forte, armado
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, & humano.
Deitado fóra o perfido Tirano.

27

Tambem faraõ Mombaça, q se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,
Em pago dos passados maleficios:
Despois na costa da India, andãdo chea
De lenhos inimigos, & arteficios,
Contra os Lusos: có vellas, & có remos
O mancebo Lourenço farà estremos.

Das grãdes naos, do Samorim potête
 q̃ encherãõ todo omar, coa ferrea pela
 Que sae como trouaõ do cobre. ardête
 Farã pedaços leme, masto, vela,
 Despois lançando arpeos oufadamête
 Na Capitaina immiga: dentro nela
 Saltando, a farã so com lâça & espada
 De quatrocentos Mouros despejada.

29

Mas de Deos a escondia prouidêcia,
 Que ella so sabe o bẽ de que se ferue,
 O porã onde esforço, nem prudencia
 Poderã auer, que a vida lhe reserue:
 Em Chaul, onde em sangue & resistêcia
 O mar todo com fogo & ferro ferue,
 Lhe faraõ, q̃ue com vida se naõ saye
 As armadas de Egipto & de Cambaya

30

Ali o poder de muitos inimigos
 Que o grãde esforço, so có força rãdes
 Os ventos que saltaraõ, & os perigos
 Domar, que sobejãraõ, tudo o ofende
 Aqui resurjaõ todos os antigos,
 A ver o nobre ardor, q̃ aqui se aprêde,
 Outro Sceua veraõ, que espedaçado
 Naõ sabe ser rendido, nem domado.

31

Cõ toda hũa coxa fora, q̃ em pedaços
 Lhe leua hum cego tiro, que passãra,
 Se ferue inda dos animolos braços,
 E do grãd coraçãõ, que lhe ficãra:
 Ate que outro pilouro quebra os laços
 Com que co alma o corpo se liãra,
 Ella solta vpoou da prisam fora,
 Onde subito se acha vencedora.

C A N T O

Vlyte alma em paz da guerra turbulenta
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Que o corpo q̄ em pedaços se apreseta
 Que o gerou vingança ja lhe ordena:
 Que eu ouço retumbar a graõ tormeta
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

33

Eis vem o pay cõ animo estupendo,
 Trazedo furia & magoa por antolhos,
 Cõ q̄ o paterno amor lhe esta mouedo
 Fogo no coraçãõ, agoa nos olhos:
 A sobre yra lhe vinha prometendo,
 Que o sangue farã dar pellos giolhos
 Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,
 Po deloha o Indover, & o Gange ouuilo.

14

Qual o Touro ciõso, que se enfaya
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta
 No trõco d'hum Carualho, ou alta Faya
 E o ar ferindo, as forças esperimenta:
 Tal, antes que no seyo de Cambaya
 Entre Francisco irado nã opulenta
 Cidade de Dabul, a espada aña,
 Abaxandolhe a tumida oufadia.

35

E logo entrando fero na enseada
 De Dio, illustre em cercos, & batalhas,
 Farã espalhar a fraca & grãde armada,
 De Calecu, que remos tem por malhas:
 A de Melique Yaz acautelada,
 Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
 Farã yr ver o frio & fundo assento,
 Secreto leito do humido elemento.

36

Mis

Mas a de Mir Hocem que abalroado
 A furia esperarà dos vingadores,
 Verà braços & pernas yr nadando,
 Sê corpos, pello mar, de seus senhores,
 Rayos de fogo yraó representando,
 No cego ardor, os brauos domadores,
 Quanto ali sentiràm olhos, & ouvidos,
 He fumo, ferro, flamas, & alaridos.

37

Mas ah, que desta prospera vitoria,
 Com que despois virà ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubarà a famosa gloria
 Hum successo que triste & negro vejo,
 O Cabo Tormentorio, que a memoria
 Cos ossos guardarà: não tera pejo
 De tirar deste mundo aquelle espirito,
 Que não tiraraó toda a India, & Egito.

38

Ali Cafres seluagens poderàm,
 O que destros immigos não pudèrão,
 E rudos paos tostados, so faràm,
 O que arcos & pelouros não fizerão,
 Occultos os juizos de Deos sam,
 As gentes vaás que não nos entèderão,
 Chamãolhe fado mau, fortuna escura,
 Sendo so prouidencia de Deos pura.

39

Mas ò q̃ luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a Nimfa, & a voz alcuantava,
 La no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
 Pello Cunha tambẽ, que nũca extinto
 Serà seu nome, em todo o mar que laua
 As ilhas do Austro, & praya, q̃ se chamão
 Des. Lourẽgo, & è todo o Sul se afanão

E A N T O

Esta luz he do fogo, & das luzentes
 Armas cõ q̃ Albuquerque yra amásado
 De Ormuzos Parseos, por seumalvalêtes
 Que refusam o jugo honroso, & brádo.
 Ali verão as setas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar vitando,
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estêde a fe da madre Igreja.

41

Ali do sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praya, & mar se estêde
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
 Ate que à forsa so de braço aprendem
 A abaxar a cerniz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reyno inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

42

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe coroa,
 Quando se sóbra vaã de medo, ou pejo
 Toma a ilha illustrissima de Goa:
 Depois, obedecendo ao duro ensejo
 A deixa, & occasião espera boa,
 Cõ q̃ a torne a tomar, q̃ esforço, & arte
 Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

43

Eis ja sobrella torna & vãy rompendo
 Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
 Abrindo cõ a espada o espesso, & horrê
 Esquadrão de Gétios, & de Mouros: (do
 Irão soldados inclitos fazendo
 Mais que Liões famelicos, & Touros,
 Na luz que sempre celebrada & dina
 Sera da Egipcia sancta Caterina.

Nem tu menos fugir poderás deste,
 Posto que rica, & posto que assentada
 La no gremio da Aurora, onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada:
 As setas venenosas que fizeste,
 Os Crises com que ja te vejo armada,
 Malaios namorados, Iaos valentes
 Todos faras ao Luso obedientes.

45

Mais estanças cantàra esta Syrena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
 Mas alêbroulhe hũa yra que o códena,
 Posto que a fama sua o mûdo cerque:
 O grande capitão, que o fado ordena
 Que có trabalhos gloria eterna mereça,
 Mais ha de ser hũ brando cópanheiro
 Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

46

Mas em tẽpo que fomes, & asperzas
 Doenças, frechas, & trouoês ardentes,
 Afazão, & o lugar fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes:
 Parece de seluaticas brutezas,
 De peitos inhumanos & insolentes,
 Dar extremo suplicio pella culpa (pa.
 Que a fraca humanidade & Amor descul

47

Não serà a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgẽ pura,
 Nem menos adulterio defonesto,
 Mas cũa escraua vil lacisua & escura:
 Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de vsado a crueza fera & dura,
 Cos seus hũa ira infana não refrea,
 Poẽ na fama alua nodã negra, & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
 Da sua Cáspaspe, & deulha alegremêto,
 Não sendo seu soldado esperimentado,
 Né vendosse num cerco duro & vrgêto
 Sentio Ciro que andaua ja abrasado
 Araças, de Pañtea em fogo ardente,
 Que elle tomara emguarda, & prometia
 Que nenhum maõ desejo o venceria.

49

Mas védo o Illustre Persa, q̃ vencido
 Fora de amor, q̃ em fim não té defenõa,
 Leuemente o perdoa, & foy seruido
 Delle num caso grande em recompêsa.
 Per força de Iudita foy marido
 O ferreo Balduuino, mas dispensa
 Carlos paydella, posto em coufas grãdes
 Que viua, & pouoador seja de Frãdes.

50

Mas prosseguindo a Nimpha olôgo cáto
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar, & pòr espanto,
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Medina abominabil teme tanto,
 Quãto Meca, & Gida, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Earborã se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

51

A nobre ilha tambem de Taprobana
 Ia pello nome antigo tão famôsa,
 Quanto agora soberba, & soberana,
 Pella Cortiça calida, cheirosa,
 Della darã tributo à Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa
 Vencendo se erguerã na torre erguida
 Em Colúbo, dos proprios tam temida.

52

Tambem

Também Sequeira as ondas Eritreas
 Diuidindo, abrirá nouo caminho,
 Pera ti grande Imperio que te arreas
 De seres de Candace, & Sabá ninho:
 Maquã com Cisternas de agoa cheas
 Verã, & o porto Arquico ali vizinho,
 E farã descobrir remotas ilhas.
 Que daõ ao mundo nouas maravilhas.

53

Virã despois Meneses, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá terá prouado:
 Castigarã de Ormuz Soberba o erro,
 Com lhe fazer tributo dar dobrado:
 Tambem tu Gama em pago do desterro
 Em que estã, & serã inda tornado,
 Cos titulos de Cõde, & d'hõras nobres,
 Virã mandar a terra que descobres.

54

Mas aquella fatal necessidade,
 De que ninguẽ se exime dos humanos,
 Illustrado coa Regia dignidade,
 Te tirará do mundo & seus enganos:
 Outro Meneses logo, cuja ydade
 He mayor na prudencia que nos anos,
 Governará, & fará o ditoso Henrique,
 Que perpetua memoria delle fique.

55

Naõ vencerã samente os Malabares
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Cometendo as Bóbardas, que nos ares
 Se vingão so do peito que as comete:
 Mas com virtudes certo singulares,
 Vence os inimigos dalma todos sete,
 De cubiça triumphã, & incontinencia,
 Que em tal idade he sumã excellencia.

56

L 8

Mas

C A N T O

Mas despois q̃ as estrellas o chamarẽ,
 Socederàs ò forte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote que fama eterna tenhas:
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

57

No reino de Bintão, q̃ tantos danos
 Tera a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingaràs, co valor de illustres peitos.
 Trabalhos & perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas & sometas.

58

Mas na India cubiça & ambiçaõ,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, & Iustiça, te farão
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem rezão
 Com força & poder, em que està posto,
 Não vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua, & inteira.

59

Mas com tudo não nego q̃ Sampayo
 Serà no esforço illustre, & a finalado,
 Mostrandosse no mar hum fero rayo,
 Que de inimigos mil verà qualhado:
 Em Bacandør farà cruel ensayo
 No Malabar, pera que amedrontado
 Despois a ser vencido delle venha
 Cutiale, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota
 Que Chaul temerá de grande & ousada
 Fará coa a vista so perdida & rota,
 Por Heitor da Silueira, & destrozada:
 Por Heitor Portugues, de que se nota,
 Que na Costa Cábaica sempre armada,
 Será aos Guzarates tanto dano,
 Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

61

A Sampayo feroz socederá
 Cunha, que longo tempo tem o leme,
 De Chale as torres altas erguerá,
 Em quanto Dio illustre delle treme,
 O forte Baçaim se lhe dara,
 Não sem sangue poré, que nelle geme
 Melique, poroue a forsa so de espada
 A tanqueira soberba ve tomada.

62

Tras este vé Noronha cujo Auspicio
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da silueira bem sustenta:
 Fará é Noronha a morte o vsado officio
 Quando hú teu ramo, ô Gama, se exprime
 No gouerno do Imperio, cujo zelo (ta
 Com medo o roxo mar fará amarelo

63

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
 As redeas hum, que ja lera illustrado
 No Brasil, com vencer & castigar
 O Pirata Frances ao mar vsado,
 Depois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Dãmão soberbo & armado,
 Escala, & primeiro entra a porta aberta
 Que fogo & frechas mil teráo cuberta,

64

A etc.

C A N T O

A este o Rey Cambaico soberbissimo
Fortaleza dara na rica Dio,
Porque cõtra o Mogor poderofissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irà com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rey gentio
De Calecut, que assi com quantos veyo
O farà retirar de sangue cheyo.

65

Destroirà a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey cõ muitos em fugida
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerà cõ furor do ferro, & fogo,
Em si verà Beadala o Marcio jogo.

66

Tendo assi limpa a India dos inimigos
Virà despois com cetro a governala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhũa fala:
Sõ quis provar os asperos castigos
Baticalà, que vira ja Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou cheo
E de fogo, & trouoës desfeita, & fea.

67

Este serà Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em toda parte
Quãto em cõselho sabio, & bẽ cuidado:
Socederlheha ali Castro, q̃ o estãdarte
Portugues terà sempre levantado,
Conforme successor ao succedido
q̃ hũ ergue Dio, outro o defẽde erguido

68

Porfas

Perlas feroces, Abafsís, & Rumes
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes
 Que mil nações ao cerco féras vem:
 Paraó dos ceos ao múdo vaós queixu-
 Porq' hús poucos a terra lhe dete, (mes
 Em sangue Portugues juraó descridos
 De banhar os bigodes retorcidos.

69

Basiliscos medonhos, & Lioés,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Suítenta Mascarenhas cos varões,
 Que tam ledos as mortes tê por certas:
 Até que nas mayores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas:
 Das vidas de seus filhos, quer q' niquem
 Có fama eterna, & a Deos se sacrifique

70

Fernãdo hũ delles, ramo da alta práta,
 Ondé o violento fogo com ruído,
 Em pedaços os muros no ar leuanza,
 Serà ali arrebatado, & ao ceo subido:
 Alvaro quãdo o inuernó omãdo esbãta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindoo, vêce as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & despois os inimigos.

71

Eis vem despois o pay, q' as ondas corta
 Co restante da gente Lusitana,
 E com força, & saber, q' mais importa,
 Batalha dà felice, & soberana:
 Hús paredes subindo escusaó porta,
 Outros a abre na fera esquadra insana
 Feitos farao tão dinos de memoria,
 q' não caibaó em verso, ou largahistoria

C A N T O

Este depois em campo se apresente
 Vencedor forte & intrepido, ao possente
 Rey de Cábaya, & a vista lhe amedronte
 Da fera multidão quadrupedante:
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalchaó do braço triumphante
 Que castigando vay Dàbul na costa,
 Nê lhe escapou Pondà no sertão posta

73

Estes & outros varoões por varias partes
 Dinos todos de fama, & maravilha,
 Fazendosse na terra brauos Martes,
 Viram lograr os gostos desta ilha:
 Varrendo triumphantes estandartes
 Pellas ondas, que corta a aguda quilha
 E acharam estas Ninfas & estas mesas,
 Quas glorias, & horas são de arduas empre-

74

Assi cátaua a Nimfa, & as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauão,
 Com que festejaó as alegrès vodas,
 Que com tanto prazer se celebrauão:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nua consona voz todas soauão,
 Não vos ha de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

75

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia, & doce suauidade,
 Virão os altos feitos, que descobre,
 Thetis de graça ornada, & gravidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As feitas desse alegre, & claro dia,
 Pera o felice Gama assi dizia.

76

Fazte

Fazste merce varaõ a Saplencia
Suprema, de cos olhos corporais.
Veres, o que naõ póde a vaã ciencia
Dos errados, & miseros mortais:
Sigueme firmé, & forte, com prudencia
Por este monte espesso, tu cos mais.
Assi lhe diz, & o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

77

Não andaõ muito q̃ no erguldo cume
Se acharão, onde hũ cápo se esmaltava
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chãõ pisava:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro estã euidéte
Como a sua superficie, claramente.

78

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxergasse bem que estã composto
De varios orbes, que a diuina verga
Cõpos, & hũ cẽtro a todos so tẽ posto
Voluêdo, ora se abaxe, agora se erga (to
Nũcas'ergue ous'abaxa, e hũ mesmo rol
Por toda a parte tẽ, & em toda a parte
Começa, & acaba, enfim por diuina arte

79

Vniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto, & de delejo ali ficou:
Dizlhe a Deosa, ò trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, pera q̃ vejas
Por onde vas, & irã, & o que delejas.

C A N T O

Ves aqui a grande machina do mudo
 Eterea, & elemental, que fabricada
 Assim foy do saber alto, & profundo,
 Que he sem principio; & meta limitada
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, & sua superficie tao limada, (d
 He Deos, mas o q he Deos ninguẽ o ent
 q a tao o engenho humano nao se est

81

Este orbe que primeiro vai cercado
 Os outros mais pequenos, q em si tem
 Que esta com luz tao clara radiando,
 Que a vista cega, & a mete vil tambem
 Empireo se nomea, onde logrando
 Puras almas estaõ de aquelle bem,
 Tamanho, q elle so se entẽde, & alcãçã
 De quem não ha no mundo semelhãçã

82

Aqui so verdadeiros gloriosos
 Divos estaõ, porque eu, Saturno & Ian
 Jupiter, Iuno, fomos fabulosos
 Fingidos de mortal, & cego engano:
 So pera fazer versos deleitosos
 Seruimos, & se mais o trato humano
 Nos põde dar, he so que o nome nos
 Nestas estrellas pos o engenho vosso,

83

E tambem porq a Santa providẽcia
 Que em Iupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia
 Governa o mundo todo, que sustentã
 Ensinã a prophetica sciencia,
 Em muitos dos exemplos, q apresenta
 Os que saõ bõs, guiando favorecem,
 Os maos, em quanto põde nos empecem

84

Que

Quer logo aqui a plintura que varia,
 Agora deleitando, ora enfiando,
 Darlhe nomes, que a antiga Poesia
 A seus Deoses ja dera, fabulando:
 Que os Anios da celeste companhia
 Deoses o sacro verso està chamando,
 Nem nega que esse nome preminente,
 Tãbem aos maos se dà, mas falsamẽte.

85

Enfim q̃ o sumo Deos, q̃ por segũdas
 Causas obra no mundo, tudo manda:
 E tornando a contarte das profundas
 Obras da mão diuina veneranda,
 Debaxo deste circulo onde as mudas
 Almas diuinas gozãõ, que naõ anda,
 Outro corre tam leue, & tam ligeiro,
 q̃ não se enxerga, he o Mobile primeiro

86

Com este rapto, & grande mouimẽto,
 Vaõ todos os que dentro tem no seyo,
 Por obra deste o Sol andando a tento
 O dia & noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & soiuzgado a duro frevo,
 q̃ em quãto Phebo, de luz nũca escasso
 Duzentos cursos faz, dã elle hũ passo.

87

Ora o outro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tẽ curso ordenado,
 E nos seus exes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste, & faz ornado
 Co largo cinto douro, que estellantes
 Animais doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

88

Olha

C A N T O

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo
 Olha a carreta, atenta a Cinofura,
 Andromeda, & seu pay, &odrigo horrê-
 ve de Cassiopea a fermosura, (de
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.

89

Debaxo deste grande firmamento,
 Ves o ceo de Saturno Rey antigo,
 Iupiter logo faz o mouimento,
 E Marte abaxo bellico inimigo,
 O claro olho do ceo no quarto a sêto,
 E Venus, que os amores traz consigo,
 Mercurio de eloquencia soberana,
 Com tres rostos debaxo vay Diana.

90

Em todos estes orbes, differente
 Curso veras, nús graue, & noutros leue
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estão caminho breue,
 Bem como quis o padre omnipotente
 Que o fogo fez, & o ar, o vêto, & neue,
 Os quaes veras q̄ jazem mais a dêtro,
 E tem co mar a terra por seu centro.

91

Neste centro pousada dos humanos
 Que não fomite ousados se conentão
 Bê soffrerem da terra firme os danos
 Mas inda o mar instabil esprimentão,
 Veràs as varias partes, que os insanos
 Mares diuidem, onde se aposentão
 Varias nações, que mandão varios Reis
 Varios costumes seus, & varias leis.

92

Ves

Ves Europa Christãã mais alta, & clara
 Que as outras em policia, & fortalezas
 Ves Africa dos bês do mundo anara,
 Inculta, & toda chea de brúteza,
 Co Cabo que atequi se vos negàra,
 Que assentou pera o Austro a natureza
 Olha essa terra toda, que se habitaz
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

93

Vè do Monomotapa o grãde imperio,
 De seluatica gente, negra, & nua:
 Onde Gonçalo morte, & vituperio
 Padecerà polla fé sancta sua:
 Nace por este incognito Hemispherio
 O metal, porque mais a gente sua,
 Ve que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo està Cuama.

94

Olha as casas dos negros, como estaõ
 Sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real, & defensaõ,
 E na fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidaõ (nhos,
 Qual bãdo espesso, & negro de Estorniõ,
 Combaterà em Sofala a fortaleza,
 Que defenderà Nhaya com destreza.

95

Olha là as alagoas, donde o Nilo
 Nace, que não souberão os antigos,
 Velo rega, gerando o Cocodrilo,
 Os pousos Abalsis de Christo amigos,
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos,
 Ve Meroe, que ilha foi de antiga fama
 Que ora dos naturais Nòbà se chama.

96

M

Nesta

C A N T O

Nesta remota terra, hum filho teu
 Nas armas cótra os Turcos serà claro,
 Ha de ser dom Christouão o nome seu,
 Mas contra o fim fatal não ha reparo:
 Ve ca a costa do mar, onde te deu
 Melinde hospicio gasalhofo, & caro,
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Obi, ètra em Quilmáce

97

O Cabo vê ja Aromãta chamado,
 E agora Guardafu dos moradores,
 Onde começa a boca do àfamado
 Mar roxo, que do fundo toma as cores
 Este como limite està lançado,
 q̃ diuide Asia de Africa, & as melhores
 Pouoaçoës, q̃ a grande Africa ali têm,
 Maçuã são, Arquico, & Cuamquem.

98

Ves o extremo Suez, que antigamête
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem q̃ Arsinoe, & ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente
 Estrada o graõ Moyses na antiga idade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em re nos opulenta

99

Olha o monte Sinay, q̃ se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Cáterina,
 Olha Toro, & Gidã, que lhe falece
 A goa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que feneco
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Cços se não deriua.

Olha as Arabias tres, q̃ tanta terra
Tomão, todas da gente ṽga, & baça,
Donde vem os caualos pera a guerra
Ligeiros, & feroces, de alta raça:
Olha a costa que corre ate que cerra
Outro estreito de Persia, & faz a traça
O Cabo, que co nome se apellida,
Da cidade Fartaque ali sabida.

101

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenso pera as aras:
Mas atenta ja ca destoutra banda
De Roçalgate, & prayas sēpre auaras,
Começa o reino Ormuz, q̃ todo se anda
Pellas ribeiras, que inda leraõ claras
Quãdo as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castelbranco nua a espada.

102

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Monçandão dos nanegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abũdantes.
Atenta a ilha Barem, q̃ o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

103

Olha da grãde Petãia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.

104

M 2

Aqui

C A N T O

Aqui de dom Felipe de Meneses
 Se mostrarà a virtude em armas clara,
 Quando cõ muito poucos Portugueses
 Os muitos Parseos vencerà de Lara:
 Viram provar os golpes, & reuefes
 De dom Pedro de Sousa, que prouara
 Ia seu braço em Ampaza, que deixada
 Terà por terra à força só de espada.

105

(cido

Mas deixemos o estreito, & o conhe-
 Cabo de Iaque dito ja Carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da natura, & dos dões vsados della,
 Carmania teue ja por apelido:
 Mas ves o fermoso Indo, que daquella
 Altura nasce junto à qual tambem
 Doutra altura correndo o Gange vem.

106

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,
 E de Iaquete a intima enseada,
 Do mar a enchente subita grãdissima,
 E a vazante que foge apressurada:
 A terra de cambaya ve riquissima,
 Onde do mar o seo faz entrada,
 Cidades outras mil, que vou passando,
 A vosoutros aqui se eitaó guardando.

107

Ves corre a costa cèlebre Indiana
 Pera o Sul, ate o Cabo Comori
 Ia chamado Cori, que Taprobana
 (Que ora he Ceilão) defronte tem de si:
 Por este mar a gente Lusitana
 Que com armas virà despois de ti,
 Terà vitorias terras, & cidades
 Nas quaes hão de viuer muitas ydades.

108

AS

As prouincias, q̄ entre hũ & outro rio
 Ves com varias naçõs, sam infinitas:
 Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
 A quem tem o Demonio leis escriptas:
 Olha que de Narínga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas & benditas,
 Do corpo de Thome, baraõ sagrado,
 Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

109

Aqui a cidade foy, que se chamaua
 Meliapor, fermosa, grande, & rica:
 Os Idolos antigos adoraua:
 Como inda agora faz a gente inica:
 Longe do mar naquelle tempo estaua:
 Quando a fe, que no mundo se publica,
 Thome vinha prègando, & japassara
 Prouincias mil do mundo, q̄ ensinara.

110

Chègado aqui prègado, & jũto dãdo
 A doentes faude, a mortos vida
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rey, que andaua edificando,
 Fazer delle madeira, & não duuida
 Poder tiralo a terra com possantes
 Forças d'homès, de engenhos de Aliphã
 (tes.

111

Era tão grande o peso do madeiro
 Que so pera abalar-se, nada abasta,
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordaõ que traz por derradeiro
 No tróco, & facilmète o leua & arrasta
 Pera onde faça hum sumptuoso tẽplo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

112

M 3

Sabia

C A N T O

Sabia bem que se com se formada
 Mandar a hum monte surdo, q̄ se moua
 Que obedecerà logo à voz sagrada,
 Q̄ así lho ensinou Christo, & elle o pro-
 A gente ficou diſto aluoroçada, (ua
 Os Bramenes o tem por couſa noua,
 Vendo os milagres, vendo a ſantidade,
 Haõ medo de perder autoridade,

113

Sam eſtes ſacerdotes dos Gentios,
 Em que mais penetrado tinha a enueja
 Buscão maneiras mil, buscão delulos
 Cõ q̄ Thome não se ouça, ou morto seja
 O principal, que ao peito traz os fios,
 Hũ caſo horrendo faz, q̄ o munho veja,
 Que inimiga não ha tão dura, & fera,
 Como a virtude falſa da ſincera.

114

Hum filho proprio mata, & logo acufa
 De homicidio Thome, q̄ era innocente
 Dã falſas testemunhas, como se via
 Condenaraõno à morte breuemente:
 O ſanto que não vê melhor eſcuſa,
 Que apellar pera o Padre omnipotente
 Quer diante do Rey, & dos ſenhores,
 Que se faça hum milagre dos mayores.

115

O corpo morto manda ſer trazido
 Que reſucite, & ſeja perguntado,
 Quem foy ſeu matador, & ſerã crido
 Por testemunho o ſeu mais aprouado
 Viraõ todos o moço viuo erguido
 Em nome de Jeſu crucificado,
 Dã graças a Thome, que lhe deu vida
 E deſcobre ſeu pay ſer homicida.

116

El

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey se banha logo na agoa sãta,
 E muitos após elle, hum beija o manto
 Outro louvor do Deos de Thome cãta?
 Os Bramenes se encherão de odio rãto,
 Com seu veneno os morde enueja rãta
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.

117

Hum dia q̄ prègãdo ao pouo estaua,
 Fingirão entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido,
 A multidaõ das pedras, que voaua,
 No Santo dà ja a tudo offerecido, (sa
 Hũ dos maos por fartarse mais de pres-
 Com crua lançã o peito lhe attraueffa.

118

Choraraõte Thome, o Gãge & o Indo,
 Choroute toda a terra que pisaste,
 Mais te choraõ as almas, que vestindo
 Se yão da sançã Fè, que lhe infnaсте
 Mas os Anjes do ceo cantãdo, & rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimoste, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

119

E vofoutros q̄ os només vsurpays
 De mandados de Deos, como Thome,
 Dizey se sois mandados, como estays
 sem yrdes a prègar a sãta Fè?
 Olhay que se sois Sal, & vos danays
 Na patria, onde Propheta ninguem he,
 Com que se salgaram em nossos dias
 (Infeis deixo) tantas Heresias?

no

M 4

Mas

C A N T O

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos à costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado seahorio.

121

Ganges no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grãdes peccadores,
Esta agoa sancta os lava, & dà pureza:
Ve Chatigaó cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Austro daqui virada a costa.

122

Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu, que ja môstros pouoarão,
Môstros filhos do feo ajuntamento
D'húa mulher & hú cão, q' sos seacharaó
Aqui soante Arame no instrumento
Da geração costumão, o que vsaraó
Por manha da Raynha, que inuentádo
Tal vso, deitou fora o error nefando.

123

Olha Tauay cidade, onde começa
De Siaó largo o imperio tão cóprido,
Tenassarí, Quedá, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malaca, por Imperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grãde,
Suas mercadorias ricas mando.

124

Dizem

Dizem que desta terra coas possantes
 Ondas o mar entrando diuidio,
 A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
 Iuntas ambas a gente antiga vio:
 Cherfoneso foy dita, & das prestantes
 Veas douro, que a terra produzio,
 Aurea por epitheto lhe ajuntaraõ,
 Alguns que fosse Ophir ymaginaraõ.

125

Mas na ponta da terra Cingapura
 Veràs, óde o caminho às naos se estreite
 Daqui tomando a Costa à Cynofura
 Se encurua, & pera a Aurorasẽ endereita
 Ves Pam, Patane, reinos, & alongura
 De Syão q̃ estes & outros mais sujeita
 Olha o rio Menão, que se derrama
 Do grãde lago que Chiamay se chama.

126

Ves neste grão terreno os differêtes
 Nomẽs de mil naç ões nunca sabidas,
 Os Laos em terra & numero potentes,
 Auàs, Bramàs, por ferras taõ cõpridas:
 Ve nos remotos montes outras gentes
 Que Gueos se chamaõ de seluages vidas
 Humana carne comem, mas a sua
 Pintaõ com ferro ardẽte, vfangã crua.

127

Ves passa por Camboja Mecom Rio
 Que capitão das agoas se interpreta,
 Tantas recebe doutro so no estio,
 Que alaga os câpos largos, & in quicã,
 Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
 A gente delle crẽ como indiscreta,
 Que pena & gloria tã despois de morte
 Os brutos animais de toda sorte.

128

M 5

E R C

C A N T O

Este receberà placido & brando,
 No seu regaço os Cantos, q̃ molhados
 Vê do naufragio triste, & miserando,
 Dos procellosos baxos escapados:
 Das to nes, dos perigos grandes, quando
 Serà o injusto mando executado
 Naquelle cuja Lira sonora,
 Serà mais affamada que ditosa.

129

Ves corre a costa q̃ Chãpà se chama,
 Cujã mitta he do pão cheiroso ornada,
 Ves Cauchichina etã de escura fama,
 E de Ainão ve a incognita enseada,
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras, & riqueza não cuidada,
 Da china corre, & ocupa o sen'orio
 D'ello Tropico ardente, ao Cinto frio.

130

Olha o muro, e edificio nunca crido,
 Que entre hũ imperio, & o outro se edi-
 ficou: mais final, & conhecido, (fica
 Da potencia real, soberba, & rica:
 Estes o Rey que tem não foy nacido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por cavaleiro sabio & virtuoso.

131

Inda outra muita terra se te esconde
 Ate que venha o tempo de mostrar-se,
 Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
 A natureza quis mais affamar-se:
 Esta meã escondida que responde
 De longe à China donde vem buscar-se,
 He Tap 16, onde nasce a prata fina,
 Que illustrada serà coa Ley divina,

132

Olha

Olha ca pellos mares do Oriente
 As infinitas Ilhas espalhadas
 Ve Tidore, & Ternate, co feruente
 Cume, que lança as flamas ondeadae
 As arvores veràs do Crauo ardente,
 Co sangue Portuguez inda compradas,
 Aqui ha as aureas aues, que não dece n
 Nunca à terra, & so mortas aparecem,

133

Olha de Bãda as Ilhas, q se esmaltão
 Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
 As aues variadas, que ali faltaõ,
 Da verde Noz tomando seu tributo:
 Olha tambem Bornèõ, onde naõ faltãõ
 Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto
 Das arvores, que Cãfora he chamado
 Com que da Ilha o nome he celebrado.

134

Ali tãbem Timor, que o lenho mãda
 Sândalo salutifeto, & cheiroso,
 Olha a Sunda tão larga, que húa bãda
 Esconde pera o Sul difficultoso:
 A gente do Sertão, que as terras anda
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle so sem outro vae,
 Conuerte em pedra o pao q nelle caer

135

Ve naquella q o tempo tornou Ilha,
 Que tãbẽ flamas tremulas vapora,
 A fonte que oleo mana, & a maravilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a silva
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda & fino ouro dà tãbẽm.

136

136

Olha

C. A. N. T. O

Olha em Ceilaõ, q̃ o monte se aleva
 Táto, q̃ as nuués passa, ou avista engan
 Os naturaes ò tempor coisa fancta,
 Pollapedra óde eistà a pègada humana
 Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
 No profundo das agoas soberana,
 Cujò pomò contra o veneno vrgente
 He tido por Antidoto excelente.

137

Veràs defròte eitar do roxo estreit
 Socotorá co amaro Aloe famosa,
 Outras ilhas no mar tambem sozeito
 A vos, na costa de Africa arenola,
 Onde sae do cheiro mais perfeito
 A massa ao mundo occulta, & preciosa
 De sam Lourenço ve a ilha afamada,
 Que Madagascar he dalgũs chamada.

138

Eis aqui as novas partes do Oriente
 Que vos outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente
 Que com tão forte peito nauegais:
 Mas he tambem razão, que no Ponet
 D'hum Lusitano hum feito inda veja
 Que de seu Rey mostrando se agravad
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

139

Vedes a grande terra que continua
 Vay de Calisto ao seu contrario polo
 Que soberba a fatà a luzente mina
 Do metal, que a cor té do louro Apolo
 Castella vossa amiga será dina
 De lançarlhe o colar ao ruão colo,
 Varias prouincias tem de varias gèto
 Em ritos & costumes diferentes.

140

M

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
 Parte também co pao vermelho nota,
 De sancta Cruz o nome lhe poreis,
 Descubrilaha a primeira vossa frota:
 Ao longo desta costa que tereis
 Irà buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portugues, porém não na lealdade.

141

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico Polo vay da linha,
 D'nũa estatura quasi Gigantea
 Homêes verà, da terra ali vizinha:
 E mais auante o estreito, que se arrea
 Co nome delle agora, o qual caminha
 Pera outro mar, & terra que fica onde
 Com suas frias aças o Austro a escóde.

142

Atequi, Portugueses, concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pello mar, que ja deixais sabido,
 Vir im fazer varões de fortes peitos:
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos, que vos fação ser aceitos
 Aas eternas esposas, & fermosas,
 Que coroas vos tecem gloriosas.

143

Podeisvos embarcar, q̄ tendes vento
 E mar tranquilo pera a patria amada:
 Assim lhe disse, & logo moime ao
 Fazem da Ilha alegre, sonamorada:
 Leuão refresco, & noce mantimento,
 Leuão a companhia desejada,
 Das Ninfas que não dater eternamête
 Por mais tempo q̄ o Sol o mûdo aquece.

C A N T O

Assi forão cortando o mar sereno,
 Cõ vento sempre manso, & nũca irado
 Até que ouuerão vista do terreno
 Em que nacerão, sempre desejado:
 Entrarã pella foz do Tejo ameno,
 E a sua patria, & Rey temido & amado
 O premio, & gloria daõ, porq̃ mandou
 E com titulos novos se illustrou.

145

No mais Musa, no mais, q̃ a Lira tenho
 Destemperada, & a voz enrouquecida,
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda, & endurecida:
 O fauor cõ q̃ mais se acẽde o engenho,
 Não no dà a patria não, q̃ està metida
 No gosto da cubiça, & na rudeza
 D'hũa austera, apagada, & vil tristeza.

146

E não sey porque influxo de destino
 Não tẽ hũ ledo orgulho, & geral gosto,
 Que os animos leuanta de continuo,
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:
 Por isso vos ò Rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhai que sois (& vede as outras gẽtes)
 Senhor so de vassallos excellentes.

147

Olhay que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompêtes leoês, & brauos touros
 Dando os corpos a fomes, & vigias,
 A ferro, a fogo, a feras, & pilouros:
 A quentes regioês, a plagas frias,
 A golpes de idolatras, & de Mouros,
 A perigos incognitos do mando,
 A naufragios, a pexes, ao profundo.

148

Po

Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vos tam longe sempre obedientes,
 A queſquer voſſos aſperos mandados
 Sem dar reſpoſta promptos, & cõcentes,
 So com ſaber que ſão de vos olhados,
 Demonios infernais, negros, & ardêtes,
 Cometerã conuolſco, & não duuidõ
 Que vencedor vos fação, não vencido.

149

Fauoreceyos loço, & alegrayos
 Com a preſença, & leſa humanidade,
 De riguroſas leys deſaliuayos,
 Que aſi ſe abre o caminho à ſãctidade
 Os mais eſperimentados leuantayos,
 Se com a eſperiençia tem bondade,
 Pera voſſo conſelho, pois que ſabem
 O como, o quádo, & on de aſcouſas cabẽ

150

Todos fauorecey em ſeus offícios,
 Segundo tem das vidas o talento,
 Tehão Religioſos exercicios
 De rogarem por voſſo regimento,
 Com jejuns, disciplina, pellos vicios
 Comuns, toda ambição terã por vêto
 Que o bon Religioſo verdadeiro,
 Gloria vaã não pretende nem dinheiro

151

Os caualeiros ten de em multa eſtima
 Pois cõ ſea ſanguẽ intrepido, & ieruete
 Eſteadem não ſo acate a ley de cima,
 Mas inda voſſo imprio prẽeminente:
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão ſervir com paſſo diligente,
 Das inimigos vencem, hã os viuos,
 (E o q̃ he mais) os trabalhos exceſſiuos

152

M. S.

Fazci

C A N T O

Fazey senhór q̄ nunca os admirado
 Alemaës, Galos, Italos, & Ingrefes
 Possão dizer que são pera mandado
 Mais que pera mandar os Portuguefe
 Tomay conselho fo desprimmentados
 Que virão largos annos, largos meses,
 Que posto que em scientes muito cab
 Mais em particular o experto sabe.

153

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tratava, & lia.
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende senhór na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

154

Mas eu q̄ falo humilde, baxo, & rud
 De vos não conhecido, nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sey contudo,
 Que o louvor fae às vezes acabado,
 Nam me falta na vida honesto estudo
 Com longa experiência misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis present
 Coufas que juntas se achão raramente

155

Pera seruiruos braço às armas feito
 Pera cantaruos mente às Musas dado
 So me falece fer a vos a ceito,
 De quem virtude deue ser prezada:
 Se me isto o ceo cõcede, & o voffo peit
 Dina empresa tomar de ser cantada,
 Como a presaga mente vaticina,
 Olhando a vossa inclinaçãõ divina.

156

O

Ou fazendo que mais q̃ a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos câpos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, & Trudante,
A minha ja estimada, & leda Musa,
Fico, que em todo o mûdo de vos cãte,
De sorte que Alexandro em vos se veja
Sem à dita de Achilles ter enueja.

F. I. M.









